

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
TERRITÓRIO - PPGSAT

Lara Fernanda Nunes Dourado

**O ESPAÇO INTRA E INTERURBANO DE JANUÁRIA NO NORTE DE MINAS
GERAIS**

Montes Claros – MG, Julho de 2020

Lara Fernanda Nunes Dourado

**O ESPAÇO INTRA E INTERURBANO DE JANUÁRIA NO NORTE DE MINAS
GERAIS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Associado UFMG/UNIMONTES em Sociedade, Ambiente e Território, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano/Regional e Demografia.

Área de Concentração: Sociedade, Ambiente e Território.

Orientadora: Prof.^a Dra. Iara Soares de França

Montes Claros – MG, Julho de 2020

Dourado, Lara Fernanda Nunes.

D739e O espaço intra e interurbano de Januária no Norte de Minas Gerais / Lara Fernanda
2020 Nunes Dourado. Montes Claros, 2020..
166 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Área de concentração em Sociedade, Ambiente e Território. Universidade Federal de Minas Gerais / Instituto de Ciências Agrárias.

Orientadora: Lara Soares de França
Banca examinadora: Lara Soares de França, Ana Márcia Moreira Alvim, Heloisa Soares de Moura Costa.

Inclui referências: f. 155-162.

1. Planejamento urbano. 2. Morfologia Urbana. 5. Januária-MG. I. França, Lara .
Soares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Agrárias.
III. Título.

CDU: 333.77

ELABORADA PELA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DO ICA/UFMG
Edélzia Cristina Sousa Versiani - Bibliotecária CRB-6 1349

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
TERRITÓRIO - PPGSAT

Lara Fernanda Nunes Dourado

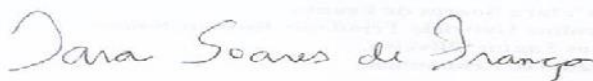
**O ESPAÇO INTRA E INTERURBANO DE JANUÁRIA NO NORTE DE MINAS
GERAIS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Associado UFMG/UNIMONTES em Sociedade, Ambiente e Território, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano/Regional e Demografia.

Área de Concentração: Sociedade, Ambiente e Território.

Linha de Pesquisa: Território e Desenvolvimento


Aprovado pela banca examinadora constituída pelas professoras:



Prof.^a Dra. Lara Soares de França
Orientadora - Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES



Prof.^a Dra. Ana Márcia Moreira Alvim
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / PUC - Minas



Prof.^a Dra. Heloisa Soares de Moura Costa
Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG

Montes Claros – MG, Julho de 2020

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho contei com o precioso apoio de várias pessoas que deixaram a caminhada mais aprazível.

Agradeço ao Pai Celestial por me propiciar a fé necessária para me manter confiante em meus objetivos e conduzir meus passos diante das adversidades.

Aos meus pais, Francisco e Fernanda, que sempre me ensinaram a importância da educação e por me fornecerem amor e apoio incondicionais.

Aos meus irmãos Lays, Igor e Maria Fernanda pelo encorajamento, torcida inspiração e entendimento.

Ao Emerson pelo carinho, paciência, companheirismo, suporte e incentivo.

À Prof.^a Dra. Iara Soares de França pelas orientações sempre dedicadas, atentas e enriquecedoras em meu trabalho. Obrigada por me guiar, fornecer tantos ensinamentos e pela confiança em mim depositada.

Aos professores do PPGSAT por todo conhecimento compartilhado e assistência durante esta jornada.

Ao IFNMG – Campus Januária, pelo apoio institucional e por permitir que eu cursasse este mestrado.

Aos meus queridos amigos do PPGSAT que me acolheram tão bem na turma e compartilharam de momentos únicos, em especial a Bruna, Keyty, Amanda e Larissa, que sempre foram fonte de carinho, apoio e incentivo.

Aos colegas do PPGEIO, pela amizade e apoio na elaboração de mapas, em especial a Valéria, Raul e Cristiano.

Aos amigos e colegas de trabalho do IFNMG, em especial a Jussara, Karla, Tatiane, Jonathan e Rodrigo pelo apoio, carinho e suporte de sempre.

A Helder Matos e André Rocha pelo apoio e gentileza durante a busca de material referencial.

A todos que colaboraram para a realização desse trabalho.

“Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia”

(Guimarães Rosa)

RESUMO

As cidades têm suas dinâmicas espaciais definidas por seu processo histórico de urbanização e em função de seus aspectos sociais, econômicos, políticos e naturais, característicos da sociedade em que estão inseridas. Elas são diversificadas por suas potencialidades econômicas comerciais e industriais, funções urbanas, tamanho demográfico, centralidades e interações com outros núcleos em sua rede urbana. No Brasil, a reestruturação urbana vivenciada após a década de 1970 acarretou, entre outros efeitos, a minimização das disfunções urbanas existentes nas metrópoles devido ao desordenado aumento populacional e econômico, o que trouxe, por consequência, destaque para o papel exercido por cidades pequenas e médias. A ampliação de pesquisas referentes às morfologias e estruturas urbanas desses níveis hierárquicos revelou que o critério demográfico não é suficiente para o seu reconhecimento. Sendo assim, a análise das cidades não metropolitanas deve ser fundamentada também em parâmetros intraurbanos, tais como os aspectos espaciais, históricos, políticos, sociais, econômicos, organização morfológica e centralidades urbanas. Na escala interurbana, as pesquisas devem destacar as interações, os fluxos e os papéis regionais desempenhados por esses centros urbanos. Ainda sobre os estudos urbanos, tem-se o uso de modelos de organização espacial como uma metodologia eficiente de análise da conjuntura do espaço intra e interurbano, já que se reconhece um padrão de ordenação do espaço urbano correspondente a sua categoria hierárquica. Diante disso, esta pesquisa analisou o espaço intra e interurbano de Januária - MG, baseando-se na compreensão do seu contexto histórico, geográfico e de urbanização após a década de 1980, das interações espaciais e das relações de centralidade com seus distritos, municípios da Região Geográfica Imediata e da rede urbana norte-mineira a qual se integra. Para isso, foram identificados seus equipamentos que ofertam bens e serviços que ratificam o seu papel regional e, ainda, aplicou-se o modelo de zoneamento morfológico-funcional para cidades médias mineiras, desenvolvido por Amorim Filho (2007), com intuito de entender as dinâmicas materializadas no seu espaço intraurbano. A estrutura metodológica se baseou em pesquisa bibliográfica e documental, imersão de campo, construção do cartograma morfológico-funcional do espaço urbano de Januária e registro iconográfico. As análises teóricas e empíricas desta pesquisa reconhecem a organização espacial de Januária formada inicialmente em função da proximidade com o Rio São Francisco, em que a expansão da mancha urbana foi impulsionada pelo crescimento populacional, por políticas públicas urbanas e equipamentos urbanos, após a década de 1980. As relações externas de Januária revelam sua centralidade diante dos pequenos municípios da sua Região Geográfica Imediata e as interações espaciais diversas com a Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, a que se vincula de forma complementar. A análise do arranjo morfológico do núcleo urbano januaresense se estruturou com base no modelo de Amorim Filho (2007), e possibilitou reconhecer Januária como uma cidade média “no limiar”, no qual o espaço intra e interurbano se configuram como resultado de processos espaciais geográficos singulares e gerais.

Palavras-chave: Urbanização. Cidade Média. Centralidade. Morfologia Urbana. Januária-MG.

ABSTRACT

Cities have their spatial dynamics defined by their historical urbanization process and in function of their social, economic, political, and natural aspects, characteristic of the society in which they are inserted. They are diversified by their commercial and industrial economic potential, urban functions, demographic size, centralities and interactions with other nucleus in their urban network. In Brazil, the urban restructuring experienced after the 1970s resulted, among other effects, the minimization of the urban dysfunctions existing in the metropolises due to the disordered population and economic increase, which, consequently, highlighted the role played by small and medium cities. The magnification of research related to urban morphologies and structures at these hierarchical levels revealed that the demographic criterion is not sufficient for its recognition. Therefore, the analysis of non-metropolitan cities must also be based on intra-urban parameters, such as spatial, historical, political, social, economic aspects, morphological organization and urban centralities. On the interurban scale, researches should highlight the interactions, flows and regional roles played by these urban centers. Still about the urban studies, there is the use of models of spatial organization as an efficient methodology for analyzing the conjuncture of intra and interurban spaces, since it is recognized a pattern of ordering urban space corresponding to its hierarchical category. Therefore, this research analyzed the intra and interurban space of Januária - MG, based on the understanding of its historical, geographical and urbanization context after the 1980s, of spatial interactions and of centrality relations with its districts, municipalities in the Geographic Region Immediate and of the norte-mineira urban network to which is integrated. For it, its equipment was identified that offers of goods and services that confirmed their regional role, and still it was applied the morphological-functional zoning model for medium-sized cities in Minas Gerais, developed by Amorim Filho (2007), in order to understand the dynamics materialized in its intra-urban space. The methodological structure was based on bibliographic and documentary research, field immersion, construction of the morphological-functional cartogram of the urban space of Januária and iconographic record. The theoretical and empirical analyzes of this research recognize the Januária spatial organization initially formed due to the proximity with the São Francisco River, in which the expansion of the urban spot was driven by population growth, by urban public policies and urban equipment, after the decade of 1980. External relations of Januária reveal its centrality vis-à-vis the small municipalities of its Immediate Geographic Region and its diverse spatial interactions with the Montes Claros Intermediate Geographic Region, to which it is linked in a complementary way. The analysis of the morphological arrangement of the januarensis urban nucleus was structured based on the model of Amorim Filho (2007) and made it possible to recognize Januária as a medium city "on the threshold", in which the intra and interurban spaces are configured as a result of geographic spatial processes singular and general.

Keywords: Urbanization. Medium City. Centrality. UrbanMorphology. Januária-MG.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Esquemas clássicos de segregação residencial	53
Figura 02: Modelo de zoneamento - Burgess, Hoyt e Harris e Ullman.....	54
Figura 03: Organização espacial de uma cidade latino-americana, proposto por Corrêa (1989)	56
Figura 04: Divisões morfológico-funcionais de uma cidade de porte médio.....	62
Figura 05: Casa da Memória – Januária - MG	68
Figura 06: Antigo Porto de Januária - MG	69
Figura 07: Antigo Cais de Januária - MG	69
Figura 08: Antigo Porto de Januária próximo à Praça Benjamin Constant.....	70
Figura 09: Vias urbanas centrais – Januária - MG	71
Figura 10: Ponte sobre o Rio São Francisco que interliga os municípios Pedras de Maria da Cruz e Januária - MG	74
Figura 11: Praia fluvial de Januária - MG	79
Figura 12: Cronologia da origem dos Distritos do Município de Januária - MG	81
Figura 13: Distrito Brejo do Amparo - Município de Januária - MG	82
Figura 14: Distrito Brejo do Amparo - Município de Januária - MG	83
Figura 15: Distrito Levinópolis - Município de Januária - MG	83
Figura 16: Distrito Riacho da Cruz- Município de Januária - MG	84
Figura 17: Distrito Tejuco - Município de Januária - MG	85
Figura 18: Distrito Várzea Bonita - Município de Januária - MG.....	86
Figura 19: Distrito Pandeiros - Município de Januária - MG	86
Figura 20: Expansão da Área Urbana de Januária - MG a)1989; b)1999; c) 2009; d) 2019;	116
Figura 21: Tecido urbano de Januária estabelecido por legislação municipal em 1979, 1989 e 2001	118
Figura 22: Áreas críticas de inundação no sítio urbano de Januária - MG	120

Figura 23: Eixos de crescimento do sítio urbano de Januária - MG	120
Figura 24: Rodovias presentes no sítio urbano de Januária - MG	121
Figura 25: Sítio e tecido urbano de Januária - MG	122
Figura 26: Sítio e tecido urbano de Januária - MG	122
Figura 27: Sítio e tecido urbano de Januária - MG	122
Figura 28: Rua Coronel Serrão – Zona Central de Januária - MG	125
Figura 29: Rua Padre Henrique – Zona Central de Januária - MG	125
Figura 30: Avenida Cônego Ramiro Leite – Zona Central de Januária - MG	125
Figura 31: Antiga Prefeitura Municipal e Casa da Memória - Zona Central de Januária - MG.....	131
Figura 32: Intensidade do trânsito no sítio urbano de Januária - MG.....	131
Figura 33: Edificações residenciais históricas situadas na Zona Pericentral de Januária - MG.....	133
Figura 34: Equipamentos situados na Zona Pericentral de Januária - MG (ACI/CDL)	135
Figura 35: Equipamentos situados na Zona Pericentral de Januária -MG (Feira CEASA).....	135
Figura 36: Equipamentos situados na Zona Pericentral de Januária - MG (Terminal Rodoviário)	135
Figura 37: Praça Tiradentes Zona Pericentral de Januária - MG	136
Figura 38: Bairro Jussara - Zona Pericentral de Januária - MG	137
Figura 39: Centro - Zona Pericentral de Januária - MG	137
Figura 40: Bairro Bela Vista - Zona Periférica de Januária - MG.....	139
Figura 41: Bairro Morada do Alto - Zona Periférica de Januária - MG	139
Figura 42: Bairro São Vicente- Zona Periférica de Januária - MG	139
Figura 43: Bairro Franklin - Zona Periférica de Januária - MG	140
Figura 44: Bairro Jardim Liberdade - Zona Periférica de Januária - MG	140

Figura 45: Bairro Boa Vista - Zona Periférica de Januária - MG	141
Figura 46: Bairro Vale do São Francisco - Zona Periférica de Januária - MG	141
Figura 47: Bairro Vale do São Francisco - Zona Periférica de Januária - MG	142
Figura 48: Vila São Domingos - Zona Periférica de Januária - MG	142
Figura 49: Estrada do Bom Jardim - Zona Periurbana de Januária - MG	143
Figura 50: IFNMG – Campus Januária - Zona Periurbana de Januária - MG	143
Figura 51: IFNMG - Campus Januária - Zona Periurbana de Januária - MG	144
Figura 52: Corredor Chicó de Imídio - Zona Periurbana de Januária - MG	144
Figura 53: Corredor Chicó de Imídio - Zona Periurbana de Januária - MG	144

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Rede urbana do Brasil - REGIC 2007	42
Mapa 02: Rede urbana do Brasil - REGIC 2018	43
Mapa 03: Regiões Geográficas Imediatas - Brasil - 2017	44
Mapa 04: Regiões Geográficas Intermediárias - Brasil - 2017	44
Mapa 05: Hierarquias das cidades médias - 1982	50
Mapa 06: Hierarquias das cidades médias – 1997 e 1998.....	51
Mapa 07: Hierarquias das cidades médias - 2006	51
Mapa 08: Localização do Município de Januária na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros	66
Mapa 09: Distritos do Município de Januária - MG.....	81
Mapa 10: Localização da Região Geográfica Imediata de Januária	88
Mapa 11: Relações externas com as Instituições de Ensino Superior sediadas em Januária	98
Mapa 12: Relações externas com os atendimentos do Hospital Municipal de Januária	100
Mapa 13: Rede Técnica de Transporte da Região Geográfica Imediata de Januária	101
Mapa 14: Regiões Geográficas Imediatas pertencentes à Região Geográfica Intermediária Montes Claros - MG	105
Mapa 15: População total, rural e urbana – Januária, Janaúba, Pirapora e Montes Claros.....	106
Mapa 16: Rodovias- Norte de Minas Gerais.....	111
Mapa 17: Localização da Área Urbana de Januária - MG (2018)	113
Mapa 18: Bacias hidrográficas de Minas Gerais	113
Mapa 19: Hipsometria do perímetro urbano de Januária - MG	114
Mapa 20: Vegetação de Minas Gerais	115

Mapa 21: Zona Central de Januária - MG	127
Mapa 22: Zona Pericentral de Januária - MG.....	134
Mapa 23: Cartograma do Zoneamento Morfológico Funcional de Januária - MG ...	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Eixos teóricos	25
Quadro 02: Rede urbana estadual e o posicionamento dos "centros sub-regionais"	45
Quadro 03: Níveis Hierárquicos das Cidades Médias Mineiras.....	49
Quadro 04: Zoneamento morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades pequenas	58
Quadro 05: Zoneamento morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades médias	59
Quadro 06: Estudos com aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para cidades médias mineiras de Amorim Filho	63
Quadro 07: Estudos relativos ao contexto histórico de formação de Januária - MG, 1959 – 2015	67
Quadro 08: Classificação de Januária nos diversos estudos sobre hierarquia urbana mineira	103
Quadro 09: Distribuição dos Bairros de Januária em Zonas (2018).....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Evolução populacional do município de Januária, 1970 – 2010.....	75
Tabela 02: População, Extensão Territorial e PIB – Municípios de Januária, Bonito de Minas, Cônego Marinho e Pedras de Maria da Cruz.....	76
Tabela 03: Estrutura Etária da População - Município de Januária - MG, 1970 – 2010	77
Tabela 04: Histórico do Produto Interno Bruto por Setor - Município de Januária - MG, 2005, 2010 e 2015, (R\$ 1 mil)	78
Tabela 05: Caracterização da Região Geográfica Imediata de Januária	88
Tabela 06: IDHM dos municípios da Região Geográfica Imediata de Januária	90
Tabela 07: Procedência dos alunos matriculados na IES - IFNMG - Campus Januária (2019).....	92
Tabela 08: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNIMONTES - Campus Januária (2019)	92
Tabela 09: Procedência dos alunos matriculados na IES - FUNORTE Januária (2019).....	93
Tabela 10: Procedência dos alunos matriculados na IES - UFVJM – POLO UAB Januária (2019)	93
Tabela 11: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNIASSELVI – Polo Januária (2019)	94
Tabela 12: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNICA - Polo Januária (2019).....	94
Tabela 13: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNINTER - Polo Januária (2019).....	95
Tabela 14: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNIMES - Polo Januária (2019).....	95
Tabela 15: Procedência dos alunos matriculados no ensino superior: IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES – Januária (2019)	96
Tabela 16: Procedência dos atendimentos realizados no Hospital Municipal de Januária (2019)	99

Tabela 17: Comparativo dos municípios da rede urbana norte-mineira	106
Tabela 18: Comparativo do atendimento hospitalar de pacientes procedentes de Januária, Janaúba, Pirapora e outros municípios no Hospital Aroldo Tourinho, entre 2015 e 2019	109
Tabela 19: Estabelecimentos comerciais da zona central de Januária - MG (2020)	128
Tabela 20: Estabelecimentos de prestação de serviços da zona central de Januária - MG (2020)	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Evolução populacional do município de Januária, 1970 – 2010	75
Gráfico 02: Estrutura Etária da População - Município de Januária - MG, 1970 – 2010	77
Gráfico 03: Histórico do Produto Interno Bruto por Setor - Município de Januária - MG, 2005, 2010 e 2015, (R\$ 1 mil)	78
Gráfico 04: PIB dos municípios da Região Geográfica Imediata de Januária (2002 – 2016)	89
Gráfico 05: Procedência dos alunos matriculados no ensino superior: IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES – Januária (2019)	96
Gráfico 06: Procedência dos atendimentos realizados no Hospital Municipal de Januária (2019)	100
Gráfico 07: Comparativo do atendimento hospitalar de pacientes procedentes de Januária, Janaúba, Pirapora e outros municípios no Hospital Aroldo Tourinho (2015 - 2019)	109

LISTA DE ABREVIATURAS

ACI - Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e de Serviços

AMAMS - Associação dos Municípios da área Mineira da SUDENE

CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas

CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia

EAD - Ensino à Distância

FUNORTE - Faculdades Unidas do Norte de Minas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IEF - Instituto Estadual de Florestas

IES- Instituição de Ensino Superior

IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

INSS- Instituto Nacional do Seguro Social

OAB- Ordem dos Advogados do Brasil

PIB - Produto Interno Bruto

PMCMV - Programa Federal Minha Casa Minha vida

RECIME- Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias

REGIC - Região de Influência das Cidades

SAME - Sistema de Arquivo Médico e Estatística

SIG - Sistema de Informações Geográfica

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UBS - Unidade Básica de Saúde

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci

UNIMES - Universidade Metropolitana de Santos

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros

UNINTER - Centro Universitário Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I CIDADES MÉDIAS E MORFOLOGIAS URBANAS.....	30
1.1. Cidade e urbanização	30
1.2. Redes e hierarquia urbana.....	37
1.2.1. Cidades médias.....	47
1.3. Modelos morfológicos em geografia urbana	52
1.4. O zoneamento morfológico-funcional e os níveis hierárquicos urbanos	57
1.4.1. O zoneamento morfológico-funcional das pequenas cidades	58
1.4.2. O zoneamento morfológico-funcional das cidades médias	59
1.5. O zoneamento morfológico-funcional nas cidades médias mineiras.....	61
CAPÍTULO II O ESPAÇO INTRA E INTERURBANO DE JANUÁRIA	66
2.1. Contexto histórico e expansão urbana.....	67
2.2. A SUDENE no Norte de Minas Gerais.....	71
2.3. Conjuntura demográfica, econômica e social	74
2.4. Januária e seus distritos.....	80
2.5. Januária e a Região Geográfica Imediata e os setores de educação superior e saúde como vetores de centralidade	87
2.6. Januária e a rede urbana norte-mineira.....	102
CAPÍTULO III ESTRUTURA MORFOLÓGICO-FUNCIONAL DE JANUÁRIA / MG.....	112
3.1. Panorama do sítio e do tecido urbano	112
3.2. O modelo de zoneamento morfológico-funcional para Januária	123
3.2.1. Zona Central.....	124
3.2.2. Zona Pericentral	132
3.2.3. Zona Periférica	138
3.2.4. Zona Periurbana.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS.....	155

INTRODUÇÃO

As paisagens e as morfologias das cidades são produtos, entre outros fatores, do processo de urbanização. Eles remetem às estruturas sociais, econômicas, naturais, políticas e regionais nas quais estão inseridos historicamente, sendo que as cidades são diferenciadas pelas funções urbanas desempenhadas e pela divisão social do trabalho.

As relações entre as cidades, as centralidades desempenhadas por elas e o alcance regional exercido promovem o arranjo das redes urbanas e a hierarquização dos núcleos urbanos com potencialidades assimétricas de oferta de bens e serviços. Isso propicia um cenário de trocas e fluxos, em que as cidades ocupam níveis hierárquicos urbanos compatíveis a sua complexidade e dinamismo.

Na França, o nível hierárquico urbano de cidades médias foi inicialmente estudado na década de 1950; depois sua análise se ampliou para outros países. No Brasil, os trabalhos científicos sobre as cidades médias ganharam impulso com o desenvolvimento da tese de Doutorado de Amorim Filho, na década de 1970, que teve por recorte o centro urbano de Formiga em Minas Gerais. Desde então, as pesquisas urbanas com foco nas cidades médias brasileiras se intensificaram devido à descentralização das atividades industriais e à migração da população, que buscava condições de vida melhores que as ofertadas pelas grandes cidades.

A ciência urbana aponta que as cidades de nível hierárquico médio devem ser estudadas a partir de sua estrutura intra e interurbana. Os parâmetros intraurbanos revelam atributos referentes aos dados demográficos e econômicos, aos índices sociais, ao arranjo morfológico, à oferta de bens e serviços, ao contexto histórico e político. Já no aspecto interurbano são avaliadas as redes urbanas, as relações entre núcleos e suas intensidades, as centralidades desenvolvidas pelos serviços especializados e o papel regional desempenhado (AMORIM FILHO et al., 2007; FRANÇA; SOARES, 2012).

A definição conceitual e de critérios para a classificação de cidades médias não são singulares, devido às pesquisas desse nível hierárquico serem consideradas recentes. As disparidades existentes entre as cidades médias brasileiras se fundamentam nas transformações aceleradas e são resultantes do

processo de urbanização, sendo necessário considerar parâmetros de tempo e espaço (BATELLA, 2013).

A compreensão da morfologia urbana reside no reconhecimento do seu processo histórico de formação urbana e na divisão social do trabalho, que influi na relevância das cidades em sua região, através da oferta de bens e serviços diversos.

A percepção de padrões de ordenamento urbano fundamentou a construção dos modelos morfológicos na geografia urbana, que relacionam parâmetros de ordenamento urbano às propriedades funcionais.

Desenvolveu-se inicialmente para representação do espaço urbano da Europa Oriental o esquema de Kohl (1841) e nos Estados Unidos os arranjos de Burgess (1925; 1929), Hoyt (1939) e Harris e Ullman (1945). Há ainda o modelo francês proposto pelos autores Gervaise, Quirim e Crémieu (1997), que incrementam a divisão da estrutura urbana feita por Dezert, Metton e Steinberg (1991). No contexto latino-americano, destaca-se a configuração proposta por Corrêa (1989), que se dedicou a examinar os processos e as formas espaciais do espaço urbano, e o modelo de Amorim Filho (2007) para cidades médias mineiras, que identifica padrões de arranjos urbanos a partir dos níveis de hierarquia urbana.

Pesquisas referentes às cidades médias localizadas no Norte de Minas já foram realizadas por autores como França (2007), Souza (2008); Freitas (2010) e Hermano (2016). O contexto de rede urbana dessas cidades possui como destaque Montes Claros, núcleo de maior posição na hierarquia urbana, com centros urbanos de médio porte, como Januária, Janaúba e Pirapora, em conjunto com as pequenas cidades.

Nessa dimensão, esta pesquisa analisa o espaço intra e interurbano de Januária, município localizado no Norte de Minas Gerais, reconhecendo a relação entre a configuração espacial do seu tecido urbano, as centralidades e interações espaciais existentes.

Baseando-se nos fundamentos teóricos e conceituais e considerando o objeto de estudo dessa pesquisa, se faz os seguintes questionamentos: Quais dinâmicas intra e interurbanas contribuem para o entendimento da produção do espaço urbano

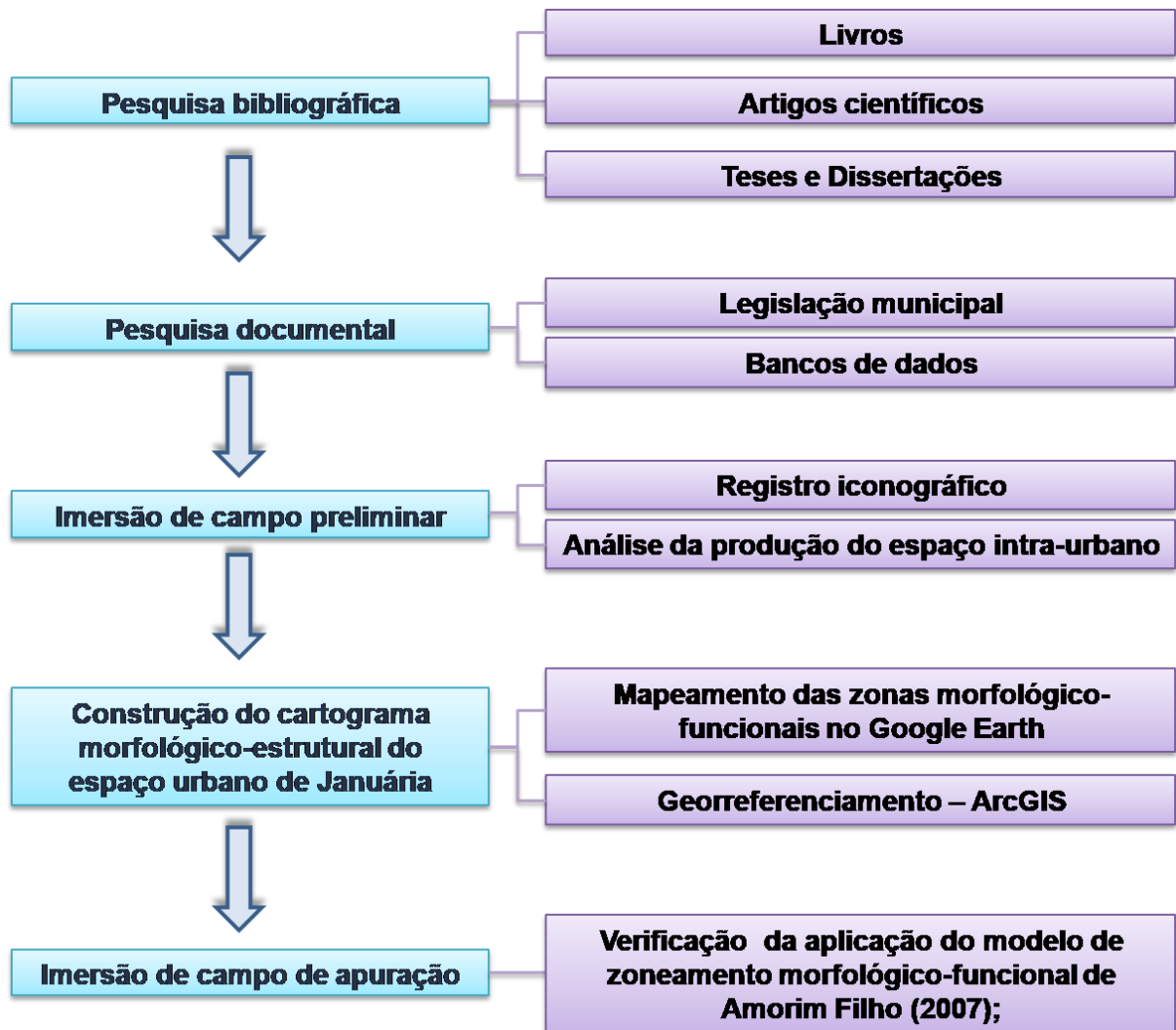
em Januária? Como ocorreu o processo histórico de urbanização de Januária? De que forma Januária é classificada nos estudos sobre hierarquia urbana no Brasil e em Minas Gerais? Quais equipamentos e serviços urbanos, tipos e natureza, estão presentes em Januária e de que forma eles influenciam no seu posicionamento na rede urbana? A aplicação do modelo de Amorim Filho (2007) em Januária permite reconhecer quais processos e dinâmicas intraurbanas?

A partir desses questionamentos, a presente pesquisa analisou o espaço intra e interurbano de Januária, fundamentada na compreensão do contexto histórico e de urbanização após a década de 1980, das interações espaciais e das relações de centralidade com seus distritos, municípios da sua Região Geográfica Imediata e da rede urbana norte-mineira. Para isso, foram identificados os equipamentos e oferta de bens e serviços, destacando-se os setores de ensino superior e saúde, que ratificam o seu papel regional e ainda se aplicou o modelo de zoneamento morfológico-funcional para cidades médias mineiras, desenvolvido por Amorim Filho (2007), com intuito de representar a estrutura morfológico-funcional do espaço urbano.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos, com elementos característicos exploratórios, descritivos e explicativos, com maior intensidade nesses primeiros. Gil (2008) aponta que as pesquisas exploratórias são marcadas por buscarem maior entendimento do problema, objetivando a criação de hipóteses e tornando-o mais explícito. Estas investigações ocorrem, em sua maioria, assumindo aspectos de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso, como desenvolvido nesta pesquisa.

A estrutura metodológica compõe-se das ferramentas de pesquisa bibliográfica e documental, da imersão de campo preliminar e de apuração, da construção do cartograma morfológico-funcional do espaço urbano de Januária e do registro iconográfico, como ilustra o Fluxograma 01.

Fluxograma 01: Etapas metodológicas do projeto de pesquisa



Organização: Dourado, L. F. N. (2020).

A pesquisa bibliográfica baseou-se nas temáticas acerca das cidades, do processo de urbanização, das redes e hierarquias urbanas, dos modelos morfológicos na geografia urbana, destacando-se o modelo proposto por Amorim Filho (2007), além de outras referências e fontes que contextualizam o objeto de estudo em seus aspectos intra e interurbanos.

As temáticas foram fundamentadas em um conjunto teórico interdisciplinar da Engenharia Civil, Geografia e Urbanismo, estruturando eixos conceituais como apresenta o Quadro 01.

Quadro 01: Eixos teóricos

Eixos Teóricos	Referências
<p>Cidade e Urbanização</p>	<p>Aguilar; Ortigoza (2016); Alves (2013); Castells (2006); Harvey (1973); Lefebvre (1968); Moreira Junior (2010); Oliveira; Soares (2014); Pereira; Lemos (2004); Santos (1993); (2006); (2008); Santos; Silveira (2011); Sposito (1988); (1999); Vieira (2011); Villaça (2001);</p>
<p>Rede e Hierarquia Urbana</p>	<p>Amorim Filho; Abreu (1998); Amorim Filho; Bueno; Abreu (1982); Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007); Arruda; Amorim Filho (2002); Batella (2013); Bessa (2007); Christaller (1966); Corrêa (2006); Deus (2004); França (2007); IBGE (2007); (2017); Oliveira; Soares (2014); Simões et al. (2010);</p>
<p>Modelos Morfológicos em Geografia Urbana Zoneamento Morfológico-Funcional para Cidades Médias Mineiras</p>	<p>Amorim Filho (2007); Corrêa (1989); Alves; Diniz (2008); Andrade (2015); Bertini (2011) Botelho (2007); Cortezzi; Amorim Filho (2012); Costa (2013); Freitas (2010); Hermano (2016); Mello (2015); Motter (2014); Sathler; Amorim Filho; Varajão (2015); Sena Filho (2006); Souza (2008)</p>

(Continua)

(Conclusão)

Eixos Teóricos	Referências
Januária: Contexto Histórico e Expansão Urbana	IBGE (1959); Amaral (2008) Andrada (2013); (2015); Pereira (2004); Santos; Silva (2011); Sindeuax; Ferreira (2012); Souto; Santos (2014);
Januária e a Rede Urbana nortemineira	França et al. (2009); França et al. (2016); França; Queiroz (2013); França; Queiroz; Souza (2012); França; Soares (2012);

Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Já a pesquisa documental constituiu-se na análise e no levantamento de leis em âmbito municipal, entre elas o Código de Obras – Lei nº 1006 de 1979, Delimitação e Ampliação do Perímetro Urbano – Lei nº 1.000 de 1979, com mudanças promovidas pela Lei 1.333 de 1989, Lei 1.930 de 2001, Lei nº 2.227 de 2010 e Lei nº 2.326 de 2012, e o Plano Diretor previsto pela Lei Complementar nº 068 de 2008.

Dados secundários do acervo da Prefeitura e da Câmara Municipal de Januária acerca dos registros dos bairros também foram utilizados na pesquisa documental; além de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre população, economia, Produto Interno Bruto (PIB) e a área territorial. Ainda, foram usados índices do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, referente aos municípios da Região Geográfica Imediata. Buscou-se também informações sobre a participação dos setores de serviços, agropecuário e industrial de Januária nos arquivos da Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e de Serviços (ACI), juntamente com a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), além dos registros dos municípios de procedência dos pacientes do Hospital Municipal de Januária no Sistema de Arquivo Médico e Estatística (SAME) em 2019 e dos alunos matriculados no ano de 2019 nas Instituições de Ensino Superior (IES), localizadas em Januária.

A imersão de campo preliminar ocorreu em momentos distintos, inicialmente abrangeu os meses de janeiro e abril de 2019, seguindo a divisão de bairros

estabelecida pela Prefeitura Municipal de Januária¹. Na zona norte foram visitados os bairros Jardim Daniel, Novo Milênio; já na zona sul os bairros Cerâmica e Centro; na zona leste os bairros Franklin e Vila Paula e, por fim, na zona oeste os bairros Caic e Nova Consuelo. A escolha desses bairros deu-se com intuito de investigar de forma preliminar os agentes urbanos e as suas práticas na produção do espaço de Januária.

A segunda etapa das imersões nos bairros ocorreu entre os meses de julho e outubro de 2019, e objetivou-se reconhecer as residências e suas morfologias típicas, os comércios, os equipamentos terciários e a transição urbano-rural, já relacionando as suas composições ao modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007). Nesse momento foram visitados os bairros: Eldorado, Vila Levianópolis, Vila Jadete, Terceiro Milênio, Boa Vista, Bom Jardim e Jardim Liberdade localizados na zona norte; Vila Margarete, Centro e Lagoa do Velho Chico na zona sul; Alto dos Poções parte baixa; Jardim Stela, Joventina Mesquita de Barros e São Vicente na zona leste; Aeroporto, Jussara, Boa Esperança, Morada do Alto e Leão XIII na zona oeste. Nessa etapa, ainda foram realizados registros iconográficos dos bairros para auxiliar na análise do espaço intraurbano.

A construção do cartograma morfológico-funcional do espaço urbano de Januária foi fundamentada nas teorias das zonas morfológico-funcionais e nas imersões de campo, utilizando softwares e aplicativos de Sistema de Informações Geográfica (SIG), com o auxílio do Laboratório de Geoprocessamento da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e do croqui de delimitação da área urbana fornecido pela Prefeitura Municipal de Januária no Google Earth.

A imersão de campo de apuração aconteceu nos meses de novembro de 2019, fevereiro, março e junho de 2020, e se alinhou à composição do cartograma morfológico-estrutural do espaço urbano, onde se visitou as zonas geográficas, em suas transições, para averiguar se o modelo Amorim Filho (2007) é aplicável em Januária.

¹O acervo consultado da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Januária, em novembro de 2018, contabiliza 51 bairros na área urbana, distribuídos na zona norte (12), zona sul (10), zona leste (15) e zona oeste (14).

A análise do arranjo morfológico do núcleo urbano januarense se fundamentou à luz do modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007), examinando os aspectos de suas interações externas e de sua estrutura interna, observando seu contexto histórico, econômico e social, associando-o aos processos e formas espaciais definidos por Corrêa (1989).

Com isso foram discriminadas as zonas geográficas em central, pericentral, periférica e periurbana, com a observação do espaço construído, da infraestrutura urbana, da presença de equipamentos terciários e de suas respectivas atratividades, da localização das principais vias, da paisagem urbana, da intensidade de trânsito, além da identificação dos processos espaciais de centralização, descentralização, coesão, segregação e cristalização, materializados nessas zonas.

A dissertação se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo, denominado “Cidades Médias e Morfologias Urbanas”, trata as cidades como um espaço de expressão do processo de urbanização e como um reflexo das heranças de arranjos políticos, sociais e econômicos em escalas intra e interurbanas. Nessa conjuntura, abordaram-se as teorias acerca das redes e hierarquias urbanas, com ênfase para as cidades médias e para o uso de modelos morfológicos na geografia urbana, identificando, à luz do modelo de Amorim Filho (2007), o padrão de organização morfológico-funcional, balizado na classificação hierárquica, como critério de identificação para as cidades médias e para análise geográfica contemporânea.

O capítulo dois, intitulado de “O Espaço Intra e Interurbano”, aborda o posicionamento hierárquico da cidade de Januária, compreendendo os processos históricos de expansão urbana, as políticas públicas constituintes de centralidades e as conjunturas sociais, econômicas e demográficas. Para além do seu espaço urbano, foram utilizadas escalas de estudos dos seus distritos, da Região Geográfica Imediata e da rede urbana norte-mineira para compreensão das relações de centralidades e das complementaridades exercidas entre as cidades, destacando-se os setores de ensino superior e de saúde como vetores de centralidade.

O terceiro capítulo, que tem como título “Estrutura Morfológico-Funcional de Januária - MG”, estuda o sítio e o tecido urbano januarense e identifica as zonas

geográficas urbanas que configuram o espaço baseadas no modelo de Amorim Filho (2007). Constituiu-se ainda nesse capítulo o cartograma de zoneamento morfológico-funcional de Januária, pautado nas bases teóricas, nas imersões de campo e nos registros iconográficos. Assim, analisou-se Januária como cidade média a partir da estrutura fornecida pelo mapeamento, reconhecendo a conjuntura regional e as realidades híbridas presentes nos centros urbanos de tal categoria.

A realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar as análises referentes à urbanização de cidades mineiras médias e pequenas. A importância deste tipo de análise revela-se na construção do cenário socioeconômico e das relações existentes entre as cidades no âmbito das redes urbanas, considerando a possibilidade de concretização e o gerenciamento de políticas urbanas que se aproximem da realidade e da demanda dos municípios.

O tema tem ainda a relevância acadêmico-científica sob a ótica de estudos do espaço intra e interurbano para as cidades pequenas e médias do Norte de Minas Gerais. Amorim Filho (2007) retrata a insuficiência de análises para esses níveis de cidades apontando que:

quando se tomam como objetos de estudos níveis mais modestos de organismos urbanos, como as cidades médias e pequenas, os processos de teorização e de construção de modelos são bem menores e profundos, e são, conseqüentemente, mais simples e incipientes. Sobre o zoneamento morfológico-funcional de tais cidades, esses estudos são ainda mais raros (AMORIM FILHO 2007, p. 35).

Em síntese, o presente estudo analisou as correspondências das concepções teóricas de propriedades intra e interurbanas para a compreensão das funcionalidades e das dinâmicas urbanas do processo de produção do espaço e da organização morfológica de Januária - MG.

CAPÍTULO I

CIDADES MÉDIAS E MORFOLOGIAS URBANAS

Este capítulo aborda o nível hierárquico das cidades médias, que ganharam maior relevância no processo mais recente de urbanização no Brasil, a partir de 1970. Esses centros urbanos não possuem unicidade para definição conceitual, devendo ter suas análises conduzidas por critérios locais, temporais e regionais.

Ainda sobre os estudos das cidades, este capítulo trata da utilização de padrões de organização funcional dos centros urbanos, conforme a sua hierarquia urbana, como método de análises acerca dos centros urbanos pautados nas divisões morfológico-funcionais que compõem a sua estrutura, considerando ainda, seu processo histórico de urbanização e seu posicionamento hierárquico na rede urbana. Para isso, recuperam-se bases teóricas de padrões morfológicos, com ênfase para o modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007).

As cidades são expressão do processo de urbanização, aludindo às heranças de arranjos políticos, sociais e econômicos vivenciados, bem como aos sistemas urbanos a que pertencem. Nessa perspectiva, os estudos das cidades devem compreender suas redes e níveis de hierarquias urbanas, entendendo as centralidades desempenhadas, as relações e as trocas de fluxos nas regiões.

As redes urbanas são compostas por núcleos urbanos que possuem relações de trocas heterogêneas, permitindo um arranjo de dinâmicas urbanas distintas com relações de centralidades e complementação. Nesse sentido, as cidades apoderam-se de diferentes estratificações hierárquicas que remetem às suas complexidades.

1.1. Cidade e urbanização

As formas e os atributos das cidades são resultados de processos diversos nelas materializados desde a sua gênese, daí a importância de se compreender como se deu o processo de urbanização historicamente.

Sposito (1988) realiza o resgate da formação das primeiras cidades, retomando ao conceito de urbanização existente anterior ao capitalismo, ainda no

período Paleolítico, em que as primeiras manifestações de interesse em relacionar com o local surgiram; no Mesolítico, caracterizado pela evolução da domesticação dos animais e vegetais voltados para a alimentação humana e no Neolítico, que traz a formação das primeiras aldeias, formato embrionário das cidades.

Para a constituição das cidades, fez-se necessário a complexificação social, com a criação de instituições sociais, de relações de dominação e exploração e com o estabelecimento de uma sociedade de classes. Nesse sentido, as cidades na antiguidade possuíam um papel de destaque como centro de poder e, apesar do retrocesso da urbanização no período do feudalismo, elas se tornaram um espaço essencial para a retomada do processo de urbanização, com a reativação do comércio enquanto atividade urbana, com a ruptura da economia feudal e com a estruturação do modo de produção capitalista.

Ainda analisando a função das cidades na evolução dos sistemas produtivos, Sposito (1988) as descreve como um espaço de produção que substitui o trabalho artesanal pelo uso das máquinas e de trabalhadores assalariados. Isso culminou na Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, gerando o capitalismo industrial e as disfunções urbanas, como consequência do crescimento populacional acelerado. Assim, o estado passa a interferir no planejamento das cidades, preconizando regras e fornecendo infraestrutura.

A autora reflete ainda sobre a relação da urbanização e do capitalismo monopolista (século X), ressaltando atributos das cidades, tais como sua concentração e rapidez do ciclo do capital, que melhor viabilizam o desenvolvimento do capitalismo, mas que em concomitância ocorrem como reflexo desta fase desiguais evoluções e produção das cidades. Exteriormente há certa homogeneidade nas cidades, porém as funções desempenhadas são diferenciadas com base da especialização da divisão do trabalho.

De acordo com Alves (2013) as cidades do século XX são marcadas pela transformação constante, fragmentação progressiva, funcionalidades complexas e dispersão, além de suas centralidades serem congestionadas e permeadas por áreas residenciais escassas, segregadas e autorreferenciadas. O autor destaca que

as cidades modernas carregam implicações das novas tecnologias na organização espacial, com interligação instantânea e em rede global.

Há então influências entre as cidades, os processos de urbanização, os sistemas produtivos e os contextos históricos, que compreendem as formas de ocupação do espaço urbano das cidades.

As cidades têm a sua configuração espacial baseada em aspectos físicos e naturais que as compõe, como por exemplo: presença de rios, condições topográficas e vegetação, mas também é influenciada pela infraestrutura construída e nos processos espaciais nela configurados, como por exemplo, a segregação social. Tais elementos são fundamentais para a compreensão desse objeto de estudo em sua complexidade

A definição de cidade é trazida por Lefebvre (1968) como um resultado da realidade em forma prática, sensível e na arquitetura. Já David Harvey (1973) explica a cidade como um sistema dinâmico e complexo, em que há interação constante entre a forma espacial e o processo social. Já para Santos (2006) a cidade é como consequência das conjunturas sociais e econômicas existentes, impostas pelo contexto urbano globalizado e divergente.

De acordo com Santos; Silveira (2011), as cidades atuam como produtoras de bens e serviços e como depositárias, buscando atender às necessidades da vida e das relações. A ligação existente entre as cidades e as relações de consumo é tratada por Santos; Silveira (2011, p. 253):

As cidades são os pontos de interseção e superposição entre as horizontalidades e as verticalidades. Elas oferecem os meios para o consumo final das famílias e administrações e o consumo intermediário das empresas. Assim, elas funcionam como entrepostos e fábricas, isto é, como depositárias e como produtoras de bens e serviços exigidos por elas próprias e por seu entorno.

Aguilar; Ortigoza (2016) definem que a cidade é contemplada pela sua função urbana, que justifica a sua existência e que possibilita o acúmulo de recursos necessários para a sua sustentação, e pela sua somatória de atividades. Contribuindo com esse debate, Corrêa (1989) afirma que as cidades podem ser definidas como um ou vários núcleos localizados em uma determinada região ou país, como um espaço urbano, sendo que este é constituído pelos diversos usos da

terra e se apresenta de forma fragmentada e articulada simultaneamente, e como um reflexo social:

Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, etc. O espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo os diferentes grupos sociais, etários, etc. (CORRÊA, 1989, p. 9).

As cidades são, portanto, o reflexo dos processos sociais e econômicos, que se projetam em forma espacial, somadas às tradições acumuladas, diversificando-se pelas suas potencialidades comerciais, costumes, diferenças, funções sociais e formação histórica. É na cidade que as populações se concentram massivamente e realizam, predominantemente, o seu consumo.

No processo de urbanização são criadas e desenvolvidas as redes de interações econômicas e sociais, e com isso, são promovidas as funções urbanas especializadas baseadas na divisão social do trabalho. A esse respeito, Castells (2006, p.40) define:

Urbano designaria então uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta, tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional e social maior.

O conceito de urbanização está ligado ao de cidade, sendo compreendido como um processo, e não uma forma espacial, que permite reconhecer o arranjo demográfico, econômico e a dinâmica social e cultural (SPOSITO, 1999). A dialética existente entre os conceitos de cidade e urbanização é trabalhada por Moreira Junior (2010, p. 2):

A cidade como forma concretizada do processo de urbanização é um produto e condição de (re) produção de uma sociedade. O espaço urbano é produzido de modo desigual, em um processo complexo e dinâmico, onde ocorre tanto a expansão do tecido urbano quanto a verticalização em determinadas partes das cidades.

A cidade é analisada pelos pesquisadores a partir de duas escalas, a intra e a interurbana. Para Villaça (2001), o espaço intraurbano possui sua estruturação baseada não apenas no deslocamento de pessoas, mas também nas conjunturas da qualidade da força de trabalho ou mesmo de consumidor, ressaltando, portanto, a influência do centro urbano nas áreas comerciais e de serviços. O espaço regional,

no entanto, tem a sua estruturação constituída na circulação de informações, de energia, do capital constante e da força de trabalho.

O espaço urbano é produzido por uma diversidade de agentes sociais, sendo identificados por Corrêa (1989) como os donos dos meios de produção, especialmente os vinculados à construção civil, proprietários fundiários, agentes imobiliários, estado e aos excluídos sociais.

Santos (2008) considera a urbanização um fenômeno recente, de meados do século XIX, crescente e que possui escala planetária, na qual a Revolução Industrial, pós 1920, teve grande influência para o aumento das grandes cidades:

A urbanização desenvolvida como o advento do capitalismo aparece na Europa como fato moderno logo depois do capitalismo aparece na Europa como fato moderno logo depois da Revolução Industrial. Mais recentemente, e paralelamente à modernização, ela se generaliza nos países subdesenvolvidos; por isso, costuma-se associar a idéia de urbanização à de industrialização (SANTOS, 2008, p. 13).

O desenvolvimento da urbanização se deu de modo diferenciado nos países, sendo que nos países considerados subdesenvolvidos o crescimento populacional urbano ocorreu de maneira acentuada e acelerada se comparado aos países desenvolvidos. Relativo à diferenciação do fenômeno de urbanização para os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, Santos (2008, p. 21) esclarece que:

A urbanização dos países subdesenvolvidos foi mais recente e mais rápida, efetuando-se num contexto econômico e político diferente daquele dos países desenvolvidos. Tem características originais, que a diferenciam nitidamente da urbanização deste último grupo de países.

O autor realiza em sua obra “A urbanização Brasileira” uma descrição abrangente da urbanização no país, sendo caracterizada inicialmente como pretérita, no período colonial, em que o Recôncavo da Bahia e a Zona da Mata do Nordeste são os locais que apresentavam as primeiras expressões de urbanização no território, com a formação de cidades. Em um segundo período, final do século XIX e início do século XX, o autor analisa a aceleração do fenômeno de urbanização, com a evolução demográfica apoiada na relativa infraestrutura existente, nas capitais mercantis locais, no surgimento de serviços e na exclusão social.

Outra fase da urbanização brasileira identificada por Santos (1993) ocorreu após o incentivo na industrialização realizado em 1930 pelo governo, entre as décadas de 1940 e 1970, e foi caracterizada pela constituição de um mercado nacional, com a ampliação do consumo, tornando-se então uma urbanização definida pelo autor como mais envolvente e presente no território, com progresso assegurado nas cidades médias e maiores. Por fim, o autor descreve o quarto período de urbanização, iniciado após 1970 até os dias atuais, no qual houve um crescimento populacional urbano maior que o da população total, a população agrícola supera a rural e a fase atual é marcada por um meio técnico-científico-informacional, que remodela o território, com a divisão do trabalho diferenciado e especialização das cidades locais.

A urbanização brasileira recente, pós-revolução demográfica de 1950, caracteriza-se, entre outros aspectos, pela multiplicação dos centros urbanos com mais de 20 mil habitantes, momento denominado por Santos; Silveira (2011) como urbanização aglomerada. Posteriormente ocorreu a urbanização concentrada, com o aumento das cidades de porte intermediário, que chegam a atingir a metropolização. As cidades locais ganham atribuições importantes para a manutenção das relações nacionais, potencializando a formação de metrópoles regionais. Há ainda, em paralelo e com efeito da metropolização na qualidade de vida, o processo de desmetropolização:

Por outro lado, as cidades de porte médio passam a acolher maiores contingentes de classes médias e um número crescente de letrados indispensáveis a uma produção material, industrial e agrícola, que se intelectualiza. Por isso assistimos, no Brasil, a um fenômeno paralelo de metropolização e desmetropolização, pois ao mesmo tempo crescem cidades grandes e cidades médias, ostentando ambas as categorias um notável incremento demográfico (Fany R. Davidovich, 1995), beneficiado em grande parte pelo jogo dialético entre a criação de riqueza e a criação de pobreza sobre o mesmo território (SANTOS; SILVEIRA, 2011, p. 185).

O Brasil teve então sua urbanização intensificada na segunda metade do século XX, seguindo a industrialização a partir da década de 1960. Os empreendimentos industriais tiveram importante papel para a aceleração da urbanização brasileira, principalmente na região sudeste mais especificadamente no estado de São Paulo, devido ao seu capital acumulado e ao desenvolvimento técnico-científico atribuídos a ele.

Os grandes centros urbanos brasileiros receberam intenso fluxo migratório da população rural, em que boa parte havia perdido o emprego devido à mecanização agrícola e que buscava colocação no mercado de trabalho e melhores condições de vida. O aumento populacional desordenado nas metrópoles e a escassez de infraestrutura adequada para recebê-lo geraram disfunções sociais, como: o desemprego, o congestionamento das vias de trânsito, a carência de saneamento básico e de serviços públicos, além de elevados deslocamentos diários (FRANÇA, 2007; VIEIRA, 2011).

A década de 1970 no Brasil foi marcada pela reestruturação urbana do país, na qual foram criadas políticas de planejamento que buscavam reduzir os grandes fluxos migratórios para os grandes centros, neste sentido a atividade industrial deixa de ser restrita às regiões metropolitanas promovendo a sua descentralização e dinamização dos espaços regionais.

Neste cenário, as pequenas e médias cidades tornaram-se alvo de políticas públicas de ordenamento territorial com a criação do II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (II PND), fomentando o seu desenvolvimento pela expansão populacional, industrial e comercial (SANTOS, 1993; PEREIRA; LEMOS, 2004; FRANÇA, 2007; BERTINI, 2011).

Por estarem inseridas no sistema capitalista, as cidades brasileiras tiveram sua urbanização marcada pela desigualdade social e pelo intenso fluxo migratório do rural para as grandes cidades. Há de se destacar também, atribuídas ao fenômeno de urbanização, as funções que os centros urbanos passam a desenvolver na divisão social do trabalho, bem como seus atributos sociais e culturais. (FRANÇA, 2007; VIEIRA, 2011; OLIVEIRA; SOARES, 2014).

As cidades brasileiras contemporâneas revelam-se inseridas e com participação nas redes globais, não se restringindo às metrópoles, contando com acentuado grau de informacionalização, o que resulta em um “quadro urbano de forte diversificação e complexidade em relação às suas formas, conteúdos e inter-relações.” (ALVES, 2013, p. 184).

A urbanização não se atém apenas às estatísticas populacionais e econômicas. Ao estarem inseridos no contexto urbano, os residentes alteram seus costumes, hábitos e modo de vida, se adaptando às dinâmicas que configuram os processos urbanos existentes baseados na produção, na interação, na rede urbana e nas funções urbanas.

De acordo com Bertini (2011) a produção histórica do espaço estabelece segregação social e funcional, gerando por consequência zonas intraurbanas delimitadas e particularizadas por morfologias, usos e concentrações populacionais. As cidades dão forma concreta ao processo de urbanização, seu espaço urbano são respostas à herança da estrutura política e social a que são submetidas.

A compreensão das cidades se pauta na manifestação de sua urbanização, já que ela revela os agentes que produzem o espaço, o contexto histórico, político e econômico em que está inserida e, em complementaridade, a urbanização se expressa e se concretiza nas cidades.

1.2. Redes e hierarquia urbana

Os estudos dos núcleos urbanos devem ser estruturados considerando não somente o seu contexto individual, mas também as suas relações e conexões funcionais na rede urbana. Sobre isso, Santos (2008, p. 157) ressalta que:

Na realidade, as pesquisas feitas na perspectiva do acondicionamento do território mostram que, quando se quer conhecer a realidade viva da economia urbana, é preciso considerar o conjunto das células urbanas de uma dada região, assim como o organismo que elas formam no país.

A rede urbana é tema relevante, atual e constante para geógrafos que a retratam a partir das disparidades das cidades com base em suas funções, amplitude demográfica e centralidades, relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, hierarquia urbana e relações entre cidade e região (BESSA, 2007; CORRÊA, 2006; SANTOS, 2008).

As redes urbanas, conceituadas como fixas, são caracterizadas pelos centros urbanos que se relacionam, mas também pelas trocas que realizam, podendo ser matérias ou imateriais. Sobre essa temática Bertini (2011, p. 35) ressalta:

A rede urbana é formada por um conjunto de cidades fixas, mas articuladas entre si, interconectadas, por fluxos materiais (rede de estradas, cidades

etc.) e imateriais (comunicação, idéias etc.). O fixo é o espaço geográfico, a estrutura, e os fluxos são a dinâmica, as trocas, as relações de todo tipo. Para que exista uma rede urbana, é necessário que existam relações de complementaridade, que criem ligações funcionais entre as cidades da rede e entre elas e o meio rural.

O geógrafo alemão Walter Christaller elaborou em 1933 a Teoria dos Locais Centrais, em sua obra “Lugares Centrais no Sul da Alemanha”. O autor propõe que as redes urbanas são compostas por um lugar central e sua região complementar, havendo padrão de povoamento das cidades baseado nas funcionalidades dos locais centrais, alcance de mercado, oferta de emprego e sua conexão com a população, sendo a hierarquização dos núcleos diretamente proporcional à potencialidade desses fatores.

Corrêa (2006) propõe a análise das redes urbanas atrelada à divisão territorial do trabalho, aos ciclos de exploração, à forma espacial e à periodização. Sobre o primeiro aspecto de análise destacam-se as interações entre os núcleos como resultado dos diversos agentes sociais que propiciam às cidades a diferenciação de funções e relevância. Com relação aos ciclos de exploração, tem-se a interação dos centros urbanos na criação, apropriação e circulação da produção e pautada no consumo do sistema capitalista. As redes urbanas são analisadas ainda como uma forma espacial, que fundamenta a realização de funções urbanas, na qual acontece a criação, a apropriação e a circulação do excedente, podendo ser simples (redes dendríticas) ou complexas (possibilidades múltiplas), nas quais há uma cidade regional com maior centralidade. Já a periodização espacial evidencia que a realidade socioespacial é produto de variáveis com períodos diferentes, ou seja, as redes urbanas possuem tempos espaciais específicos.

Esses aspectos mencionados denotam que as redes urbanas exercem funcionalidades diferenciadas fundamentadas no tempo e espaço em que estão localizadas e em resposta às individualidades de atributos dos municípios sobre o âmbito de produção, de reprodução e de acumulação. Sobre as diferenciações da rede urbana, Bessa (2007, p. 70) analisa:

A dinâmica da transformação da rede urbana está, assim, associada às racionalidades que ativam a passagem de um padrão particular de combinação dos elementos que definem uma dada configuração para um outro padrão igualmente particular, o que, muitas vezes, resulta em processo de re-diferenciação, com o declínio imediato ou gradativo de determinados centros em favor da ascensão de outros, quer dizer, com o surgimento de novos e importantes centros próximos a centros historicamente tradicionais.

Os papéis desempenhados pelas cidades no âmbito das redes urbanas são influenciadores diretos na sua hierarquização, estando atrelados a circuitos de exploração com relações de trocas heterogêneas. Os centros de acumulação apoderam-se, de acordo com Bessa (2007), de uma fração maior dos benefícios da divisão territorial do trabalho.

De acordo com Amorim Filho (2007) as redes urbanas são compostas por estratificações hierárquicas distintas, que são diferenciadas por suas potências de qualidade, intensidade e de alcance, o que possibilita o seu arranjo dinâmico e ordenado.

A ordenação das redes urbanas é pautada então na sua complexidade, nas relações dos circuitos de exploração, na espacialização e hierarquização dos núcleos urbanos, baseada nas suas funcionalidades. A complementação das relações das cidades depreende da diferenciação urbana que compõe as redes urbanas.

No contexto da dinâmica recente da rede urbana brasileira, Corrêa (2006) recorda a pequena complexidade funcional existente por volta de 1960, em que as interações entre regiões ocorriam pela intermediação das metrópoles regionais: “O país era ainda um conjunto pouco articulado de células regionais, cada uma com um conjunto de lugares centrais e poucos centros especializados” Corrêa (2006, p. 316).

A rede urbana brasileira passou, após a década de 1960, por crescente complexificação com a criação de novos núcleos urbanos, com a ampliação das funcionalidades dos centros urbanos e com a interação entre centros e regiões, com padrões espaciais da rede (múltiplos circuitos) e novas formas de urbanização (CORRÊA, 2006; BESSA, 2007).

A estrutura urbana brasileira é também analisada por Ruiz (2005) que a caracteriza como assimétrica, com altas concentrações e fragilidade, devido ao menor quantitativo e à robustez das cidades médias, ressaltando o desequilíbrio em relação às grandes cidades.

Nesse sentido, as distintas potencialidades de oferta de bens e serviços promovem circunstâncias heterogêneas de interações e de fluxos entre os núcleos urbanos, gerando relações de centralidades e de complementação. Sendo assim, as cidades apoderam-se de níveis hierárquicos diferentes e compatíveis com sua complexidade.

Para a definição das hierárquicas urbanas, autores como Corrêa, (2006), Amorim Filho (2007) e Bertini (2011) ressaltam que utilizar apenas o critério demográfico não é suficiente, sendo preciso considerar ainda: o quantitativo populacional urbano, as funções e os equipamentos urbanos, a capacidade de oferta de bens e serviços, e a relevância exercida no seu entorno; a organização espacial intraurbana e o contexto territorial. Sobre tais aspectos é preciso considerar que eles são variáveis, considerando não somente o período de análise, mas também as realidades sociais, espaciais, regionais e do país em que se insere (BERTINI, 2011).

O IBGE produziu em 1972 a obra “Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas” que delimita um sistema hierarquizado de divisões territoriais e de cidades com intuito de subsidiar a g/estão de políticas públicas, sendo que em 1987 foi redigida a versão atualizada do estudo com a denominação “Região de Influência das Cidades” (REGIC). O referido estudo descreveu o conjunto de núcleos urbanos em sua estratificação como localidades centrais e respectivas áreas de influência. Continuando com a mesma linha de pesquisa, foram publicadas versões atualizadas do REGIC em 1993, 2007 e 2018².

A última versão da REGIC (IBGE, 2018, p. 13) classifica as cidades em cinco grandes níveis, que são subdivididos em dois ou três subníveis da seguinte maneira:

1) Metrôpoles: compreende os 15 principais centros urbanos brasileiros, sendo que todas as cidades do país recebem influência direta de pelo menos uma metrópole. Apresentam região de influência ampla e cobre toda a extensão territorial do Brasil, com áreas de sobreposição em determinados contatos. Possuem três subníveis:

a) Grande metrópole nacional – São Paulo- SP: o maior conjunto urbano do País, com 21,5 milhões de habitantes, em 2018, 17,7% do PIB nacional, e alocado na posição de maior hierarquia urbana do país.

b) Metrôpole nacional – Rio de Janeiro - RJ e Brasília- DF: com população de 12,7 milhões e 3,9 milhões de habitantes em 2018, respectivamente, ocupam a segunda colocação hierárquica, também com forte presença nacional.

c) Metrôpole – os arranjos de Belém - PA, Belo Horizonte - MG, Campinas - SP, Curitiba - PR, Florianópolis - SC, Fortaleza - CE, Goiânia - GO,

²As edições da REGIC publicadas em 1987, 2000, 2008 e 2020 têm respectivamente como data de referência para coleta de dado 1978, 1993, 2007 e 2018.

Porto Alegre - RS, Recife - PE, Salvador - BA, Vitória - ES e o município de Manaus - AM: são identificadas como metrópoles, entre elas nove são capitais e receberam classificação um na centralidade de gestão do território mais Belém (PA), Campinas (SP) e Manaus (AM) que, embora estejam na classe dois, contam com contingente populacional relevante, superior a dois milhões de habitantes.

2) Capital regional: compreende 97 núcleos que possuem alta concentração de atividades de gestão, mas com alcance menor em termos de região de influência em comparação com as Metrópoles. Esse nível dispõe de três subdivisões.

a) Capital regional A: constituído por nove cidades, contingente populacional próximo entre si, variando de 800 mil a 1,4 milhão de habitantes em 2018. Todas se relacionam diretamente a Metrópoles.

b) Capital regional B: constituído por 24 cidades, com média de 530 mil habitantes em 2018.

c) Capital regional C: constituído por 64 cidades com média de 300 mil habitantes em 2018.

3) Centro sub-regional: são 352 cidades que possuem atividades de gestão menos complexas (todas são nível três na classificação de gestão do território), com áreas de influência de menor extensão que as das Capitais Regionais. Estão subdivididos em dois grupos:

a) Centro sub-regional A: constituído por 96 cidades, com média populacional de 120 mil habitantes

b) Centro sub-regional B: constituído por 256 cidades, com média populacional de 70 mil habitantes

4) Centro de zona: composto por 398 cidades, o quarto nível da hierarquia urbana caracteriza-se por menores níveis de atividades de gestão, polarizando um número inferior de cidades vizinhas em virtude da atração direta da população por comércio e serviços baseada nas relações de proximidade. Subdivide-se em:

a) Centro de zona A: 147 cidades, com média populacional de 40 mil habitantes. Em termos de gestão do território, foram classificadas, em sua maioria, nos níveis três e quatro.

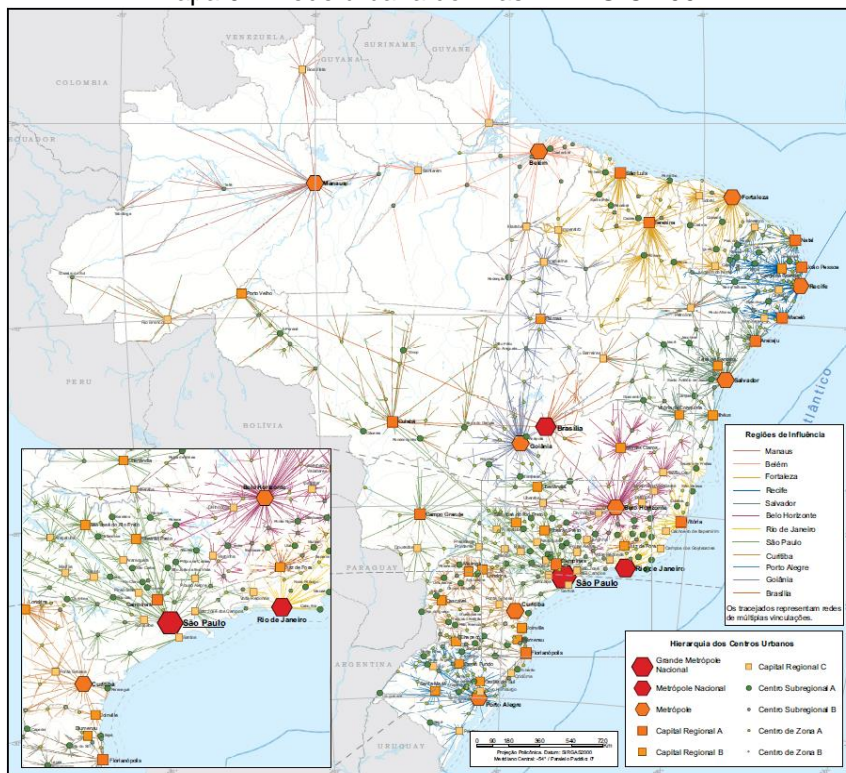
b) Centro de zona B: 251 cidades, com média populacional inferior a 25 mil habitantes. Em termos de gestão do território todas foram classificadas nos níveis quatro e cinco.

5) Centro local: É a maioria no país, somando 4.037 centros urbanos. Sendo o último nível hierárquico define-se pelas cidades que exercem influência restrita aos seus próprios limites territoriais, tendo potencial para atrair população residente de outros centros para objetivos específicos, mas não sendo destino principal de nenhuma outra cidade. Sua média populacional é de apenas 12,5 mil habitantes.

A versão atualizada do REGIC (2018) se diferencia da proposta em 2007 com a ampliação de municípios abrangidos pelos questionários e de estudos realizados anteriormente, como a Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (2017).

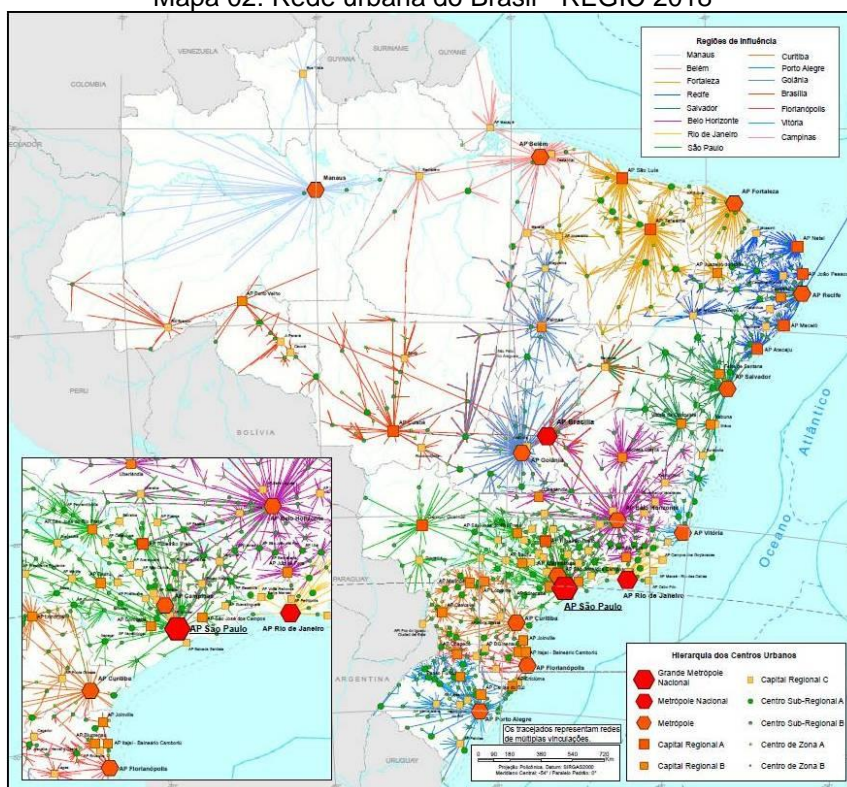
Os Mapas 01 e 02 apresentam os resultados gerais da REGIC, respectivamente das edições de 2007 e 2018, que classifica os municípios conforme as suas hierarquias.

Mapa 01: Rede urbana do Brasil - REGIC 2007



Fonte: IBGE (2007).

Mapa 02: Rede urbana do Brasil - REGIC 2018



Fonte: IBGE (2018).

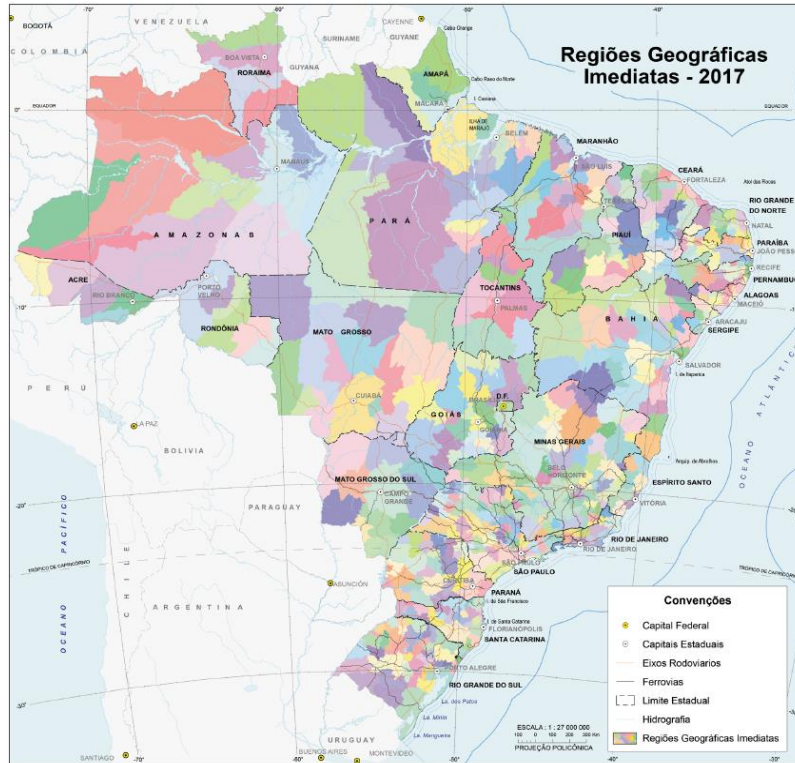
Verifica-se a partir dos mapas que as categorias de hierarquia dos centros urbanos não foram diferenciadas entre as publicações da REGIC de 2007 e 2018. As alterações ocorreram nas análises das novas divisões regionais, nas conexões com cidades internacionais e nas propriedades de classificações das cidades em função da atratividade para suprir bens e serviços para outros núcleos urbanos, modificando, por consequência, os quantitativos de centros por categoria e de médias populacionais.

O estudo denominado de “Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias” publicado pelo IBGE foi produzido em 2017, é uma atualização para a versão de 1990 e dos recortes regionais. Este estudo do IBGE (2017) relaciona os municípios em Regiões Geográficas Imediatas a partir das suas influências nas redes urbanas existentes, diagnosticando aquele que se posiciona como centro urbano local, de acordo com as interações e fluxos provenientes da busca da população por serviços, bens e trabalho.

Já as Regiões Geográficas Intermediárias são arranjadas numa escala entre as unidades federais e as Regiões Geográficas Imediatas, que possuem como referência as metrópoles, as capitais regionais e os centros urbanos. Os Mapas 03 e

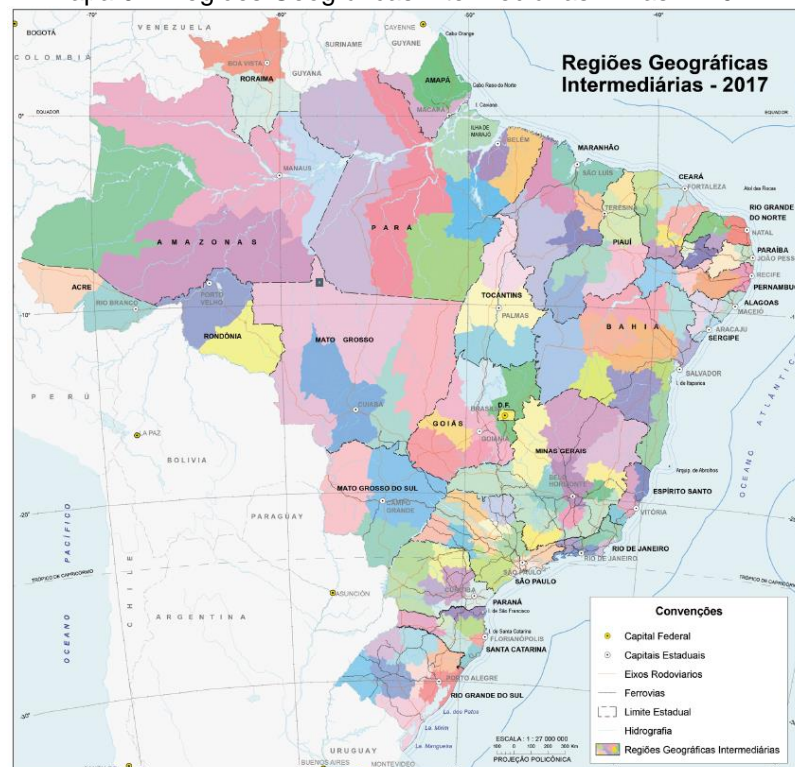
04 são produtos dessa publicação e apresentam respectivamente as Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil.

Mapa 03: Regiões Geográficas Imediatas - Brasil - 2017



Fonte: IBGE (2017).

Mapa 04: Regiões Geográficas Intermediárias - Brasil - 2017



Fonte: IBGE (2017).

Os níveis hierárquicos das cidades em Minas Gerais foram abordados por diversos estudos, que reiteram a diversificação da estrutura urbana em decorrência da ancestralidade desigual das regiões mineiras (SIMÕES et al., 2010).

Entre as diversas pesquisas referentes à hierarquização das cidades mineiras, destacam-se trabalhos como o de Leloup, um dos autores pioneiros nessa investigação, que dedicou parte dos seus estudos a tal temática e propôs em 1970 uma ordenação baseada em critérios geográficos, sociais e econômicos.

Amorim Filho produziu, junto de importantes autores, análises acerca da hierarquia das cidades médias de Minas Gerais. A classificação pioneira ocorreu em 1982, no trabalho “Cidades de porte médio e o programa de ações sócioeducativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais” de Amorim Filho; Bueno; Abreu. A estratificação das cidades médias mineiras foi atualizada com estudos em 1997 e 1998 por Amorim Filho e Abreu³, e por Amorim Filho, Rigotti e Campos em 2007.

Destaca-se ainda o estudo realizado em 2002 por Arruda e Amorim Filho, intitulado de “Os Sistemas Urbanos de Minas Gerais”, que examina as relações entre as cidades mineiras e as hierarquiza, conforme Quadro 02.

Quadro 02: Rede urbana estadual e o posicionamento dos "centros sub-regionais"

SISTEMAS URBANOS	NÍVEL REGIONAL	NÍVEL SUB-REGIONAL
São Paulo	AGU Ribeirão Preto	Guaxupé
		Passos
		São Sebastião do Paraíso
	MN Campinas (Poços de Caldas)	Machado
	AGU Itajubá/Pouso Alegre	-
	AGU Varginha/Três Corações	Alfenas
		São Lourenço
	Uberlândia	Araguari
		Ituiutaba
		Patrocínio
		Patos de Minas
	Uberaba	Araxá
		Frutal

(Continua)

³ Publicado em: AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J.F. **Ciudades Intermedias y Tecno-polespotenciales en Minas Gerais** – Brasil. *Tiempo y Espacio*, Chillán v. 8, n. 9-10, p. 23-32, Universidad del Bío-Bío, 2000.

(Conclusão)

SISTEMAS URBANOS	NÍVEL REGIONAL	NÍVEL SUB-REGIONAL
Rio de Janeiro	Juiz de Fora	Além Paraíba
		Cataguases
		Leopoldina
		Muriaé
		Ubá
Brasília		Unaí
		Paracatu
Belo Horizonte	RMBH	Campo Belo
		Conselheiro Lafaiete
		Curvelo
		Diamantina
		AGU Itabira/João Monlevade
		Lavras
		Oliveira
		Pará de Minas
		Ponte Nova
		Sete Lagoas
		RMVA Vale do Aço
		Viçosa
		Barbacena
	Divinópolis	Formiga
	Governador Valadares	Caratinga
		Aimorés
	Montes Claros	Janaúba
		Januária
		Pirapora
	Teófilo Otoni	Almenara
Araçuaí		
Capelinha		
Pedra Azul		
Nanuque		

Fonte: Arruda; Amorim Filho (2002, p. 220). Adaptação: Dourado, L. F. N. (2020).

A diversidade de estudos e de análises dos sistemas urbanos mineiros permite classificar em qual contexto hierárquico as cidades se situam e compreender o seu desenvolvimento e seu arranjo contemporâneo. Em uma perspectiva mais abrangente, depreende-se que as redes urbanas são resultado dos processos econômicos do território, sendo que em Minas Gerais há disparidades, herdadas historicamente, entre regiões, que influem nas suas estruturas urbanas e suas centralidades desempenhadas.

1.2.1. Cidades médias

Os estudos relativos às cidades médias se iniciaram em 1950 na Europa, com mais intensidade na França, buscando perceber com mais precisão o seu planejamento urbano e as redes urbanas em que estavam inseridas. No Brasil, as cidades médias se tornaram foco de pesquisa a partir de 1970, dando ênfase para Minas Gerais que foi objeto de estudos de pioneiros autores como Leloup (1970) e Amorim Filho (1973).

De acordo com Bertini (2011), houve diminuição dos estudos acerca das cidades médias brasileiras nos anos 1980 devido à redução e à alteração de políticas públicas com ênfase nessa hierarquia. Porém, em 1990 as pesquisas ganham novo destaque, pautado na avaliação de locais com qualidade de vida e polos de atração turística.

A relevância das cidades médias no processo mais recente de urbanização do Brasil é perceptível, e por isso, torna-se imperativo o desenvolvimento de pesquisas que contemplem esses espaços urbanos em suas funções e conjunturas intra e interurbana.

Amorim Filho (2007), elogiosamente, destaca a ampliação do número de pesquisadores que trabalham a temática de cidades médias em diversas regiões de Minas Gerais e também em outros estados. Isso trouxe progresso aos estudos sobre o assunto e culminou, em 2001, na formação da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (RECIME), que conta, atualmente, com a colaboração de grupos de estudo de 20 universidades brasileiras e quatro de outros países.

O papel de intermediação realizado pelas cidades médias nas redes urbanas em que estão inseridas foi apontado por Lajugie em 1974. O autor caracterizou a hierarquia urbana por suas funções, através dos equipamentos urbanos que atraem e atendem a população do entorno, além da posição na rede urbana entre os grandes centros regionais e as pequenas cidades de alcance local.

A análise das cidades médias pode ser realizada a partir de diversos critérios nas escalas intra e interurbana. No contexto intraurbano, destacam-se os dados demográficos e econômicos, os índices sociais, a estrutura morfológica, a

centralidade e as novas centralidades urbanas, as políticas públicas, entre outros elementos (AMORIM FILHO, 2007; DEUS, 2008; FRANÇA; SOARES, 2012).

De acordo com Amorim Filho (2007), a análise de cidades médias não é uma atividade fácil, já que a maior parte dos estudiosos da área concorda que o uso de apenas um critério é incapaz de caracterizar tais cidades. O autor ainda realça aspectos que caracterizam uma cidade média, como sua interação progressiva, seu espaço regional, a demografia proporcional à oferta de bens e serviços, o espaço rural dinâmico, a aptidão em fixar e receber imigrantes, o espaço intraurbano funcional e até mesmo as disfunções urbanas presentes nos grandes centros.

Já no plano interurbano, o autor considera para a caracterização de centros urbanos de hierarquia intermediária os estudos sobre redes urbanas pelos níveis hierárquicos e as tipologias urbanas que abarcam as interações diversas em níveis micro e macrorregionais, bem como com o espaço rural, a partir do fornecimento de serviços especializados, de comércios, de bens e serviços, e de equipamentos urbanos ofertados pela cidade média na região em que se insere.

O entendimento da centralidade exercida pelo núcleo urbano em seu entorno e, por consequência, da sua função regional permitem compreender a hierarquização das cidades, bem como o papel das cidades médias na rede urbana. Deus (2008, p.89) trabalha a definição de cidade média:

Na nossa visão, o que define uma cidade média é sua função, seu grau de polarização, seus equipamentos de serviços e de lazer e o papel que sua estrutura urbana exerce na região recebendo e emitindo externalidades, ou seja, a cidade média nada mais é que uma cidade com uma população acima da média regional, que exerce uma influência em uma determinada sub-região, com funções que a fazem assumir o papel de pólo regional na hierarquia urbana, provendo o consumo produtivo e coletivo da sub-região onde está inserida.

As cidades médias não possuem comando do arranjo econômico compatível com o dos grandes centros, porém a dispersão espacial da produtividade por ela propiciada gera centralidades e composições urbanas diferenciadas, com novos centros tomando papéis estratégicos nas redes urbanas (OLIVEIRA; SOARES, 2014).

Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007) explicam no artigo “Os Níveis Hierárquicos das Cidades Médias de Minas Gerais” a partir dos estudos que culminaram nas classificações hierárquicas das cidades médias de Minas Gerais de 1982, 1999 e 2007, que as cidades médias não estão em um grupo compacto, na verdade elas podem ser classificadas em quatro níveis hierárquicos diferentes: grandes centros regionais, cidades médias de nível superior, cidades médias propriamente ditas e centros urbanos emergentes, como descrito no Quadro 03:

Quadro 03: Níveis Hierárquicos das Cidades Médias Mineiras

Nível hierárquico	Descrição
Grandes Centros Regionais	Transição entre as grandes cidades e as cidades médias de nível superior. Classificada por alguns pesquisadores como cidade grande e por outros pesquisadores como cidade média. Possui um elevado contingente populacional (próximo de 400.000 habitantes), uma economia saudável e equilibrada nos setores secundário e terciário, núcleos (mesmo que embrionários) de desenvolvimento de inovações tecnológicas, polarizam vastos espaços regionais e mantêm relações sócio-econômico-culturais e demográficas com cidades fora do próprio Estado a que pertencem.
Cidades médias de nível superior	Sempre compreendidas como cidades médias, quando se trata de classificações que cobrem todas as cidades do Estado. São interpretadas em região como cidades grandes pela população regional. Apresentam dinamismo demográfico sustentado, com população entre 70.000 e 200.000 habitantes. Possuem serviços e comércios bem dinamizados, além da indústria, o que fortalece sua posição e suas ligações na região e além dela. Têm estruturas bem consolidadas, cujo crescimento parece assegurado.
Cidades Médias Propriamente Ditas	Apresentam características mais intermediárias em relação ao tamanho demográfico (entre 20.000 e 100.000 habitantes), à hierarquia e às funções econômicas. Localizam-se próximos de eixos ou entroncamentos rodoviários principais. Dispõe de importantes ligações com o rural e com as cidades menores da microrregião e com os centros maiores.
Centros Urbanos Emergentes	Transição entre as pequenas cidades e as cidades médias propriamente ditas. Possuem menos que 50.000 habitantes na sede municipal. A economia está se estruturando, podendo apresentar desequilíbrios entre os setores primário, secundário e terciário da economia. É comum existir uma forte ligação com o meio rural do entorno.

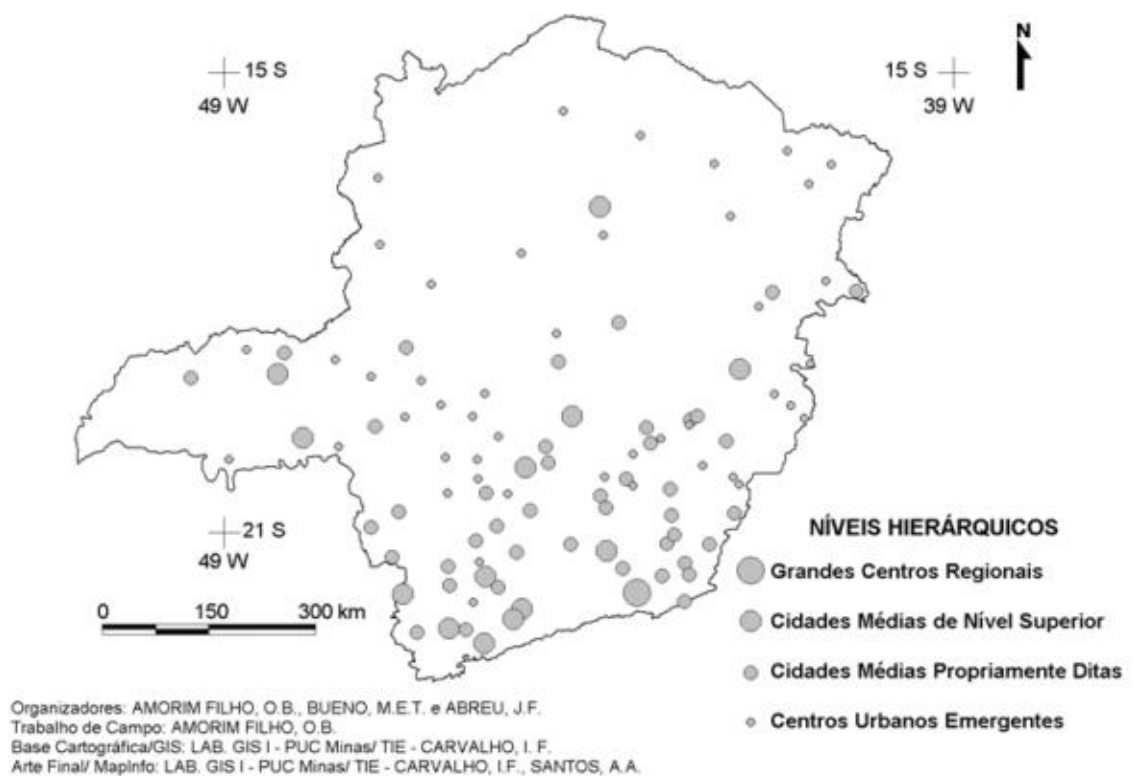
Fonte: Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007). Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

A diferenciação de níveis hierárquicos das cidades médias mineiras apresentada por Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007) se sustenta em parâmetros demográficos, mas também nas dimensões das funcionalidades. Guardadas as devidas proporções, os quatro grupos de cidades apresentam papéis e

posicionamentos estratégicos na rede urbana, atraem fluxos diversos, possuem equipamentos funcionais que propiciam a oferta de bens e serviços especializados e um padrão de organização espacial compatível aos de cidades médias.

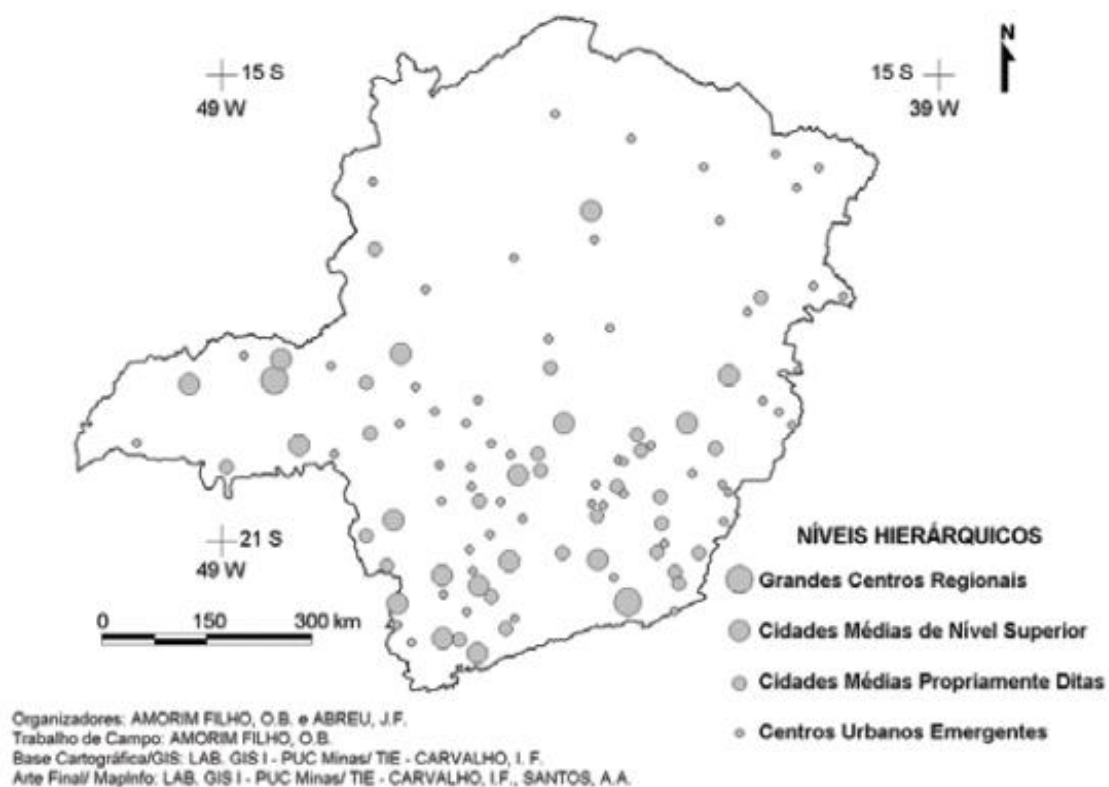
Os Mapas 05, 06 e 07, publicados em Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007) apresentam respectivamente a classificação das cidades médias mineiras feitas por: Amorim Filho, Bueno e Abreu em 1982, Amorim Filho e Bueno entre os anos de 1997 e 1998 e Amorim Filho, Rigotti e Campos em 2006, baseada nos níveis hierárquicos: grandes centros regionais, cidades médias de nível superior, cidades médias propriamente ditas e centros urbanos emergentes.

Mapa 05: Hierarquias das cidades médias - 1982



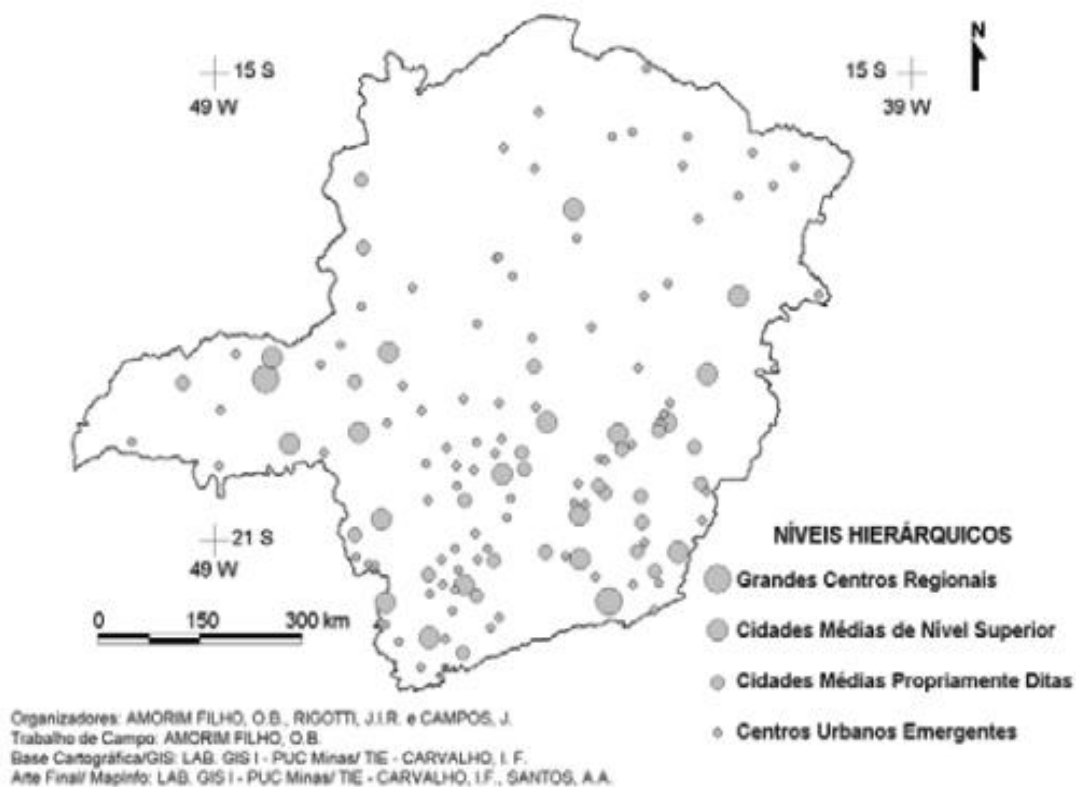
Fonte: Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007).

Mapa 06: Hierarquias das cidades médias – 1997 e 1998



Fonte: Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007).

Mapa 07: Hierarquias das cidades médias - 2006



Fonte: Amorim Filho; Rigotti; Campos (2007).

Nessas classificações de Amorim Filho, Bueno e Abreu em 1982, Amorim Filho e Bueno entre os anos de 1997 e 1998 e Amorim Filho, Rigotti e Campos em 2006, Montes Claros é apresentada como cidade média de nível superior (nível dois), enquanto Janaúba, Januária e Pirapora são classificadas como centros emergentes (nível quatro).

Não há uma unicidade entre os autores para a definição conceitual e de critérios de análise das cidades médias. Isso se deve aos estudos dessa classificação de cidades ainda serem recentes e também à necessidade de se expandirem. Batella (2013) ressalta que as cidades médias brasileiras se modificam de forma acelerada e em proporção da urbanização das últimas décadas, sendo preciso considerar o tempo e o espaço em que se situam.

As disparidades são também ressaltadas por França (2007), para compreender que os centros urbanos considerados de categoria hierárquica intermediária possuem significados ímpares e precisam ser contextualizadas seguindo parâmetros locais, temporais e regionais.

A definição de cidades médias não é exata, existem tipologias diversas, não sendo possível se ater à análise com base em critérios, tais como: demografia, economia, funcionalidades, centralidades, infraestruturas e territórios, relativos apenas ao núcleo urbano, é preciso ampliar o cenário e compreender o seu papel no sistema urbano em que se insere, bem como ao tempo de referência, observando o seu destaque e sua intermediação entre cidades de níveis hierárquicos diferentes.

1.3. Modelos morfológicos em geografia urbana

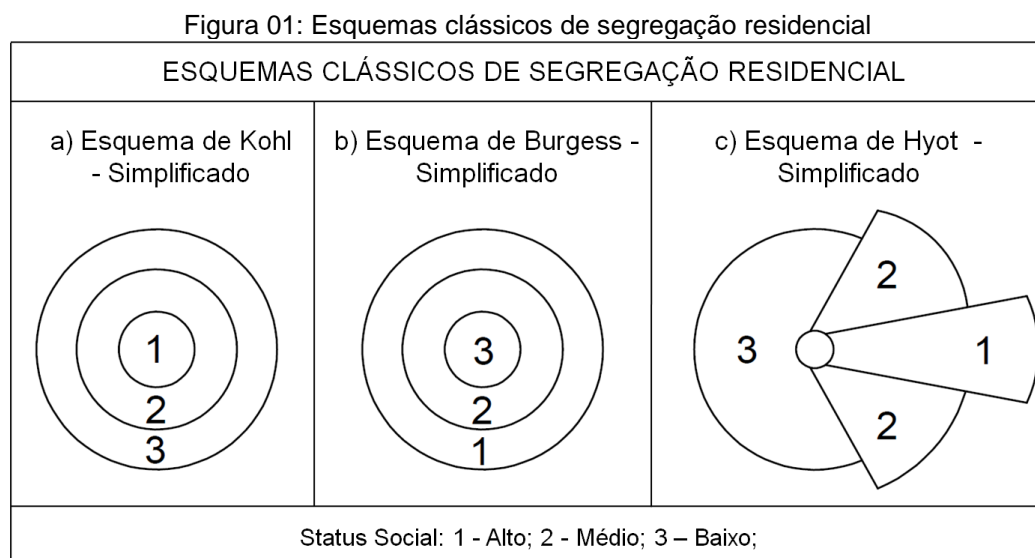
Para compreender a morfologia de uma cidade é preciso, de acordo com Del Rio (1990), investigar o processo histórico da produção do espaço pesquisando os aspectos sociais, de formação, de evolução e inter-relação. A morfologia urbana é, então, constituída pela divisão social e funções realizadas nos diversos setores, tais como comércio, serviço, indústria, residência, patrimônio, entre outros, que por sua vez geram fluxos de pessoas e produtos (BERTINI, 2011).

A construção dos modelos morfológicos na geografia urbana se pauta em padrões de ordenamento urbano, que são reflexos dos seus agentes produtores do espaço, bem como do contexto político-social ao qual estão inseridos, possibilitando a edificação de fundamentos teóricos que correspondem à organização espacial das cidades.

A análise do espaço realizada por Corrêa (1989) expõe padrões de segregação espacial, sendo que a separação residencial traduz uma reprodução social:

A segregação residencial implica necessariamente em separação espacial das diferentes classes sociais fragmentadas. A separação, por sua vez, origina padrões espaciais, ou seja, as áreas sociais que emergem da segregação estão dispostas espacialmente segundo uma certa lógica, e não de modo aleatório (CORRÊA, 1989, p. 66).

Neste sentido o autor apresenta três modelos de segregação residencial que se referem aos arranjos das classes sociais no espaço, sendo intitulados modelos de: Kohl (1841), Burgess (1925; 1929) e Hoyt (1939), Figura 01.



Fonte: Corrêa (1989). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O modelo de J. G. Kohl foi formulado em 1841 e refere-se às cidades da Europa Continental, elas são conhecidas por serem pré-industriais, nas quais o capitalismo pouco influenciava na organização espacial e expõe ainda uma disposição da elite centros das cidades, contornadas pela população de médios e baixos status social (CORRÊA, 1989).

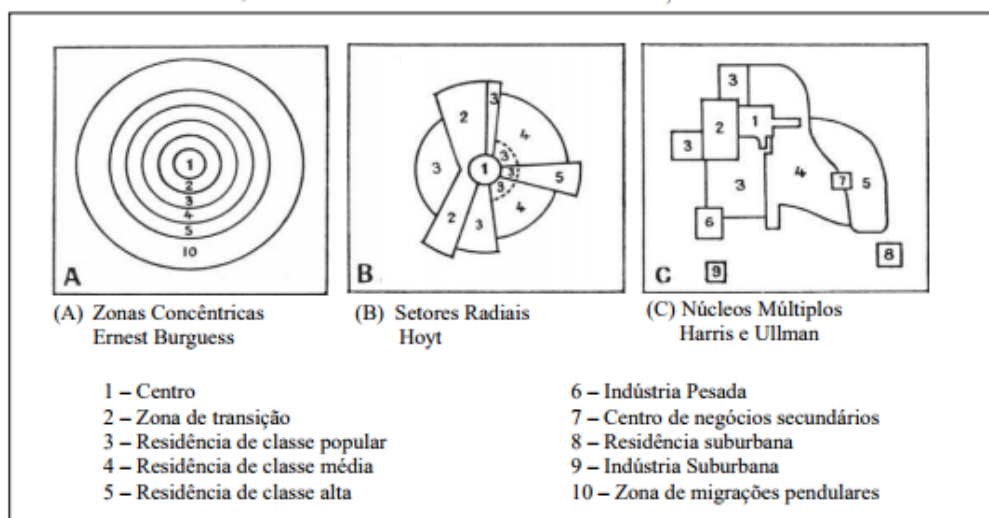
Corrêa (1989) apresenta ainda o padrão de segregação residencial construído de forma distinta por E. W. Burgess, em 1925 e 1929, e se baseia nas grandes

ciudades norte-americanas em que pessoas de status social alto se localizam em apreciáveis subúrbios nas periferias das cidades, enquanto os menos favorecidos socialmente se encontram na área central. Sobre esse modelo, também denominado de Zonas Concêntricas, Amorim Filho (2007) ressalta que são consideradas as propriedades econômicas, sociológicas e demográficas como parâmetros de organização do espaço.

O terceiro modelo explicado por Corrêa (1989) é o de Setores Radiais que foi definido por Hoyt em 1939, em que a segregação residencial se fundamenta em círculos em torno do centro. A população de alto status possui propensão de auto-segregação e localiza-se rodeada pela de médio prestígio e em oposto à de baixa condição social. Destaca-se que esse padrão se baseia na relação da variação dos valores de aluguéis na cidade com as características das zonas residenciais e na localização dos principais eixos de transporte (AMORIM FILHO, 2007).

Além dos modelos de Burgess (1925 e 1929) e Hoyt (1939), Amorim Filho (2007) analisou outro modelo americano clássico de categorização das zonas morfológico-funcionais intraurbanas, o modelo de Harris e Ullman (1945), Figura 02, que se denomina de “Núcleos Múltiplos”. Ressalta-se que são considerados os aspectos dos dois modelos citados, acrescido do fato da produção do espaço se dar em núcleos múltiplos e descontínuos, ao contrário do que se acreditava nos modelos de Zonas Concêntricas e de Setores Radiais de haver apenas um núcleo simples.

Figura 02: Modelo de zoneamento - Burgess, Hoyt e Harris e Ullman



Fonte: Racine, 1971. Org.: Andrade, I. L. (2015).

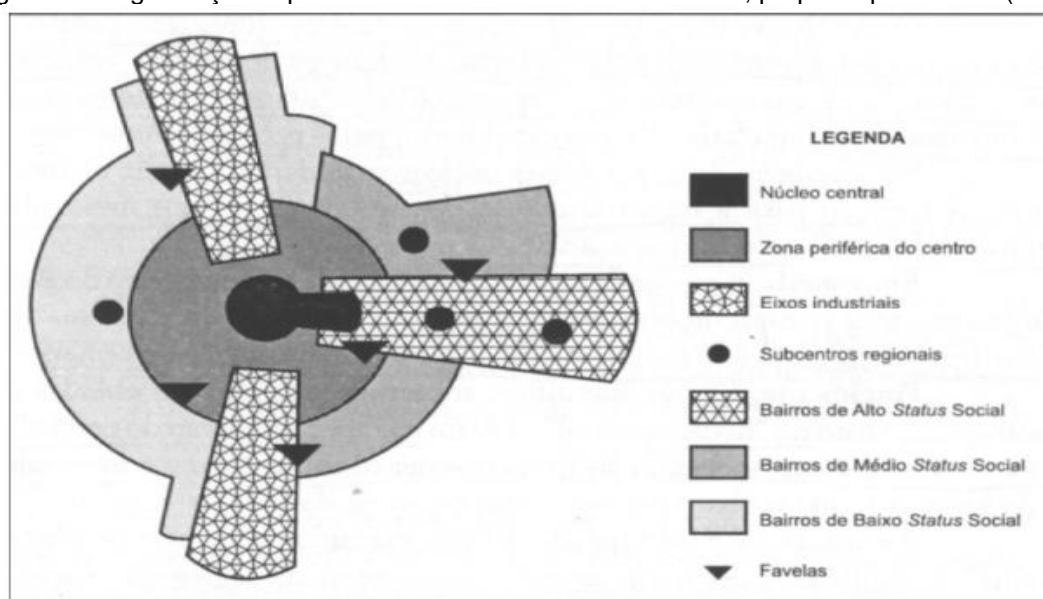
A temática dos espaços intraurbanos também é desenvolvida pelas escolas de geografia francesas, tendo a contribuição da proposta de fragmentação de zonas elaborada por Borde, Barrère e Cassou-Mounat (1980), em que o centro urbano é marcado por aspectos arquitetônicos, sócio-econômicos e culturais, espaços vazios urbanos, intensa circulação e prestação de serviços. Nesse modelo, as pequenas cidades apresentam tais aspectos em um espaço menor, como por exemplo, em uma praça; já em grandes cidades são observados em bairros diversos com características mais específicas. Na zona pericentral tem-se a intensificação da função residencial mesclada com equipamentos dos setores secundários e terciários, ocorrendo transição entre o centro principal e a periferia. A periferia por sua vez é caracterizada pelo povoamento na adjacência dos núcleos urbanos, composta em sua maioria por residências em circunstâncias diferenciadas, além de apresentar novas condições para instalação de indústrias e de comércios (AMORIM FILHO, 2007).

Outro fracionamento francês das zonas morfológico-funcionais analisado por Amorim Filho (2007) foi o elaborado pelos autores Gervaise, Quirim e Crémieu (1997), que incrementam a divisão feita por Dezert, Metton e Steinberg em 1991 com a zona periurbana. Nesse modelo, são reconhecidas: a zona central, onde ocorrem as funções fundamentais da cidade; a zona pericentral, caracterizada por ser uma transição e contornar os bairros centrais; a zona periférica, que possui população mais jovem e terrenos mais acessíveis, que apresenta função comercial e de serviço e a auréola periurbana, na qual se percebe a presença de elementos urbanos e rurais, com fluxos diários da população e existência de comércios especializados e residências.

No contexto brasileiro, destaca-se o esquema de organização para uma cidade latino-americana, produzido pelo geógrafo Roberto Lobato Corrêa (1989), onde se investigou os processos e as formas espaciais do espaço urbano, definidos pelas temáticas: a centralização e a área central; a descentralização e os núcleos secundários; a coesão e as áreas especializadas; a segregação e as áreas sociais; a dinâmica da segregação e a inércia as áreas cristalizadas. A Figura 03 foi adaptada de Mertins e Bahr (1983) por Corrêa (1989) com intuito de representar o arranjo espacial de cidades latino-americanas.

Tal modelo define o núcleo central como local onde ocorrem as principais atividades da cidade, com predominância de paisagem verticalizada e concentração de pessoas e fluxos no período diurno; possui ainda uma ocupação do solo acentuada e uma valorização financeira dos lotes e imóveis. A zona periférica do centro é, para Corrêa (1989), aquela que circunda o núcleo central, tendo o uso do solo um pouco menos intenso e existindo atividades que se amparam na proximidade ao centro; além disso, sua valorização e suas construções verticais são reduzidas, se comparadas ao núcleo central. Sobre a descentralização, o autor a vincula à expansão territorial e à demográfica das cidades, bem como às dificuldades e aos preços da área central. Esse processo é variável à hierarquia da cidade e tem por consequência a criação de núcleos secundários de atividades, classificados de acordo com a forma e com as funções exercidas.

Figura 03: Organização espacial de uma cidade latino-americana, proposto por Corrêa (1989)



Fonte: Corrêa, 1989. Org.: Batella, W. B. (2013).

Ainda sobre a organização espacial intraurbana, o autor esclarece que alguns locais têm as suas funções estagnadas e as áreas tornam-se cristalizadas, mesmo que a justificativa para seu posicionamento já tenha sido extinta.

A segregação residencial no modelo de Corrêa (1989) é tratada como um reflexo espacial das classes sociais dos agentes modificadores do espaço, sendo que a diferenciação reproduz uma disparidade de acesso às oportunidades de ascensão social, possuindo diversas possibilidades teóricas de organização do espaço.

Ainda na conjuntura brasileira, Flávio Villaça emprega em sua tese de doutorado, apresentada no livro “Espaço intra-urbano no Brasil” (2001), o modelo de setores radiais proposto por Hoyt (1939) em várias metrópoles brasileiras, entre elas Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Belo Horizonte. O referido autor realizou sua análise setorizando as metrópoles em centros urbanos em centro e periferia e disposição dos bairros conforme a sua classe social.

No âmbito mineiro, ressalta-se o modelo de zoneamento morfológico-funcional para as cidades médias proposto por Amorim Filho (2007) que, pautado nos modelos geográficos supracitados e na organização morfológico-funcional do espaço, identificou padrões a partir dos níveis de hierarquia urbana. O item 1.4 deste capítulo aborda de forma mais apurada o modelo proposto pelo autor.

Neste sentido, a utilização de modelos na geografia traz consigo a capacidade de retratar e de propiciar a interação entre teoria científica e a realidade (ROCHA; SALVI, 2017). O padrão de organização espacial para os núcleos urbanos torna-se uma metodologia eficiente para a análise da conjuntura do espaço intra e interurbano, para a identificação do nível hierárquico e para os estudos contemporâneos da geografia das cidades.

1.4. O zoneamento morfológico-funcional e os níveis hierárquicos urbanos

As funcionalidades desempenhadas por um centro urbano, bem como o seu nível hierárquico, se portam como componentes influenciadores de sua morfologia-funcional, que pode ser caracterizada como o traçado da mancha urbana.

A morfologia-funcional espacial das cidades se institui como reprodução da sociedade, e por consequência de suas diferenças sociais, entretanto ela também considera outros fatores como: a formação histórica, a constituição topográfica, a infraestrutura, as riquezas naturais e a integração na rede urbana. Bertini (2011, p.23) relaciona os fatores que influenciam a morfologia na sua limitação e expansão territorial:

A morfologia das cidades depende de fatores que limitam, dificultam ou mesmo impedem sua expansão territorial, como a topografia (montanhas ou serras), presença de áreas protegidas (como áreas de proteção ambiental ou patrimonial), cursos d'água. Por outro lado, há outros fatores que

estimulam, facilitam ou puxam a expansão territorial em sua direção, como a presença de eixos rodoviários.

As funções urbanas manifestam-se nos núcleos urbanos a partir das diferenciações na organização espacial, com locais estratificados por funcionalidades e disparidades sociais, que desenvolvem interações e dependências para acessar determinados serviços.

De acordo com Beaujeu-Garnier (1995) o sistema urbano é composto por relações de subordinação e interdependência entre os elementos, pautadas nas especializações e papéis provenientes da divisão social do trabalho. A autora menciona que o posicionamento das cidades é avaliado pela análise das funções desempenhadas que são resultados das demandas do seu estabelecimento, desenvolvimento regional original e da conseqüente expansão, que define o seu delineamento.

Fundamentado na expertise adquirida nas décadas de pesquisas referentes à morfologia e estrutura urbana de cidades, Amorim Filho (2007) relaciona a organização intraurbana aos níveis hierárquicos. Nesse sentido, o autor produziu análises de padrão de zoneamento morfológico-funcional que levam em consideração os níveis hierárquicos.

1.4.1. O zoneamento morfológico-funcional das pequenas cidades

Na análise de Amorim Filho (2007) as pequenas cidades apresentam um zoneamento em gestação e elementar, nos quais os espaços intraurbanos não se estratificam de forma perceptível. O Quadro 04 apresenta descrição das zonas central, pericentral, periférica e periurbana para pequenas cidades feito por Amorim Filho (2007, p. 60):

Quadro 04: Zoneamento morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades pequenas

Nível de hierarquia urbana	Pequena cidade
Zona central	Praça e rua principal; poucos equipamentos terciários (administrativos, comerciais, religiosos); forte presença de função residencial; pequena diferenciação morfológica e paisagística
Zona pericentral	Pouca diferenciação em relação ao centro; confundindo-se, igualmente com a periferia.

(Continua)

(Conclusão)

Nível de hierarquia urbana	Pequena cidade
Zona periférica	A não ser por algumas “vilas” que acompanham estradas, pouco se distingue da zona pericentral; transição brusca para a zona rural.
Zona periurbana	Praticamente não existe, enquanto zona de transição urbanorural, já que não ocorre, na prática, tal transição.

Fonte: Amorim Filho (2007). Adaptação: Dourado, L. F. N. (2020).

A zona central da pequena cidade é caracterizada pela presença de escassos equipamentos terciários, rua e praça principal que centraliza funções urbanas, elevada concentração de residências. A zona pericentral se confunde com a central e periférica, enquanto essa última se constitui em vilas associadas às estradas que passam pela cidade, ocorrendo transição abrupta da zona periférica para a periurbana.

1.4.2. O zoneamento morfológico-funcional das cidades médias⁴

Os estudos das cidades revelaram um zoneamento de morfologia-funcional bastante característico para as cidades médias, com contrastes acentuados ao ser comparado com a morfologia de centros com nível hierárquico mais simples ou mais complexo. O Quadro 05 aborda o zoneamento para a categoria de cidades médias (AMORIM FILHO, 2007, p. 72).

Quadro 05: Zoneamento morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades médias

Nível de hierarquia urbana	Cidade Média
Zona central	Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros”, de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (construções em altura; maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização.
Zona pericentral	Extensa espacialmente; função residencial predominante; presença de subcentros especializados ou polifuncionais, ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos; diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças sócio-econômicas; presença de equipamentos especiais como hospitais, universidades, casernas, estações rodoviárias e ferroviárias, etc.

(Continua)

⁴ O modelo de zoneamento morfológico-funcional para as cidades médias de Minas Gerais é tratado com maior detalhamento no item 1.5.

Nível de hierarquia urbana	Cidade Média
Zona periférica	De dois tipos: contínua (como prolongamento da zona pericentral) e descontínua, ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou “vilas” (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade.
Zona periurbana	Presença de uma zona de transição urbanorural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis-fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para a cidade média.

Fonte: Amorim Filho (2007). Adaptação: Dourado, L. F. N. (2020).

As zonas morfológico-funcionais das cidades médias, comparadas com as das pequenas cidades, possuem uma definição espacial mais delimitada, em que a zona central é bem definida funcionalmente, destacando a função terciária; a zona pericentral é extensa e com subcentros especializados; a zona periférica é caracterizada de acordo com o potencial hierárquico da cidade e com a presença da transição urbano-rural parcialmente extensa.

Observa-se nos zoneamentos morfológicos funcionais de cidades pequenas e de cidades médias acima descritos que o nível mais elementar de hierarquização urbana possui funções mais restritas, isto é, seu alcance e papel regional são limitados fazendo com que seus habitantes busquem nas médias e grandes cidades bens e serviços especializados. Além disso, o seu espaço urbano, que é um reflexo dos seus processos espaciais são menos estruturados, havendo menor diferenciação socioespacial. As cidades médias, por sua vez, se configuram ofertando bens e serviços especializados que promovem o consumo da população do seu entorno, principalmente das pequenas cidades, com isso, seu espaço urbano possui um arranjo mais bem definido. Nesse sentido, as cidades médias realizam intermediação com as pequenas cidades e os núcleos urbanos de maior classificação hierárquica através do seu dinamismo e da complexificação das suas atividades.

1.5. O zoneamento morfológico-funcional nas cidades médias mineiras

A experiência acumulada por Amorim Filho nas pesquisas sobre cidades médias junto dos grupos de pesquisa, desde 1970, se fundamenta em diversos trabalhos de campo em cidades médias em todas as regiões geográficas mineiras, além de centros de países da América do Sul e da Europa. Estas pesquisas contribuíram para a percepção de um padrão de zoneamento morfológico-funcional das cidades médias mineiras⁵, mesmo se apreciando as diferenças econômicas, culturais e da geografia física (AMORIM FILHO, 2007).

O modelo de Zoneamento morfológico-funcional para as cidades mineiras de médio porte proposto por Amorim Filho (2007) é composto pela zona central, pericentral, periférica e periurbana, e tem seu cartograma ilustrado na Figura 04.

Nesse modelo a zona central tem sua funcionalidade bem definida, os equipamentos considerados raros e de atendimento regional tem presença numerosa, possui diferenciação funcional interna, apresenta um padrão de paisagem e morfologia com elevada concentração de construções verticais, densa circulação de pessoas e veículos, maior parcela de estabelecimentos terciários que residências, além da polarização das atividades na microrregião ou em nível regional.

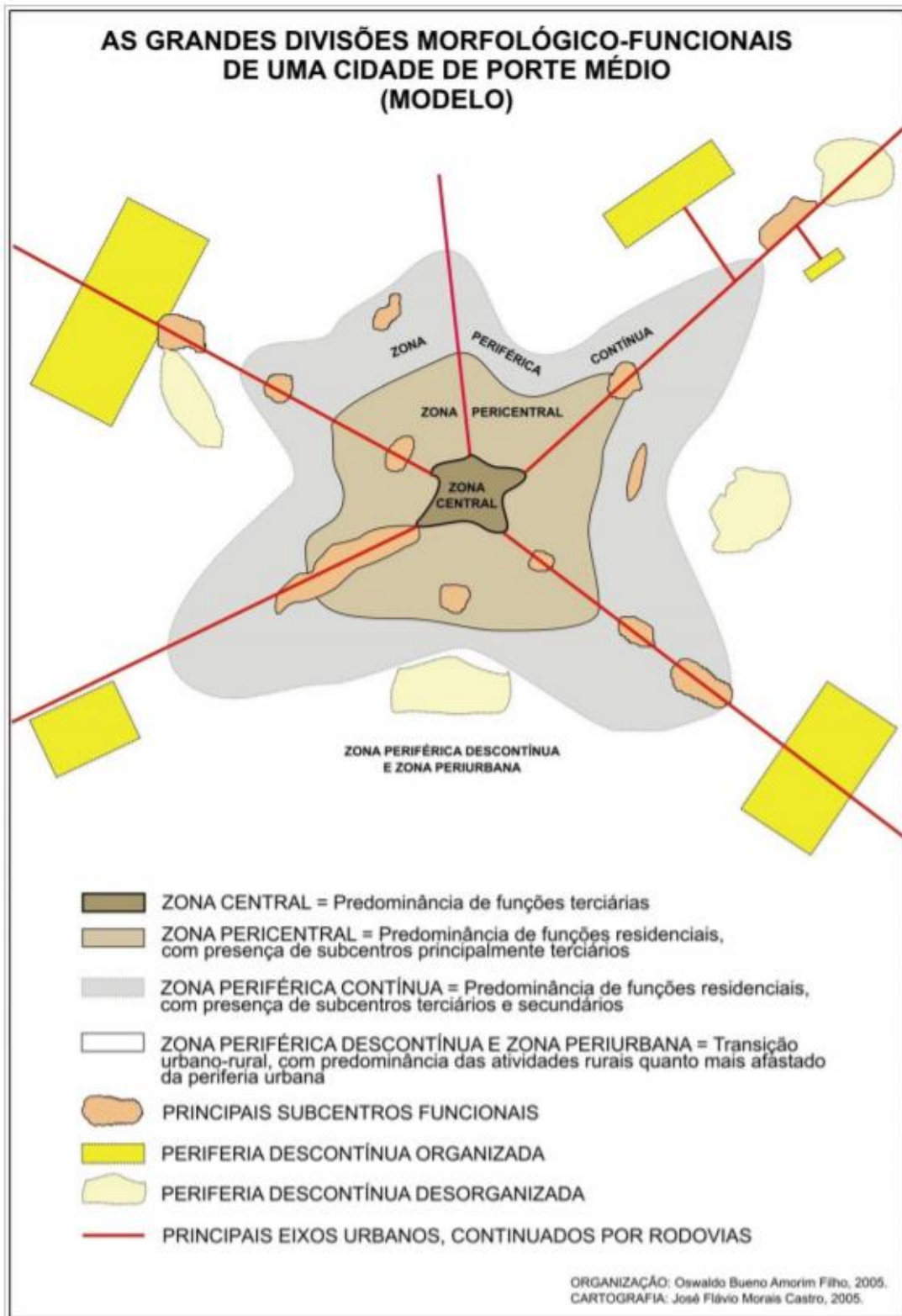
A zona pericentral no modelo de Amorim Filho (2007) é caracterizada pela preponderância da função residencial e, por ser extensa espacialmente, circunda o centro e expande-se até a periferia. Ela possui subcentros especializados ou polifuncionais, é marcada pela distinção morfológica e da paisagem devido às desigualdades socioeconômicas, há ainda nessa zona a presença de equipamentos especiais, como, por exemplo, hospitais, universidade e rodoviárias.

A zona periférica pode ser caracterizada de duas formas; contínua, quando se apresenta como um prolongamento da zona pericentral, ou seja, ocorre com o crescimento urbano nas bordas ou da assimilação dos núcleos; e descontínua (ou polinuclear) quando constituída por unidades organizadas (loteamentos) ou

⁵ Apesar da percepção do padrão observado nas zonas morfológico-funcionais para cidades médias mineiras, o modelo de Amorim Filho (2007) já foi aplicado com eficiência para cidades de outros estados e até mesmo outros países (vide Quadro 06).

desorganizadas (vilas). Essa zona possui subcentros polifuncionais singelos e subcentros especializados que variam de acordo com a demanda e hierarquia da cidade (Amorim Filho, 2007).

Figura 04: Divisões morfológico-funcionais de uma cidade de porte médio



Fonte: Amorim Filho (2007).

A transição urbano-rural se dá na zona periurbana, que possui uma extensão intermediária e está localizada nas adjacências da cidade e da periferia polinuclear e descontínua. De acordo com Amorim Filho (2007), nessa área diagnosticam-se escassos equipamentos terciários, maior quantidade de casas de campo, de clubes campestres, de hotéis-fazenda e das pequenas propriedades com mercadorias para a cidade média e redução das fazendas.

O modelo de Amorim Filho (2007) já foi aplicado em estudos de diferentes localidades, como indicado no Quadro 06. Esses estudos foram aplicados em cidades médias de níveis distintos e validam a eficácia do modelo para o padrão de organização espacial conforme sua hierarquia urbana.

Quadro 06: Estudos com aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para cidades médias mineiras de Amorim Filho

Nome do estudo	Ano	Autor(es)	Cidade onde se aplicou o modelo
Geografias Urbanas Comparadas no Leste Mineiro: Caratinga, Manhuaçu e Viçosa	2006	Nelson de Sena Filho	Caratinga, Manhuaçu e Viçosa
A organização do espaço interno de Araxá: uma cidade média do Alto Paranaíba Mineiro	2007	Ivana Arantes Botelho	Araxá
O zoneamento morfológico- funcional das cidades médias mineiras: o exemplo de Barão de Cocais	2008	Melina Amoni Silveira Alves, Alexandre Magno Alves Diniz	Barão de Cocais
Pirapora, uma cidade média no Norte de Minas Gerais	2008	Antônio Carlos da Silva Souza	Pirapora
A morfologia urbana de uma cidade média: considerações sobre Montes Claros	2010	Bruno Rodrigues Freitas	Montes Claros
PITANGUI: rede urbana e zoneamento morfológico-funcional de um centro urbano emergente de Minas Gerais	2011	Glauceine da Costa Bertini	Pitangui
Oliveira-MG: uma “Cidade Média” na Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte	2012	Francisco Martins Cortezzi, Oswaldo Bueno Amorim Filho	Oliveira
Arcos-MG: Contextos regionais e dinâmica interna	2013	Marco Rodrigo Costa	Arcos

(Continua)

(Continuação)

Nome do estudo	Ano	Autor(es)	Cidade onde se aplicou o modelo
A estrutura intraurbana de uma cidade média: uma análise a partir da aplicação do modelo morfológico-funcional na cidade de Chapecó-SC	2014	Crislaine Motter	Chapecó
Cidades Médias – Bases teóricas e estudos aplicados à Diamantina	2015	Douglas Sathler, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Guilherme Fortes D. C. Varajão	Diamantina
Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG	2015	Ítala Luzia de Andrade	Viçosa
Divinópolis: uma cidade média na região Perimetropolitana de Belo Horizonte - MG	2015	Nádia Cristina da Silva Mello	Divinópolis
O zoneamento morfológico- funcional de Pará de Minas -MG, Brasil	2016	Thiago Canettieri, Carolina Ribeiro, Isabela Dalle Varela, Terezinha Queiroz, Ana Márcia Moreira Alvim, Alexandre Magno Alves Diniz	Pará de Minas
Análise morfológico-funcional da área urbana de um pequeno município paulista: estudo de caso sobre Cananeia (SP)	2016	Ramon Lucato de Aguiar, Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	Cananeia
Impactos ambientais da mineração e da expansão urbana em Minas Gerais, Brasil: o caso de Congonhas – patrimônio cultural da humanidade	2016	Mariza Ferreira da Silva	Congonhas
Morfologia urbana de Janaúba- MG	2016	Vivian Mendes Hermano	Janaúba
Cidades Intermédias No Sul Global: os casos de Teófilo Otoni, (Minas Gerais, Brasil), Caála (Huambo, Angola) e Toowoomba (Queensland, Austrália)	2018	Christiano Otoni Carvalho	Teófilo Otoni, Caála e Toowoomba

Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

As pequenas cidades possuem ordenação menos complexas, dispendo de centro limitado, equipamentos terciários, que geram poucos fluxos e zona pericentral modesta, atrelada a periferia e com transição abrupta para o rural. Em contrapartida,

as cidades de organização mais complexa possuem zona central ampla com formação polinuclear de centralidades, que atraem intensos fluxos, espaços pericentrais extensos, caracterizados por sua função residencial e por subcentros de abrangência regional. Há ainda as zonas periféricas, que têm amplo território e podem contemplar pequenas e médias cidades na auréola periurbana (AMORIM FILHO, 2007).

De acordo com Amorim Filho (2007, p. 71), “o critério de zoneamento morfológico-funcional é bastante adequado para, entre outras utilidades, propiciar a identificação das cidades médias”. Isso porque o padrão de organização espacial de cidades médias se apresenta de forma bastante diferenciado, se comparado com os de hierarquia inferior e superior.

Considerando que as cidades são as manifestações dos processos espaciais, os pesquisadores que tratam dos espaços urbanos devem inserir em suas análises a complexidade funcional das redes urbanas e os arranjos morfológicos. Tais abordagens teóricas se fundamentam na correspondência de padrão de organização ao nível hierárquico urbano. Nesse cenário, o uso de modelos na geografia urbana adotado nesta pesquisa torna-se uma metodologia eficiente que aproxima os princípios conceituais à realidade pesquisada.

A fim de se analisar o espaço intra e interurbano de Januária busca-se no próximo capítulo compreender o seu contexto histórico, de expansão urbana, político, os aspectos demográficos, econômicos e sociais, e as suas dinâmicas e interações com seus distritos e municípios da Região Geográfica Imediata e da rede urbana norte-mineira.

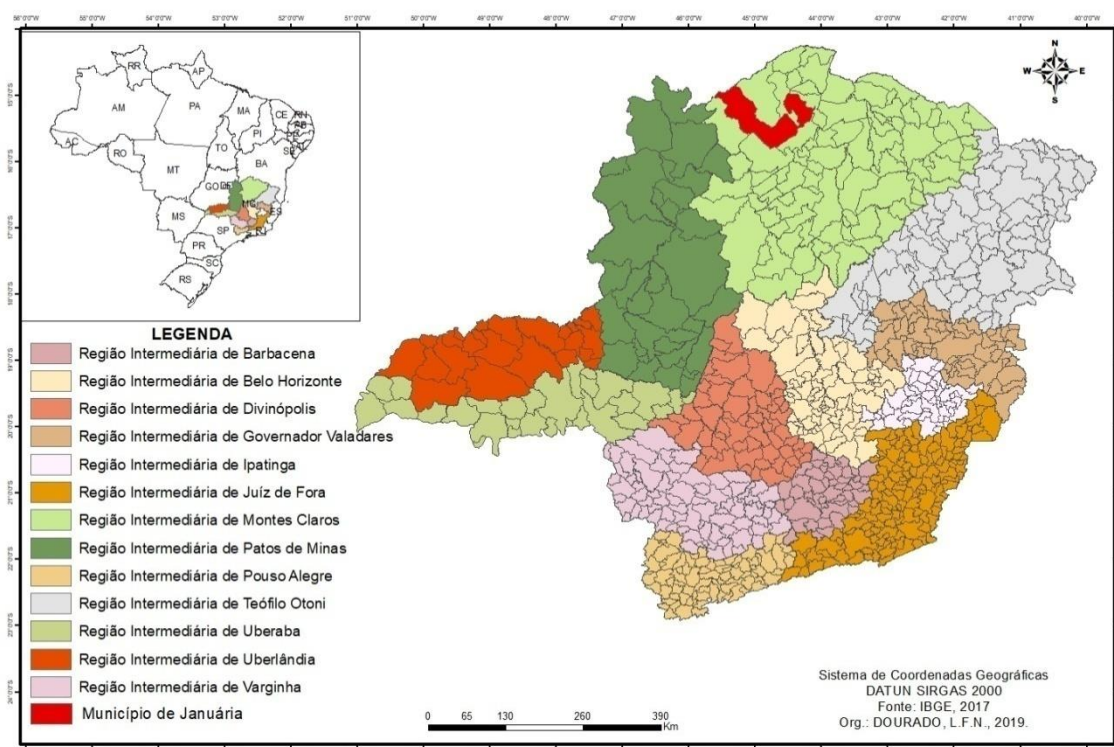
CAPÍTULO II

O ESPAÇO INTRA E INTERURBANO DE JANUÁRIA

Com o propósito de assimilar o enquadramento da cidade de Januária hierarquicamente, faz-se necessário analisá-la sob a ótica intra e interurbana, reconstituindo as heranças urbanas que conduziram a expansão urbana, as políticas públicas que influenciaram na constituição de sua centralidade, além de analisar historicamente seus aspectos demográficos, econômicos e sociais.

O município de Januária localiza-se na porção Norte do estado de Minas Gerais, na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, conforme ilustra o Mapa 08, às margens esquerdas do Rio São Francisco.

Mapa 08: Localização do Município de Januária na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros



Fonte: IBGE (2017). Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

Neste capítulo as centralidades e as funções exercidas em Januária são analisadas a partir de três escalas. A primeira escala tem como foco a busca pelo consumo de bens e serviços em Januária pela população dos seus distritos. A segunda escala analisa as relações de Januária com a sua Região Geográfica Imediata, a partir dos setores de educação superior e saúde como vetores de centralidades. E a terceira escala busca compreender o posicionamento dessa

cidade na rede urbana norte-mineira, baseando-se nos comparativos de dados populacionais e econômicos dos principais centros urbanos que a compõe, e nas relações de centralidade e complementação, que se fundamentam na análise do consumo dos serviços de saúde e de ensino superior em Montes Claros pela população de Januária e pelos fluxos de transporte coletivo realizados entre esses os centros.

2.1. Contexto histórico e expansão urbana

Para melhor compreender o processo de urbanização e de produção do espaço das cidades é preciso revisitar a sua história e apreender o contexto político, econômico e social de sua formação e desenvolvimento. O Quadro 07 identifica estudos desenvolvidos que abordaram o processo de formação histórico de Januária.

Quadro 07: Estudos relativos ao contexto histórico de formação de Januária - MG, 1959 – 2015

Nome do estudo	Ano	Autor es)
Januária (MG). In: enciclopédia dos municípios brasileiros	1959	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Memorial Januária: Terra, Rios e Gente	2004	Antônio Emílio Pereira
História e memória de Januária	2008	Ana Alaíde Amaral
Desenvolvimento Regional no Norte de Minas Gerais	2011	Gilmar Ribeiro dos Santos, Ricardo dos Santos Silva
Industrialização e trabalho na indústria no Norte de Minas: origens, SUDENE e Reflexões sobre o perfil recente dos trabalhadores formais ocupados	2012	Roney Versiani Sindeaux, Cândido Guerra Ferreira
Caminho do Brejo - uma rua como aquela nunca mais	2013	Hildeu Andrada
O Desenvolvimento no Norte de Minas na Perspectiva da SUDENE	2014	Karine Gomes dos Santos Souto, Gilmar Ribeiro dos Santos
Januária que você não viu	2015	Hildeu Andrada

Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

Pereira (2004), autor memorialista, retrata a fundação do povoado Brejo do Salgado, onde hoje se localiza o município de Januária, desde a época em que havia a predominância indígena, sendo que tal nome foi dado devido às águas salobras dos pantanais, características da região. O autor registra ainda, que o povoado tenha sido fundado entre os anos de 1699 e 1703.

O Brejo do Salgado, criado em 1811 através da resolução Régia, possuía o primeiro aglomerado de residências, o qual atualmente é denominado Brejo do Amparo, distrito de Januária. Depois o distrito foi transformado em vila pela resolução de 1833 e, somente em 1860, tornou-se oficialmente cidade de Januária em decorrência da necessidade dessas residências de estarem mais próximos à margem do Rio São Francisco (IBGE, 1959; PEREIRA, 2004).

No período próximo aos anos de 1870 havia escassez de edificações para sedes administrativas e a sede municipal, adjacente ao porto, enfrentava dificuldades pelas enchentes. Em 1871, a sede do município foi transferida para o Brejo do Amparo até que o porto proporcionasse uma infraestrutura adequada. A construção do prédio para funcionamento do Fórum, atual Casa da Memória (Figura 05), é um exemplo das construções realizadas para manter a sede próxima ao porto. Sua execução ocorreu entre os anos de 1871 e 1885 e foi subsidiada pela verba da Província (PEREIRA, 2004).

Figura 05: Casa da Memória – Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019).

Através dos relatos feitos por Pereira (2004), Amaral (2008) e Andrada (2013) é possível compreender que a organização espacial de Januária, principalmente na área central, foi iniciada em função do Rio São Francisco, tanto pela busca da proximidade com o porto, (Figura 06), na tentativa de melhor aproveitar o transporte fluvial para o comércio e transporte, quanto pelas construções de edificações que garantissem infraestrutura mínima para o funcionamento administrativo e que fossem protegidas do avanço das águas em época da cheia.

Figura 06: Antigo Porto de Januária - MG

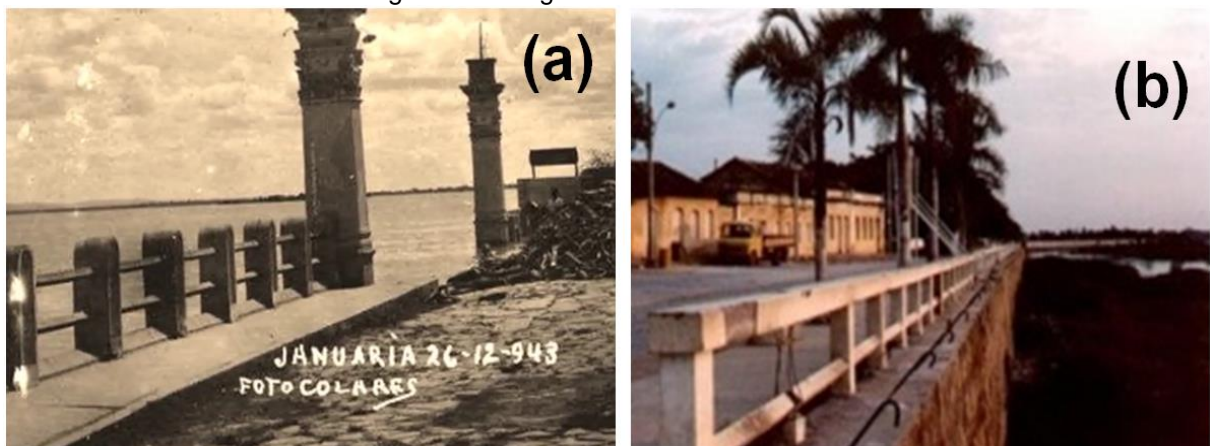


Fonte: Carneiro, C. (1940).

Amaral (2008, p.5) descreve as transformações na paisagem do cais, (Figura 07), em Januária no século XX:

As sucessivas reconstruções também fazem parte da paisagem do cais de Januária, consequência das enchentes periódicas, que na maioria das vezes o danificavam. As pilastras do cais Coronel Rocha foram demolidas na primeira metade da década de 1950, aparentemente sob o argumento que a construção de um novo cais seria novidade para a cidade. Outro cais foi construído no lugar, e posteriormente, esse cais foi demolido dando lugar ao novo cais – um dique para conter às águas da enchente – que nos dias atuais se encontra na avenida beira-rio.

Figura 07: Antigo Cais de Januária - MG



Fonte: Colares, A. (a) (1943); (b) (1975). Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

Como anteriormente exposto, havia uma disputa pela sede entre Januária e o Brejo do Amparo, que foi definida para o Porto pela promulgação da Lei nº 3297, em agosto de 1885, após a construção de edificações. A partir desse ponto, memorialistas fazem registros de como se deu a ocupação e a constituição das ruas do município:

A beleza do São Francisco e a comodidade de estar próximo às águas motivaram aos que aqui se aninham, a se estabelecer em suas margens. Houve um grande desmatamento, frente à cidade, no afã de manterem limpos os portos, desde longas e esquecidas eras. Desprotegidas, as barrancas desapareceram, pouco a pouco, sendo levados pelas águas, aqueles primordiais armazéns do Porto Salgado e as primeiras ruas (PEREIRA, 2004, p. 394).

Em seus relatos, Pereira (2004) ainda expõe uma divisão não oficial do espaço, utilizada na primeira metade do século XIX, para a cidade: centro, rua de baixo, rua de cima e um esboço do caminho do Brejo. A Figura 08 mostra parte do local de interseção entre essa separação. Tais considerações indicam o início da urbanização do município, tendo em vista as suas descrições:

Os limites do Centro, à direita de quem olha para o rio, iam pouco além da Rua da Avenida (C. el Cassiano) e do fim da Rua do Correio velho (Visconde de Ouro Preto). A Praça Benjamin Constant já era Rua de Cima, a montante do rio. Os limites, à esquerda, eram as imediações da Praça da Catinguinha (Praça Sete de Setembro), já considerada Rua de Baixo, à jusante do rio. (...) Delineava-se, ainda o caminho do Brejo, que começava na Rua Padre Henrique (PEREIRA, 2004, p. 395).

Figura 08: Antigo Porto de Januária próximo à Praça Benjamin Constant



Fonte: Colares, A. (1943).

Andrada (2013) também relata a divisão citada por Pereira (2004), como referente aos anos de 1940 e 1950 e descreve a cidade como pequena. Sua narrativa também permite localizar a inicial ocupação das edificações:

(...) a Rua de Baixo não passava da Praça Santa Cruz. (...) Já a Rua de Cima não passava de onde fica a Rua do Sol, pois, dali em diante eram pastos (mangas), alguns riachos: Sa Désia e Sa Eva, sem sinal de habitação ou vida urbana. (...) Pois bem, a terceira parte da cidade (...) era o nosso querido Caminho do Brejo, também com suas limitações, pois, além

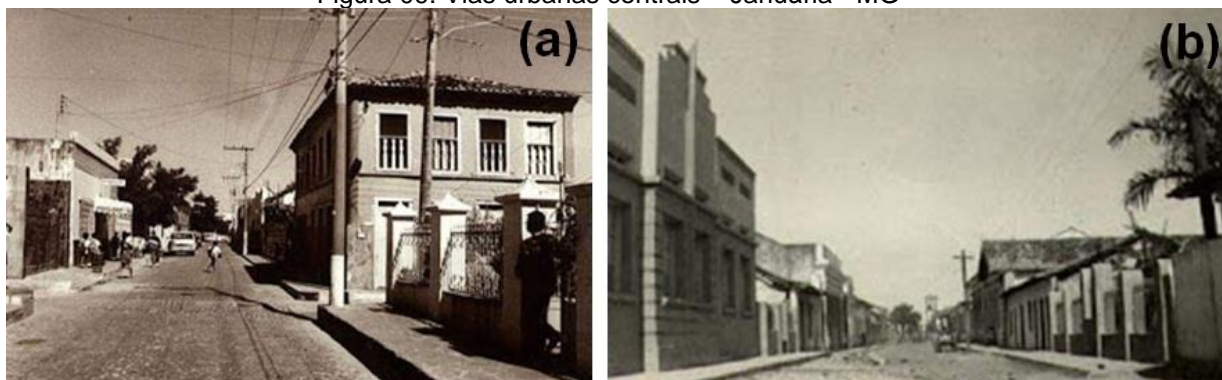
das ruas Padre Henrique (central), Cícero Torres de um lado e Cel. Serrão do outro, pouca coisa ou quase nada existia (ANDRADA, 2013, p. 13).

A expansão dessa área ocorreu, então, em conjunto com o progresso da cidade. Andrada (2015) descreve como aconteceu tal fato em algumas ruas de Januária, como por exemplo, a Rua do ABC:

No começo da urbanização da cidade havia 23 casas que não eram numeradas, mas nominadas com as letras do alfabeto. O progresso chegou e essa rua teve seus lotes gigantes ocupados por novas casas, que agora receberam números e a rua, um novo nome. Essa rua ia da Prof. Manuel Ambrósio até a Cel. Cassiano. Foi ampliada e passou a ser chamada de Rua Cesário Alvim, que começa na Praça Dom Daniel, passando pela rua original, indo terminar na travessa Belo Horizonte, já vila Bandeirante (ANDRADA, 2015, p. 32).

O traçado das vias urbanas mais antigas é descrito como não uniforme por Jaques (2011), e era intercalando com ruas mais estreitas e largas, como é possível verificar na Figura 09.

Figura 09: Vias urbanas centrais – Januária - MG



Fonte: Colares, A. (1947). Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

A expansão da mancha urbana é intensificada nas décadas de 1980 e 1990, impulsionadas pelo crescimento populacional urbano, pelo investimento em infraestrutura urbana para ocupação dos espaços até então vazios, e pelas novas ofertas de bens e serviços.

2.2. A SUDENE no Norte de Minas Gerais

Ainda sobre o histórico do município de Januária, é preciso compreender como ocorreu o processo de desenvolvimento no Norte de Minas e como o município se insere nessa conjuntura, por meio das primeiras atividades

desenvolvidas e da relevância da criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

As primeiras atividades registradas na região norte-mineira foram vinculadas à pecuária originada do Nordeste e das bandeiras paulistas. O desenvolvimento da região no século XIX também se destacou devido ao ciclo da borracha em Januária, através da produção do látex de mangabeira e maniçoba, que mesmo com uma curta duração, provocou o aumento da mão de obra disponível e que aceitasse baixas remunerações e más condições de trabalho (SOUTO; SANTOS, 2014).

As atividades mineradoras localizadas no centro de Minas Gerais foram essenciais para potencializar a dinâmica econômica da região norte do estado, que está em uma posição geográfica estratégica entre a localidade mineradora, o norte e o nordeste do Brasil, com o fomento do comércio e dos centros comerciais, mas que tinha como principal atividade até o século XIX a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência (SINDEAUX; FERREIRA, 2012).

Observando as disparidades sociais e econômicas e levando em consideração a incipiência industrial da região nordeste brasileira ao ser comparada com as demais, em 1959 foi criada a SUDENE, no governo do então presidente Juscelino Kubitschek. O objetivo da criação era oportunizar a atração de capital pela oferta de infraestrutura, a isenção de impostos e o subsídio de projetos particulares que fomentassem a instalação de indústrias (SOUTO; SANTOS, 2014).

A inserção do Norte de Minas Gerais na área de atuação da SUDENE não foi prevista inicialmente, mas ocorreu em 1963 com o apoio das lideranças e políticos norte-mineiros (SANTOS; SILVA, 2011; SINDEAUX; FERREIRA, 2012) e foi de grande importância para o desenvolvimento regional, como relatam Souto e Santos (2014), em que o uso das estratégias da superintendência alavancou o setor industrial no Norte de Minas. Porém, Oliveira (1996, apud Souto; Santos, 2014) alerta que a infraestrutura escassa da região ocasionou em uma atuação de menor impacto nos anos iniciais da implantação da SUDENE, destacando as dificuldades referentes ao transporte, devido às poucas vias pavimentadas e à falta de energia. Em decorrência da sua baixa capacidade, a fundação de novas indústrias foi impedida e ainda gerou uma limitação da capacidade de produção das já existentes.

Em 1965 foi possível já constatar os primeiros reflexos concretos das ações da SUDENE no Norte de Minas Gerais, através de parceria com o Estado e com investidores, implantou-se a primeira indústria, um frigorífico. Os resultados efetivos da inserção da SUDENE nessa Região se materializam em 1970 com a instalação de novas indústrias.

Os municípios norte-mineiros não receberam de forma igualitária os projetos desenvolvidos pela SUDENE. De acordo com Braga (1985, apud Souto;Santos, 2014) Montes Claros foi sede de 54,8% desses projetos; outro município que teve uma participação de destaque foi Pirapora (com 25,8%), sendo que tal fato justifica a existência de infraestrutura para instalação de indústrias.

Apesar de Januária não estar entre os municípios que tiveram destaque na implantação de indústrias com a inserção do Norte de Minas na área de atuação da SUDENE, é possível identificar os seus impactos para o núcleo urbano. Os incrementos trazidos ao município de Montes Claros pela SUDENE na década de 1960 afetaram toda a rede urbana regional, incluindo Januária.

O progresso vivido pelo núcleo urbano de Montes Claros com a instalação da SUDENE impulsionou a migração populacional dos municípios do entorno que buscava ofertas de emprego. A industrialização e a urbanização dessa cidade potencializaram a sua dinâmica no setor terciário, passando a exercer funções urbanas diversificadas, e, conseqüentemente, atraindo fluxos populacionais de cidades como Januária que buscavam por serviços especializados em diversos setores como saúde, educação e lazer.

A proximidade e as relações estreitas existentes entre os centros urbanos norte-mineiros possibilitaram que o desenvolvimento conseqüente da industrialização em Montes Claros tenha impacto em Januária e em outros municípios do entorno. A criação da Associação dos Municípios da Área Mineira da SUDENE (AMAMS) em 1977 é resultado dessa vinculação com intuito de potencializar reivindicações desses centros urbanos junto ao governo federal e estadual.

De acordo com França et al. (2018), a AMAMS tem papel fundamental na relação intermunicipal dos municípios que a compõem, através da promoção da

interação dos respectivos dirigentes para debate de temáticas como saúde, meio ambiente, administração e energia.

Um produto da mediação da AMAMS e que beneficiou Januária é a ponte sobre o Rio São Francisco, que interliga os municípios Pedras de Maria da Cruz e Januária, (Figura 10). Ela foi construída em 1996 com o objetivo de findar o isolamento do município e fomentar novos projetos para a região (AMAMS, 2020).

Figura 10: Ponte sobre o Rio São Francisco que interliga os municípios Pedras de Maria da Cruz e Januária - MG



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras de Maria da Cruz (2017).

A presença da SUDENE no Norte de Minas Gerais somada à estruturação da AMAMS proporcionou ao município de Januária o desenvolvimento de projetos e a atração de investimentos que dinamizaram diversos setores, além de aperfeiçoar a infraestrutura existente na cidade e assessorar o desenvolvimento local.⁶

2.3. Conjuntura demográfica, econômica e social

A caracterização da população do município de Januária - MG permite compreender os dados de urbanização e de atividades econômicas. A evolução da população urbana e rural do município, desde 1970 até 2010, se deu de maneira bastante peculiar, na qual é possível observar transformações relevantes em seu crescimento, e em alguns momentos, ocorre até mesmo o seu decréscimo, como apresentada na Tabela 01 e Gráfico 01.

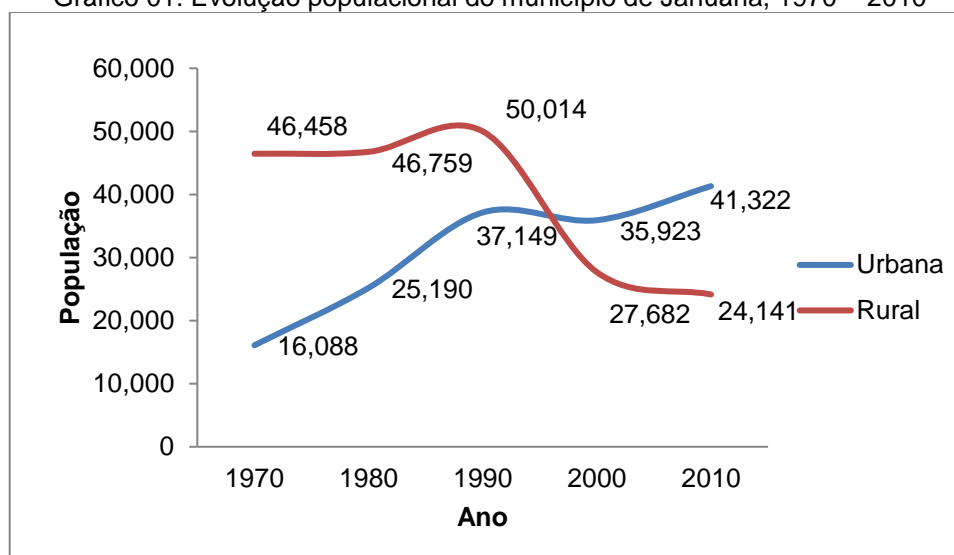
⁶ A constatação da história e intervenções da AMAMS em Januária ficou prejudicada em decorrência do cenário e disposições de restrições sociais aplicadas devido ao COVID-19, que impactaram o acesso aos arquivos físicos existentes na sede da Associação. As informações aqui apresentadas foram buscadas em seu site.

Tabela 01: Evolução populacional do município de Januária, 1970 – 2010

Ano	Urbana	% Urbana	Rural	% Rural	Total	Crescimento urbano %	Crescimento rural%	Crescimento total %
1970	16.088	25,72	46.458	74,28	62.546	-	-	-
1980	25.190	35,01	46.759	64,99	71.949	56,58	0,65	15,03
1990	37.149	42,62	50.014	57,38	87.163	47,48	6,96	21,15
2000	35.923	56,48	27.682	43,52	63.605	-3,3	-44,65	-27,03
2010	41.322	63,12	24.141	36,88	65.463	15,03	-12,79	2,92

Fonte: IBGE, População Residente, (1970 – 2010). Org.: Dourado, L. F. N. (2018).

Gráfico 01: Evolução populacional do município de Januária, 1970 – 2010



Fonte: IBGE, População Residente (1970 – 2010). Org.: Dourado, L. F. N. (2018).

A partir da análise da Tabela 01 e da observação do Gráfico 01 é possível constatar que há um predomínio da população urbana do município de Januária a partir dos anos 2000.

Os dados evidenciam ainda que em quase todos os censos do IBGE a população urbana teve crescimento, exceto em 2000; porém a sua média de crescimento (28,95%) superou a da população rural, de forma negativa (-12,46%). A população rural, por sua vez, inversamente, registrou um crescimento populacional até 1990, porém após esse período os dados de crescimento são negativos.

Já a população total do município teve, em suma, um crescimento de 12,07% entre 1970 e 2010 e um crescimento médio nesse recorte temporal de 3,02%. No entanto é preciso destacar que entre 1990 e 2000 ocorreu um decréscimo elevado (27,03%), em função principalmente da população rural (44,65%).

O decréscimo populacional registrado no censo demográfico em 2000 é

resultado dos desmembramentos ocorridos em 1992 (Lei Estadual nº10. 704) dos distritos de Pedras de Maria da Cruz e São Pedro das Tabocas para consolidar o município de Pedras de Maria da Cruz. E, também de outras ondas de desmembramentos em 1995 (Lei Estadual n.º 12.030) dos distritos de Cônego Marinho e Bonito, consagrados à posição de município (IBGE CIDADES, 2020).

A Tabela 02 apresenta a população urbana e rural, a extensão territorial dos municípios, o PIB de Januária, Bonito de Minas, Cônego Marinho e Pedras de Maria da Cruz.

Tabela 02: População, Extensão Territorial e PIB – Municípios de Januária, Bonito de Minas, Cônego Marinho e Pedras de Maria da Cruz

	2000		2010		2019	2016	
	População Urbana	População Rural	População Urbana	População Rural	Extensão Territorial	PIB a preços correntes (Mil Reais)	
Januária	35923	27682	41322	24141	6.661,59	R\$	635.194,00
Bonito de Minas	1420	6443	2209	7464	3.936,46	R\$	74.246,00
Cônego Marinho	764	5713	1915	5186	1.610,41	R\$	48.827,00
Pedras de Maria da Cruz	4983	3888	6328	3987	1.525,65	R\$	79.958,00

Fonte: IBGE, População Residente, (2000 – 2010); IBGE CIDADES (2019); PIB (2016). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

No ano de 1990 Januária possuía um total de 87.163 habitantes, já em 2000 houve redução do total da população em decorrência da onda de emancipações e registrou-se uma população para aquele ano de 63.605 residentes. O montante populacional dos municípios emancipados (Bonito de Minas, Cônego Marinho e Pedras de Maria da Cruz) e de Januária em 2000 foi de 86.876 indivíduos, e em 2010 cresceu para 92.552 habitantes.

Sobre a extensão territorial dos municípios que foram emancipados de Januária, somada as suas áreas, totalizou-se em 2019 um quantitativo de 7.072,51 km², valor superior a metade do território do Município de Januária.

Em relação à produção econômica, tais municípios somaram uma arrecadação de Produto Interno Bruto (PIB) em 2016 de R\$ 203.031,00, valor correspondente a 24,22% do PIB de Januária para aquele ano.

Nesse sentido, os desmembramentos dos distritos significaram para Januária

perdas populacional, territorial e econômica expressivas que devem ser consideradas na análise dos processos espaciais urbanos que nela se configuram.

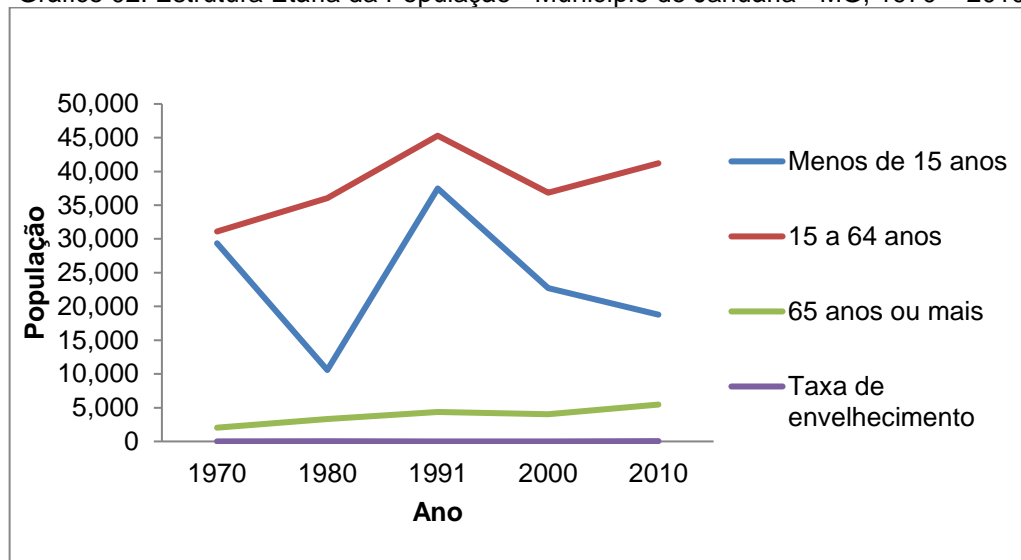
Em relação ao gênero, o censo do IBGE de 2010 mostrou que a população feminina de Januária corresponde a 50,59% da população, pouco maior que a masculina. Já alusivo à sua faixa etária predominante, que está contextualizada na Tabela 03 e no Gráfico 02, é possível identificá-la entre as idades de 15 e 64 anos. Entretanto, destaca-se a que a população com menos de 15 anos tem se reduzido, de forma global, desde 1991, em contraste com a população januarenses com 65 anos ou mais, esta que de forma geral tem crescido, o que por consequência amplia a taxa de envelhecimento, já que ela é entendida pela razão entre os componentes etários da extremidade (idosos e jovens) (IBGE, 2010).

Tabela 03: Estrutura Etária da População - Município de Januária - MG, 1970 – 2010

Faixa etária	População (1970)	População (1980)	População (1991)	População (2000)	População (2010)
Menos de 15 anos	29.372	10.583	37.479	22.725	18.768
15 a 64 anos	31.106	36.039	45.298	36.860	41.232
65 anos ou mais	2.041	3.336	4.386	4.020	5.461
Taxa de envelhecimento	6,95	31,52	11,7	17,69	29,10

Fonte: IBGE, População Residente por Grupos de Idade (1970 – 2010). Org.: Dourado, L. F. N. (2018).

Gráfico 02: Estrutura Etária da População - Município de Januária - MG, 1970 – 2010



Fonte: IBGE, População Residente por grupos de idade (1970 – 2010). Org.: Dourado, L. F. N. (2018).

Os quantitativos das atividades desempenhadas por um determinado município formam um perfil para exercer determinadas funções, o que Sena Filho

(2007) tratou como uma razão para a existência e para o desenvolvimento da cidade. As atividades econômicas desenvolvidas do município de Januária - MG são baseadas principalmente no setor de serviços, conforme são apresentadas na Tabela 04 e no Gráfico 03, que ilustram um comparativo histórico do produto interno bruto (PIB) por setor do município.

Tabela 04: Histórico do Produto Interno Bruto por Setor - Município de Januária - MG, 2005, 2010 e 2015, (R\$ 1 mil)

Ano	Setor Agropecuário	%	Setor Industrial	%	Setor de Serviços	%	Total
2005	R\$ 17.414,00	8,52	R\$ 11.525,00	5,64	R\$ 175.526,00	85,85	R\$ 204.465,00
2010	R\$ 23.694,00	6,97	R\$ 19.234,00	5,66	R\$ 296.790,00	87,36	R\$ 339.718,00
2015	R\$ 30.081,00	5,04	R\$ 30.606,00	5,12	R\$ 536.649,00	89,84	R\$ 597.336,00
Média	R\$ 23.729,67	6,84	R\$ 20.455,00	5,47	R\$ 336.321,67	87,68	R\$ 380.506,33

Fonte: IBGE, Produto Interno Bruto (2005; 2010; 2015)⁷. Org.: Dourado, L. F. N. (2018).

Gráfico 03: Histórico do Produto Interno Bruto por Setor - Município de Januária - MG, 2005, 2010 e 2015, (R\$ 1 mil)



Fonte: IBGE, Produto Interno Bruto (2005; 2010; 2015)⁸. Org.: Dourado, L. F. N. (2018)

O setor de serviços em Januária tem preponderância entre os demais, registrando crescimento entre os anos de 2005 (85,85%), 2010 (87,36%) e 2015 (89,84%), como se observa na Tabela 04 e Gráfico 03. O setor agropecuário é o segundo com maior contribuição em 2005 (8,52%) e registra redução em seus

⁷Tabela composta com base nos dados fornecidos pelo IBGE utilizando a nova referência das contas nacionais, metodologia adotada desde 2002.

⁸Gráfico composto com base nos dados fornecidos pelo IBGE utilizando a nova referência das contas nacionais, metodologia adotada desde 2002.

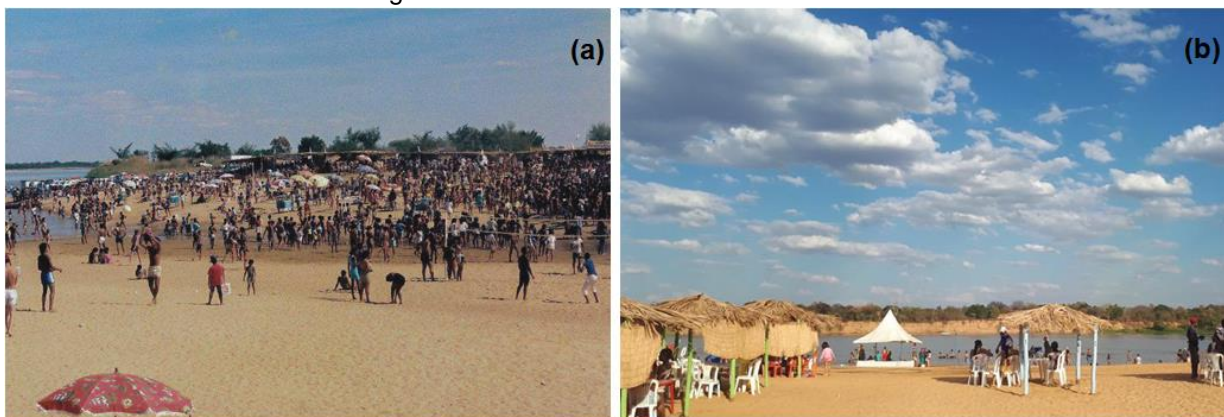
valores em 2010 (6,97%) e 2015 (5,04%). Já o setor industrial tem em 2005 a menor fração do PIB de Januária (5,64%), manteve porcentagem semelhante em 2010 (5,66%) e registrou pequena mudança em 2015 (5,12%).

O município de Januária possui vocação turística, atribuída por Ferreira e Silva (2010) à sua arquitetura histórica, às riquezas naturais, às inúmeras manifestações culturais e à proximidade ao Rio São Francisco. Suas ruas históricas mostram uma arquitetura pouco preservada, mas que atrai turismo, um dos potenciais do setor de serviços que fica no entorno de um dos principais empreendimentos do ramo de hotelaria do município.

Ainda sob a ótica da potencialidade do município de Januária com o turismo, é preciso ressaltar suas riquezas naturais compostas por pelo Rio São Francisco, pelas cavernas, grutas e cachoeiras. A praia fluvial em Januária (Figura 11) é aproveitada comercialmente em temporadas. Relativo ao uso fluvial para fins turísticos, tem-se que:

A praia fluvial destaca-se como uma das principais formas de lazer de Januária. Utiliza-se das margens do rio São Francisco para a implantação de uma infraestrutura, por parte do Poder Público Municipal, composta fundamentalmente por bares, restaurantes, banheiros, palcos para shows e quadras esportivas, a fim de propiciar entretenimento ao público em ambiente ribeirinho. (...) Esse tipo de empreendimento (praias fluviais) apresenta forte perfil impactante, uma vez considerada sua localização em ambientes ribeirinhos e a concentração de um grande número de pessoas em espaço relativamente pequeno. (OLIVEIRA, 2012, p. 108)

Figura 11: Praia fluvial de Januária - MG



Fonte: (a) Câmara Municipal de Januária (1996); (b) Dourado, L. F. N. (2019).

De acordo com a ACI/CDL de Januária (2015), no setor de serviços destaca-se o comércio varejista de alimentos, sendo o que mais contribui para o setor, com aproximadamente 188 empreendimentos em 2015.

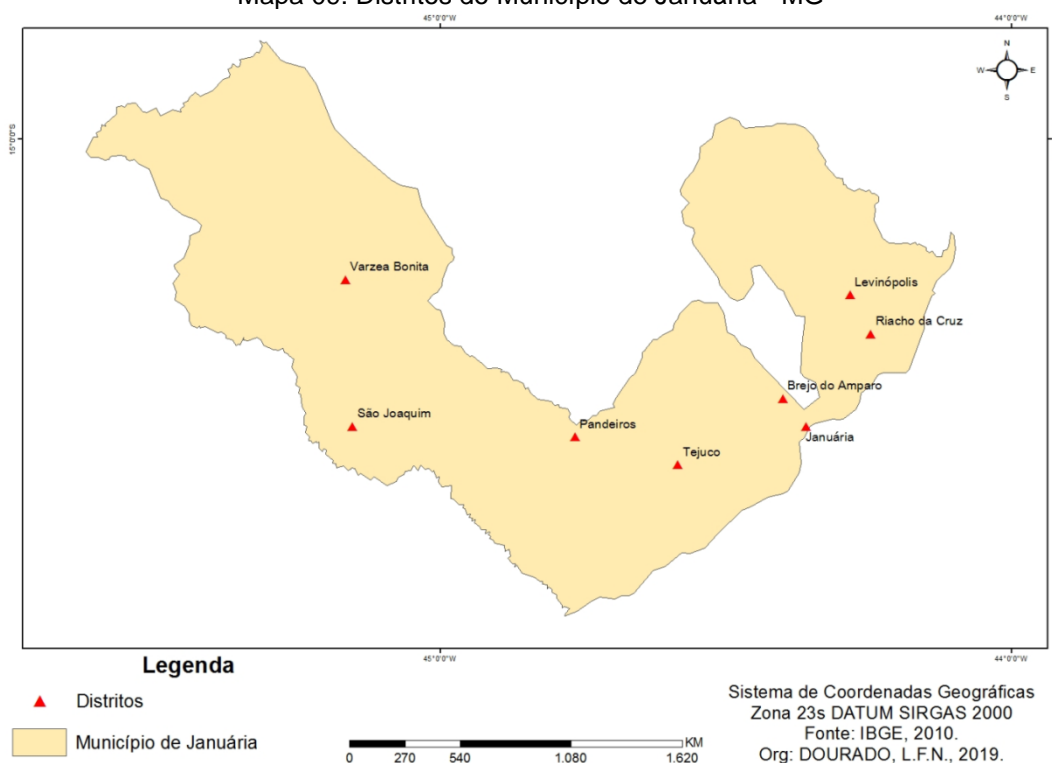
O setor agropecuário possui pouca participação na composição do PIB municipal, entretanto ele é o segundo que mais contribui para o PIB e que oferta pouco emprego formal. De acordo com a ACI/ CDL de Januária (2015), os produtos com maior destaque do setor primário são feijão, mandioca, sorgo, arroz, mamona, milho, bovinocultura de corte e de leite.

Já o setor industrial de Januária ganha relevância devido à produção de bebidas destiladas e aguardentes, que possui maior participação dentro do setor secundário, em relação ao estado de Minas Gerais, entretanto esse setor possui ainda indústrias de laticínios, telhas, móveis, artefatos de concreto, sorvetes, panificação, produtos alimentícios, material gráfico e de confecção de vestuários (ACI/CDL, 2015).

2.4. Januária e seus distritos

O município de Januária possui ampla extensão territorial e atualmente tem sete distritos, além da sede, sendo eles: Brejo do Amparo, Levinópolis, Riacho da Cruz, São Joaquim, Tejuco, Várzea Bonita e Pandeiros. O Mapa 09 apresenta os distritos do município de Januária.

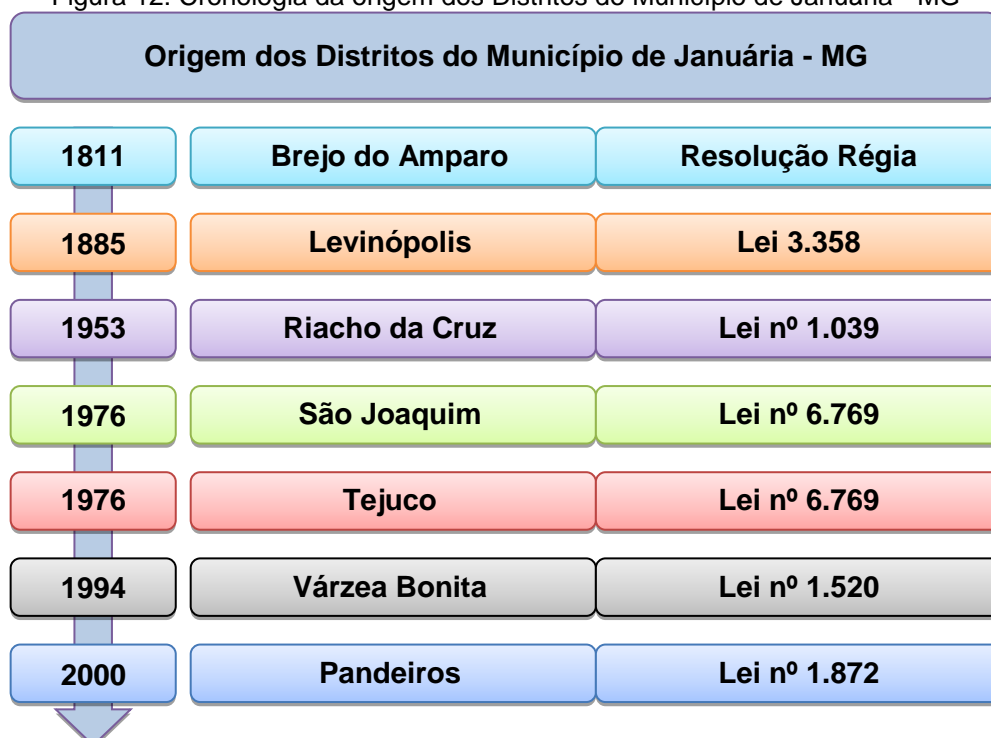
Mapa 09: Distritos do Município de Januária - MG



Fonte: IBGE (2010); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A criação dos distritos se deu em datas e contextos históricos distintos. A Figura 12 elucida a cronologia da formação dos distritos, além do distrito sede, que pertencem à divisão territorial municipal de Januária datada em 2014 (IBGE, 2020).

Figura 12: Cronologia da origem dos Distritos do Município de Januária - MG



Fonte: Pereira (2004); IBGE CIDADES (2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O distrito Brejo do Amparo está localizado a 6 km e é o mais próximo geograficamente e economicamente da cidade, além da sua conexão com a origem histórica de Januária, já que ele foi a primeira sede do município, alterada pela resolução Régia, e foi onde os primeiros agrupamentos de edificações surgiram. Seu contingente populacional é de 2.141 habitantes, do qual 1.122 são homens e 1.019 são mulheres, de acordo com o censo demográfico de 2010 do IBGE.

Com grande parte das residências com características arquitetônicas históricas, Figura 13, Brejo do Amparo atrai turistas pela presença da Igreja Nossa Senhora do Rosário, tombada pelo Estado de Minas Gerais em 1989, mas também pela beleza de suas riquezas naturais e pelo consumo de seus produtos artesanais. Os moradores desse distrito trabalham e buscam a maior parte dos serviços especializados em Januária, o que é justificado pela facilidade de acesso e proximidade do distrito com a cidade.

Figura 13: Distrito Brejo do Amparo - Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019).

Brejo do Amparo possui três mercearias que comercializam produtos alimentícios com pouca diversidade, uma padaria, dois bares, duas escolas públicas e um posto de saúde, parte de tais serviços é retratada na Figura 14. O distrito oferta ainda serviço de Cartório de Registro Civil e Notas, Agência dos Correios, comércio de gás, estabelecimento correspondente bancário, oficina mecânica e serralheria. Há também no local a concentração de produção de produtos artesanais e industriais, tais como: cachaça, rapadura, mel, licor, doces, linguiça, vinagre e cerveja.

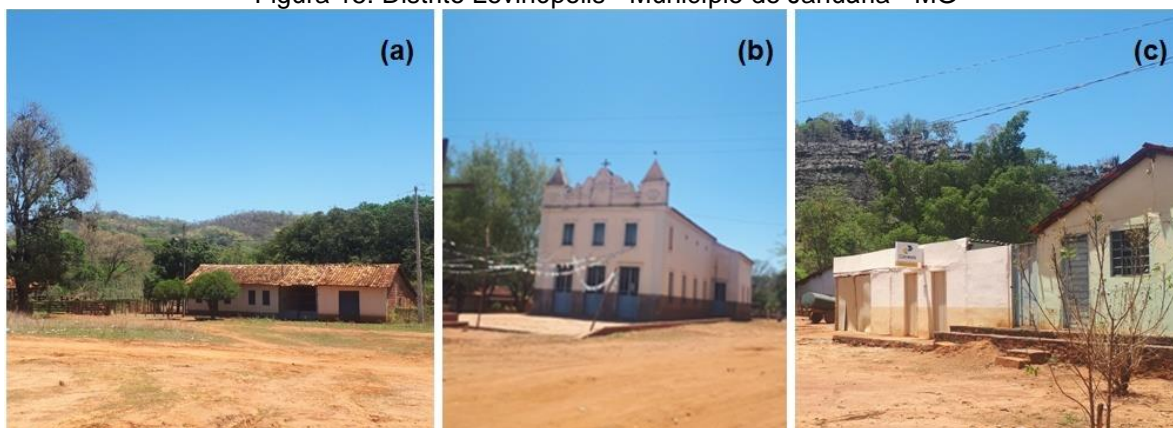
Figura 14: Distrito Brejo do Amparo - Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019).

Levinópolis está a 36 km do distrito de Januária, teve por nomenclatura primitiva de Mocambo e sofreu esvaziamento populacional considerável; De acordo com Pereira (2004), a sede está quase desabitada, contando com apenas 122 moradores, sendo que o censo de 2010 do IBGE registra 3.192 habitantes, entre 1.674 homens e 1.518 mulheres. O distrito possui uma escola pública, que atende alunos apenas entre o primeiro e quinto ano do ensino fundamental, além de uma agência dos Correios, Figura 15.

Figura 15: Distrito Levinópolis - Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019).

Os habitantes do distrito de Levinópolis realizam, preponderantemente, o consumo de serviços terciários na sede de Januária, mesmo que o seu acesso não seja de qualidade e o transporte coletivo seja escasso. Tal fato se justifica pela ausência de serviços e de comércios considerados básicos, como mercearias, farmácias e posto de saúde.

O distrito de Riacho da Cruz, Figura 16, está localizado a mais de 23,5 km da sede do município, é marcado pela influência religiosa, contando com a presença de

igreja católica e de templos evangélicos. Foi registrado no censo do IBGE (2010) um quantitativo de 5.647 habitantes, sendo 2.748 mulheres e 2.899 homens.

Figura 16: Distrito Riacho da Cruz- Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019).

Há no distrito de Riacho da Cruz comércios e prestação de serviços dos seguimentos: Cartório de Registro Civil e Notas, minimercados, gás, materiais de construção, farmácia e laboratório de análises clínicas, além da existência de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e duas escolas públicas. Seus moradores buscam no distrito sede a oferta de bens e serviços especializados e contam com um acesso eficiente de transporte coletivo todos os dias.

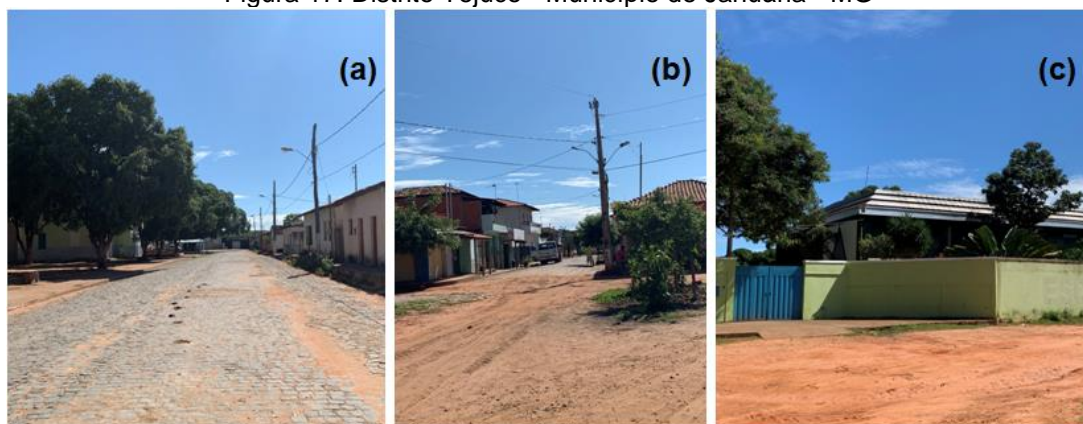
São Joaquim⁹ tem seu contexto histórico permeado pela construção da igreja católica, possui uma escola estadual que leva o nome do próprio distrito e está a quase 95 km de distância da sede januarense (PEREIRA, 2004). Possui um contingente populacional de 3.750 habitantes, sendo 1.916 homens e 1.834 mulheres (IBGE, 2010).

A infraestrutura que dá acesso ao distrito é de pouca qualidade e o transporte coletivo funciona de forma limitada durante a semana. A oferta de serviços é pouco diversificada, sendo predominante a busca de comércio e serviços na cidade.

O distrito de Tejuco, ilustrado na Figura 17, está localizado a 29 km do distrito de Januária, com a presença das igrejas católica e evangélica. Ele possui um total de 4.541 habitantes, de acordo com o Censo de 2010 do IBGE, sendo que 2.355 são homens e 2.186 mulheres.

⁹ A realização da imersão de campo no distrito de São Joaquim foi impossibilitada pela limitação de acesso aos moradores em decorrência das disposições de restrições sociais aplicadas devido à COVID-19.

Figura 17: Distrito Tejuco - Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020).

Os serviços ofertados em Tejuco são de pequena proporção e constituem-se em UBS, armazéns, posto de combustível, farmácia, padarias, material de construção, Cartório de Registro Civil e Notas, comércio de gás, agência dos Correios e de ônibus; o distrito ainda conta com duas escolas públicas. Apesar de possuir um acesso com deficiências, o transporte coletivo realiza viagens todos os dias para o distrito sede, o que oportuniza a busca por diversos comércios e atividades em Januária.

Várzea Bonita conta com a presença da igreja católica e evangélica, da Escola Estadual Francisco Viana de Matos, que oferta ensino fundamental e médio, e é o distrito que está mais distante geograficamente da sede municipal, sendo quase 112 km de distância. De acordo com o Censo do IBGE de 2010 seu número de habitantes é de 3.122, onde 1.491 são mulheres e 1.631 são homens.

Esse distrito possui oferta de bens e consumos bastante restrita, estando instaladas no local unidades comerciais de pequeno porte do ramo alimentício, além da agência dos Correios, a Figura 18 retrata parte do ambiente desse distrito. Suas vias de acesso estão em condições precárias, o que dificulta a troca de fluxos com a sede, além disso, o transporte coletivo opera com poucos fluxos durante a semana. Mesmo com tais dificuldades, os moradores buscam a sede para consumir serviços diversos e especializados.

Figura 18: Distrito Várzea Bonita - Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019).

Pandeiros é o distrito mais recentemente reconhecido e tem em suas margens o Rio Pandeiros (PEREIRA, 2004). Sua população foi registrada no Censo do IBGE (2010) foi de 3.089 pessoas, entre 1.610 homens e 1.479 mulheres.

Há no distrito duas escolas públicas, sendo uma municipal e outra estadual, além de uma UBS, agência dos Correios, e pequenos comércios que fornecem produtos alimentícios, gás, internet, loja de material de construção, venda de passagens e serviços como borracharia. A Figura 19 registra parte do espaço urbano do distrito.

Figura 19: Distrito Pandeiros - Município de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020).

Os seus habitantes realizam no distrito a maior parte de suas compras, de serviços básicos e especializados. As cachoeiras e as riquezas naturais de Pandeiros são grandes potenciais turísticos do distrito, entretanto a infraestrutura existente é escassa.

De maneira geral, os distritos do município de Januária possuem pequenos comércios, geralmente mercearias, padarias, além de UBS, escolas, agência dos Correios, cartórios, e, ainda, espaços comuns que convivem e mantêm as tradições culturais e religiosas da região. Devido à disponibilidade, diversidade e

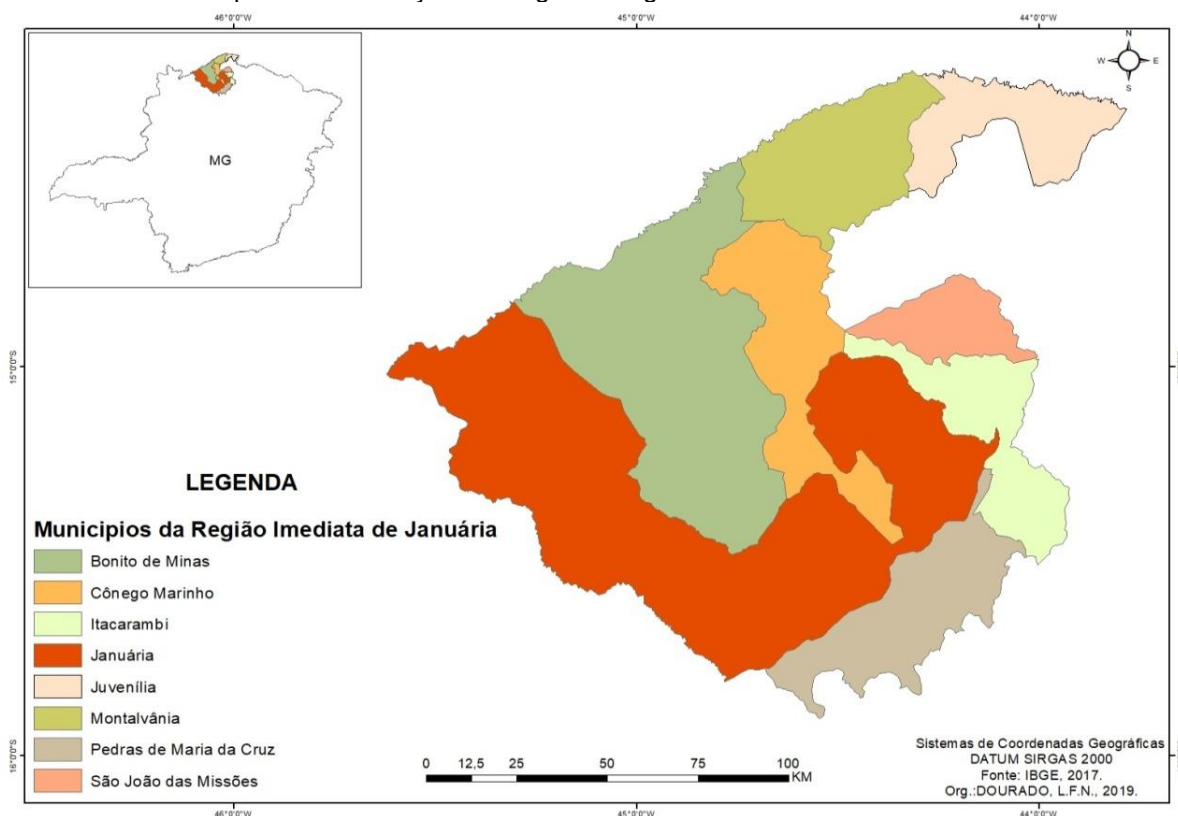
especialização, o consumo de bens e serviços se concentra no distrito sede, no qual são realizados serviços bancários, de saúde, compra de alimentos, medicamentos, entre outros. O acesso, o transporte e a distância dos distritos em relação à sede são desiguais, o que influencia na forma como os bens e serviços são buscados. Assim, a menor infraestrutura e maior distância são fatores que influenciam para redução de fluxos entre os mesmos. Já a proximidade e o acesso de qualidade promovem a interação e a intensificação dos fluxos entre distritos e sede.

2.5. Januária e a Região Geográfica Imediata e os setores de educação superior e saúde como vetores de centralidade

A Região Geográfica Imediata de Januária¹⁰ é constituída por oito municípios: Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi, Januária, Juvenília, Montalvânia, Pedras de Maria da Cruz e São João das Missões, de acordo com o IBGE (2017), (Mapa 10). Possui uma área de extensão próxima de 18.206,16 km², população estimada de 150.499 habitantes para o ano de 2019, densidade demográfica média de 8,27 habitantes por km² (2019) e um PIB per capita médio de R\$7.965,32 em 2017.

¹⁰ A divisão geográfica de regiões do IBGE de 1990 define a microrregião de Januária contemplando 16 municípios: Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Icaraí de Minas, Itacarambi, Januária, Juvenília, Manga, Matias Cardoso, Miravânia, Montalvânia, Pedras de Maria da Cruz, Pintópolis, São Francisco, São João das Missões e Urucua. Com a constatação da necessidade de atualização das estratificações regionais, devido às particularizações econômicas, políticas, demográficas e ambientais, o IBGE no ano de 2017 definiu a região geográfica imediata de Januária com um menor quantitativo de municípios, se comparada com a divisão anterior, havendo mudança de oito deles para outras regiões imediatas, tais como São Francisco, Janaúba e Unai.

Mapa 10: Localização da Região Geográfica Imediata de Januária



Fonte: IBGE (2017); Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

O município de Januária tem a maior extensão territorial e o maior quantitativo populacional da Região Geográfica Imediata, respectivamente 6.661,59 km² e 67.742 habitantes, como apresenta a Tabela 05. Ele apresenta um PIB de R\$635.194,00, valor muito superior aos demais municípios e equivalente a 50,12% de toda essa divisão regional, como destaca o Gráfico 04, que revela os valores de PIB dos municípios da Região Geográfica Imediata de Januária entre os anos de 2002 a 2016.

Tabela 05: Caracterização da Região Geográfica Imediata de Januária

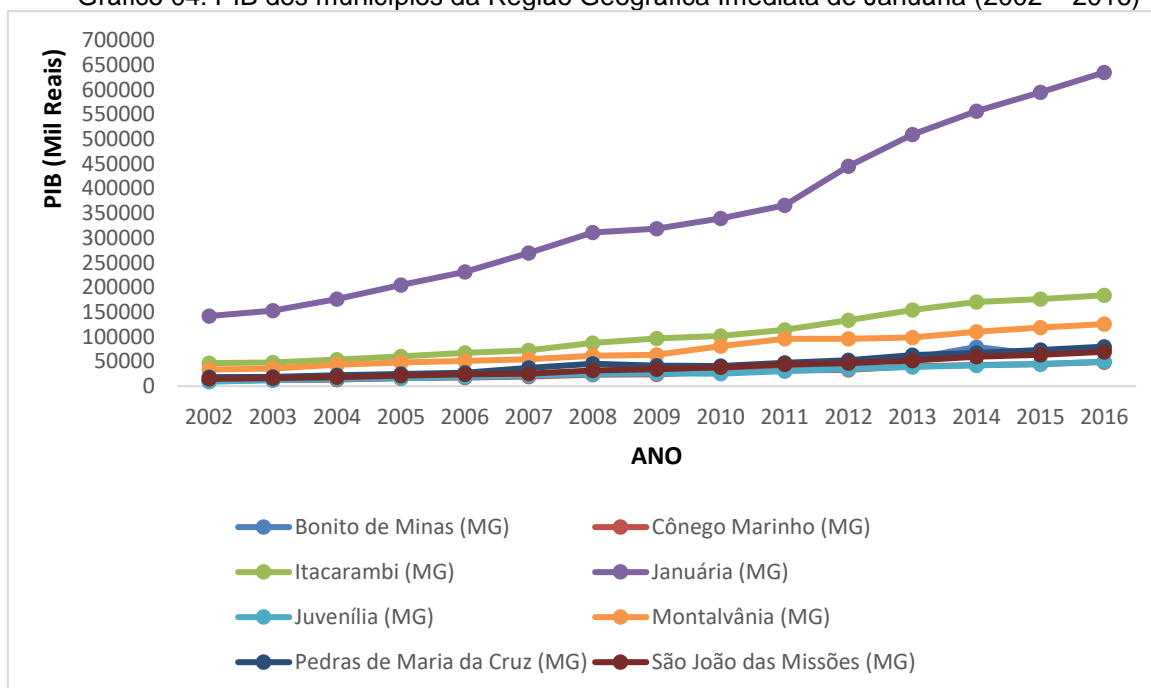
Município	Área (km ²) (2019)	População estimada (hab) 2019	PIB a preços correntes (Mil Reais) (2016)
Januária	6.661,59	67.742	R\$ 635.194,00
Bonito de Minas	3.936,46	11.230	R\$ 74.246,00
Cônego Marinho	1.610,47	7.642	R\$ 48.827,00
Itacarambi	1.225,27	18.153	R\$ 183.994,00
Juvenília	1.064,69	5.724	R\$ 49.817,00
Montalvânia	1.503,76	14.887	R\$ 125.696,00

(Continua)

(Continuação)			
Município	Área (km ²) (2019)	População estimada (hab) 2019	PIB a preços correntes (Mil Reais) (2016)
Pedras de M. da Cruz	1.525,648	12.107	R\$ 79.958,00
São João das Missões	678,27	13.014	R\$ 69.499,00
Total	18.206,16	150.499	R\$ 1.267.231,00

Fonte: IBGE, Área Territorial, PIB. Org.: Dourado, L. F. N. (2019).¹¹

Gráfico 04: PIB dos municípios da Região Geográfica Imediata de Januária (2002 – 2016)



Fonte: IBGE, PIB per capita (2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

O PIB de Januária tem maior expressividade no setor de serviços, 89,84% (em 2015), o que denota a relevância da sua contribuição para a Região Imediata e sua centralidade desenvolvida através da oferta de bens e serviços especializados. Isso proporciona, por consequência, o deslocamento populacional em busca do consumo em Januária.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM é constituído por três componentes: longevidade, educação e renda. Ele possibilita analisar o posicionamento dos municípios da Região Geográfica Imediata de Januária de acordo com esses parâmetros socioeconômicos, Tabela 06.

¹¹ Tabela composta com base nos dados do IBGE, sendo a área da unidade territorial referente ao ano de 2018, população estimada para o ano de 2019 e PIB a preços correntes relativo ao ano de 2016.

Tabela 06: IDHM dos municípios da Região Geográfica Imediata de Januária

Espacialidades	IDHM 2010	IDHM Renda 2010	IDHM Longevidade 2010	IDHM Educação 2010
Januária	0,658	0,611	0,82	0,568
Itacarambi	0,641	0,593	0,787	0,564
Cônego Marinho	0,621	0,55	0,799	0,544
Pedras de Maria da Cruz	0,614	0,564	0,787	0,521
Montalvânia	0,613	0,586	0,799	0,492
Juvenília	0,592	0,535	0,776	0,501
Bonito de Minas	0,537	0,514	0,776	0,388
São João das Missões	0,529	0,502	0,776	0,381
Média	0,601	0,557	0,790	0,495

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, PNUD, Ipea e FJP (2010). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Ao realizar a leitura do IDHM (2010) de acordo com a classificação do Atlas Brasil, Januária encontra-se na posição 2946º no ranking dos municípios brasileiros com 0,658 e tem esse índice categorizado como médio, assim como Itacarambi (0,641), Cônego Marinho (0,621), Pedras de Maria da Cruz (0,614) e Montalvânia (0,613). Já os municípios: Juvenília (0,592), Bonito de Minas (0,537) e São João das Missões(0,529) têm o IDHM na categoria baixo.

O IDHM da Região Geográfica Imediata analisada atesta o destaque de Januária, em que o município se configura com os melhores índices para os aspectos de renda, longevidade e educação, o que ratifica sua atração, bem como sua posição como município primaz nessa região, fornecendo acesso a serviços especializados aos demais municípios.

A centralidade de Januária na sua Região Geográfica Imediata é também percebida a partir de setores que impulsionam os fluxos e as interações com os demais municípios, tais como: ensino superior, saúde e estabelecimentos comerciais.

Apesar da diversidade de cursos superiores e quantitativos de vagas ofertadas das IES presentes em Montes Claros que promoveram os fluxos de estudantes de Januária, o crescimento desse setor no município tem se intensificado com a instalação de novas IES, o que, por consequência, atrai a vinda de estudantes de outros municípios e propicia a fixação de seus habitantes.

Com o intuito de se compreender a atração de Januária em sua Região Geográfica Imediata pelo setor de ensino superior realizou-se uma pesquisa documental com o levantamento da procedência dos alunos matriculados em seis IES presentes na cidade, no ano de 2019: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Faculdades Unidas do Norte de Minas (FUNORTE), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), Faculdades UNICA, Centro Universitário Internacional (UNINTER) e Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) (ANEXO 01).

O IFNMG atua em Januária desde 1960 como Escola Agrotécnica, tendo a primeira oferta de curso superior em 2004. Tornou-se Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Campus Januária em 2008. O campus conta com nove cursos superiores em modalidade presencial, entre bacharelados em: Administração, Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia Agrônômica, Engenharia Civil e Sistema de Informação. Conta ainda com licenciaturas em: Ciências Biológicas, Física, Matemática e o curso Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistema (IFNMG, 2019).

Entre as IES supracitadas, o IFNMG - Campus Januária condensa o maior quantitativo de alunos de ensino superior matriculados em 2019, um total de 1.595. Ao analisar a procedência desses discentes é possível constatar 108 municípios de origem, sendo que a maior parte (63,76%) tem como procedência o município de Januária, 13,10% sendo de origem dos municípios que compõem a Região Geográfica Imediata de Januária, tais como: Itacarambi, Cônego Marinho e Pedras de Maria da Cruz, excetuando-se a sede, e 16,55% dos alunos matriculados são de origem de outros municípios que fazem parte da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, com destaque para Lontra, Montes Claros e São Francisco. O IFNMG conta ainda 3,51% de outras regiões mineiras e com 3,07% de seus matriculados no ensino superior oriundos de outros estados, como mostra a Tabela 07.

Tabela 07: Procedência dos alunos matriculados na IES - IFNMG - Campus Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	1017	63,76%
Outros municípios na Região Imediata de Januária	209	13,10%
Outros municípios na Região Intermediária de Montes Claros	264	16,55%
Outros municípios de Minas Gerais	56	3,51%
Municípios de outros estados	49	3,07%
TOTAL	1595	100,00%

Fonte: Acervo IFNMG - Campus Januária – (novembro de 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A primeira instituição de ensino a oferecer curso em nível superior em Januária foi a UNIMONTES, em 1995 (PEREIRA, 2004). O quantitativo de alunos matriculados em 2019 é de 133, nos cursos presenciais de licenciaturas em: Educação Física, Letras Inglês, Letras Português e Pedagogia.

Os discentes matriculados na UNIMONTES, em 2019, possuem uma diversidade de 20 diferentes municípios de origem, em que 62,41% são de Januária, 5,26% são de outros municípios da sua Região Geográfica Imediata, como Itacarambi, Bonito de Minas e Cônego Marinho; 20,30% de diferentes núcleos urbanos da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, destacando-se Manga, Montes Claros e Mirabela; 1,50% são de outros municípios de Minas Gerais e 10,53% são de outros estados, como pode ser visto na Tabela 08.

Tabela 08: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNIMONTES - Campus Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	83	62,41%
Outros municípios na Região Imediata de Januária	7	5,26%
Outros municípios na Região Intermediária de Montes Claros	27	20,30%
Outros municípios de Minas Gerais	2	1,50%
Municípios de outros estados	14	10,53%
TOTAL	133	100,00%

Fonte: Acervo UNIMONTES - Campus Januária (fevereiro de 2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A FUNORTE Januária, anteriormente denominada de Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (CEIVA), iniciou suas atividades na cidade em 1996 e disponibiliza atualmente sete cursos na modalidade presencial, dos quais os cursos de Administração, Direito e Turismo são na modalidade bacharelado; já os cursos de Geografia, Letras Português e Pedagogia são licenciaturas.

Entre os 259 discentes matriculados no segundo semestre de 2019 em cursos superiores na FUNORTE Januária, há a predominância de 82,24% com procedência de Januária. Em relação aos outros municípios da Região Geográfica Imediata de Januária, tais como Itacarambi, Bonito de Minas e Pedras de Maria da Cruz, 13,90% dos alunos são pertencentes a eles. Já da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros foi registrado 3,86%, destacando-se os municípios Lontra e Japonvar, Tabela 09.

Tabela 09: Procedência dos alunos matriculados na IES - FUNORTE Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	213	82,24%
Outros municípios da Região Imediata de Januária	36	13,90%
Outros municípios da Região Intermediária de Montes Claros	10	3,86%
Outros municípios de Minas Gerais	0	0,00%
Municípios de outros estados	0	0,00%
TOTAL	259	100,00%

Fonte: Acervo FUNORTE Januária (dezembro de 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A UFVJM possui polo de apoio do programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) em Januária, em parceria com a prefeitura municipal. Nele são oferecidos cursos EAD como Licenciatura em Física, Matemática e Bacharelado em Administração Pública.

A maior parte dos discentes matriculados no segundo semestre de 2019 na UFVJM POLO UAB Januária tem como procedência o município de Januária, 117 alunos; da Região Geográfica Imediata de Januária são 17 discentes vindos de municípios como Cônego Marinho e Itacarambi; já a Região Geográfica Intermediária registra 35 alunos. Há ainda um aluno com origem de Betim e três que são provenientes de outros estados, como registra a Tabela 10.

Tabela 10: Procedência dos alunos matriculados na IES - UFVJM – POLO UAB Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	117	67,63%
Outros municípios da Região Imediata de Januária	17	9,83%
Outros municípios da Região Intermediária de Montes Claros	35	20,23%
Outros municípios de Minas Gerais	1	0,58%
Municípios de outros estados	3	1,73%
TOTAL	173	100,00%

Fonte: Acervo UFVJM – UAB Januária (fevereiro de 2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A UNIASSELVI Januária oferece 118 cursos superiores diferentes e possui 341 alunos matriculados em 2019, dos quais a maioria é do município Januária (74,49%). Há ainda uma parcela de 15,54% de discentes que têm por origem outros municípios da Região Geográfica Imediata de Januária, destacando os municípios como Bonito de Minas e Itacarambi. Os outros 9,97% são de outros municípios pertencentes à Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, tais como Lontra e Manga, conforme a Tabela 11 mostra.

Tabela 11: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNIASSELVI – Polo Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	254	74,49%
Outros municípios na Região Imediata de Januária	53	15,54%
Outros municípios na Região Intermediária de Montes Claros	34	9,97%
Outros municípios de Minas Gerais	0	0,00%
Municípios de outros estados	0	0,00%
TOTAL	341	100,00%

Fonte: Acervo UNIASSELVI - Polo Januária (dezembro de 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Já a faculdade UNICA conta com 11 cursos superiores e 34 alunos matriculados, que podem ser estratificados, como mostra a Tabela 12, conforme seu município de origem em: 85,29% do município de Januária; 8,82% são de outros municípios da Região Geográfica Imediata de Januária como Bonito de Minas, Itacarambi e Pedras de Maria da Cruz e 5,88% de outros municípios da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros tais como Manga.

Tabela 12: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNICA - Polo Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	29	85,29%
Outros municípios da Região Imediata de Januária	3	8,82%
Outros municípios da Região Intermediária de Montes Claros	2	5,88%
Outros municípios de Minas Gerais	0	0,00%
Municípios de outros estados	0	0,00%
TOTAL	34	100,00%

Fonte: Acervo UNICA - Polo Januária (novembro de 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Com uma diversidade de 90 cursos de graduação distintos, a UNINTER- Polo Januária possui atualmente 34 discentes, Tabela 13, com uma prevalência de 85,71% dos alunos que têm proveniência do município de Januária. Além disso, 5,71% dos alunos matriculados na instituição são de outros municípios da Região

Geográfica Imediata de Januária, destacando Bonito de Minas e Cônego Marinho. Já os outros municípios da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros possuem uma fração de 8,57%, com destaque para o município de São Francisco.

Tabela 13: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNINTER - Polo Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	30	85,71%
Outros municípios da Região Imediata de Januária	2	5,71%
Outros municípios da Região Intermediária de Montes Claros	3	8,57%
Outros municípios de Minas Gerais	0	0,00%
Municípios de outros estados	0	0,00%
TOTAL	35	100,00%

Fonte: Acervo UNINTER - Polo Januária (novembro de 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A UNIMES, Polo Januária, disponibiliza 30 cursos superiores diferentes, e atualmente possui 32 alunos matriculados. Assim como as demais IES supracitadas, a UNIMES possui predominância de discentes provenientes do município de Januária (71,88%), como mostra a Tabela 14. Apresenta ainda um percentual de 12,50% de alunos de outros municípios da Região Geográfica Imediata de Januária, como Bonito de Minas e Itacarambi. Ainda, 15,63% dos estudantes são de outros municípios da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, destacando os municípios de Lontra e São João da Ponte.

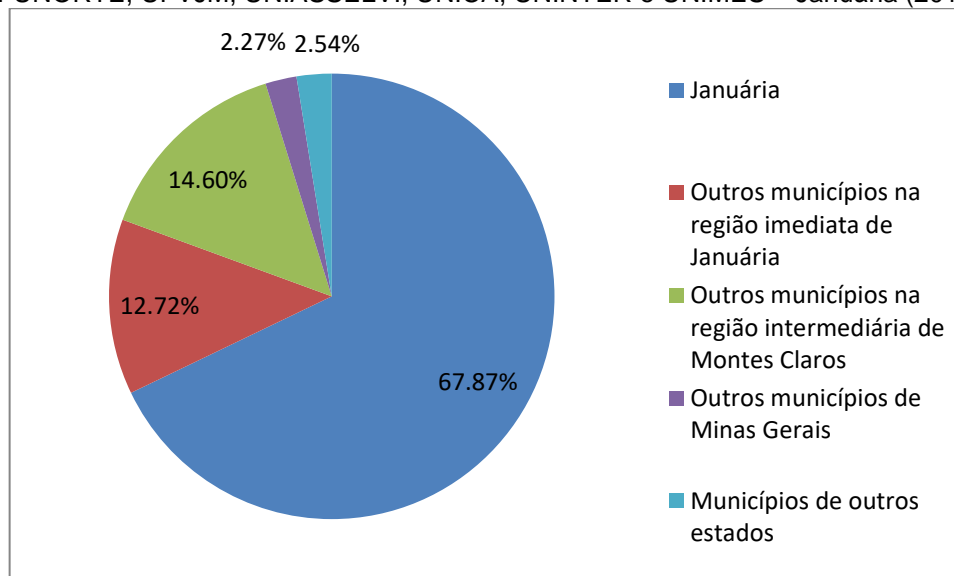
Tabela 14: Procedência dos alunos matriculados na IES - UNIMES - Polo Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	23	71,88%
Outros municípios da Região Imediata de Januária	4	12,50%
Outros municípios da Região Intermediária de Montes Claros	5	15,63%
Outros municípios de Minas Gerais	0	0,00%
Municípios de outros estados	0	0,00%
TOTAL	32	100,00%

Fonte: Acervo UNIMES - Polo Januária (novembro de 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A atração exercida por Januária nos municípios em sua Região Geográfica Imediata através do ensino superior foi diagnosticada nesta pesquisa ao analisar os municípios de origem dos discentes matriculados nas IES: IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES, Gráfico 05.

Gráfico 05: Procedência dos alunos matriculados no ensino superior: IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES – Januária (2019)



Fonte: Acervo IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES– Januária (2019 - 2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A análise do Gráfico 05 revela uma intensa procura de outros municípios pelos cursos superiores localizados em Januária. Levando em consideração as IES estudadas, há um montante de 32,13% de discentes com procedência de outros municípios que não sejam Januária, como explicitado na Tabela 15. Destaca-se o quantitativo de 380 alunos com origem da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros e outros 331 discentes com origem de outros municípios da Região Geográfica Imediata de Januária que buscam o serviço de ensino superior em Januária.

Tabela 15: Procedência dos alunos matriculados no ensino superior: IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES – Januária (2019)

Procedência	Número de matriculados	%
Januária	1766	67,87%
Outros municípios na Região Imediata de Januária	331	12,72%
Outros municípios na Região Intermediária de Montes Claros	380	14,60%
Outros municípios de Minas Gerais	59	2,27%
Municípios de outros estados	66	2,54%
TOTAL	2602	100,00%

Fonte: Acervo IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES– Januária, 2019. Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

É importante destacar os principais municípios integrantes da Região Geográfica Imediata de Januária que há deslocamento dos seus moradores para

cursar o Ensino Superior no município sede, sendo eles: Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi e Pedras de Maria da Cruz.

A busca pelo ensino superior em Januária propicia à cidade dinamização econômica, social e cultural. Isso porque ocorrem transformações nas funções do espaço com a instalação de estudantes, com os consequentes serviços demandados que estimulam, de forma geral, ainda mais o comércio local, além dos deslocamentos pendulares para acesso ao ensino superior.

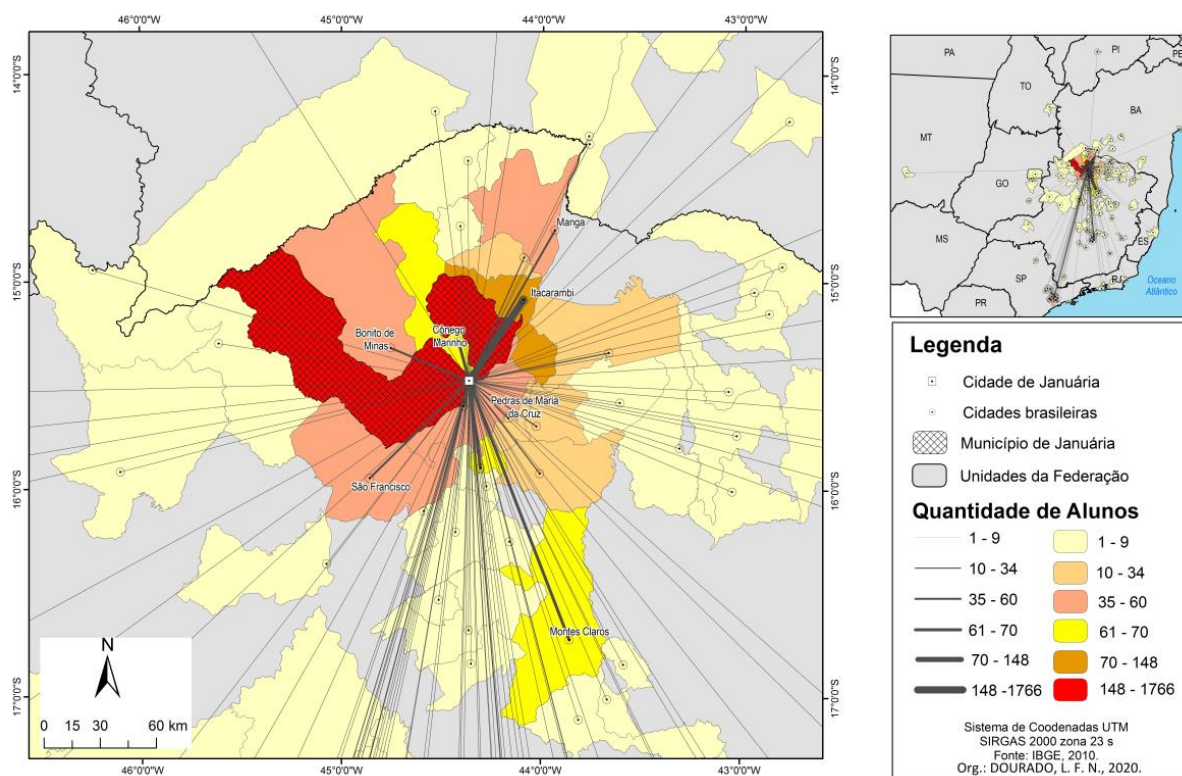
A diversidade de cursos superiores ofertados desperta importante fixação de pessoas no município, que comumente buscavam outros locais, o que possibilita a permanência de recursos na cidade e que tem por efeito o fomento a oferta de serviços diversos como: o de moto-taxi, fotocópias, alimentação, material escolar e de lazer.

As dinâmicas urbanas geradas pela amplitude do ensino superior em Januária não se restringem apenas aos estudantes, mas também aos servidores das IES, que juntos geram demandas de reestruturação dos espaços e de novos arranjos econômicos.

A análise do ensino superior no município de Januária aponta que o setor se dinamizou nas duas últimas décadas, ampliando o número de IES, o quantitativo de cursos ofertados e o de discentes também. O progresso desse setor no núcleo urbano permitiu que os seus habitantes se mantivessem em Januária e também propiciou a vinda de alunos de outros municípios, o que traz por consequência a intensificação da capacidade de oferta de bens e serviços pelo município, fator que ressalta a sua relevância regional.

As informações cedidas pelas IES que colaboraram com a pesquisa (IFNMG, UNIMONTES, FUNORTE, UFVJM, UNIASSELVI, ÚNICA, UNINTER e UNIMES) revelam a centralidade exercida por Januária - MG, tanto para a Região Geográfica Imediata quanto para a Intermediária, que possuem uma relativa proximidade ao município, como apresenta o Mapa 11.

Mapa 11: Relações externas com as Instituições de Ensino Superior sediadas em Januária



Fonte: IBGE (2010). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O ensino superior aparece então como fator de centralidade em Januária no Norte de Minas Gerais, principalmente em sua Região Geográfica Imediata, já que dinamiza o comércio local, com o fomento de serviços especializados e com transformações do espaço para atender demandas desse setor. A relação do serviço educacional de Januária com a rede urbana norte-mineira indica a influência dessa cidade que, apesar de não possuir o maior nível hierárquico, desempenha importante função ao atender o relevante quantitativo relevante de alunos com procedência do Norte de Minas.

Outro setor presente em Januária que promove a atração de habitantes dos municípios do entorno é o de saúde. Apesar desse núcleo urbano não dispor de muitos serviços de saúde especializados e ter de buscá-los em Montes Claros, o Hospital Municipal local atende ainda que com serviços mais básicos, os municípios pertencentes ao Consórcio Intermunicipal de Saúde Alto Médio São Francisco¹² que

¹² A partir da década de 1990 a responsabilidade sob as unidades públicas de provisão de serviços de saúde passaram a ser dos estados e municípios (Fleury et al., 2010). A regionalização de saúde no Norte de Minas Gerais se fundamenta na composição de consórcios intramunicipais, sendo que a cidade de Januária é a sede do Consórcio Intermunicipal de Saúde Alto Médio São Francisco, que é

compreende os municípios de: Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi, Januária, Miravânia e Pedras de Maria da Cruz, o que ratifica a atratividade exercida em sua Região Geográfica Imediata.

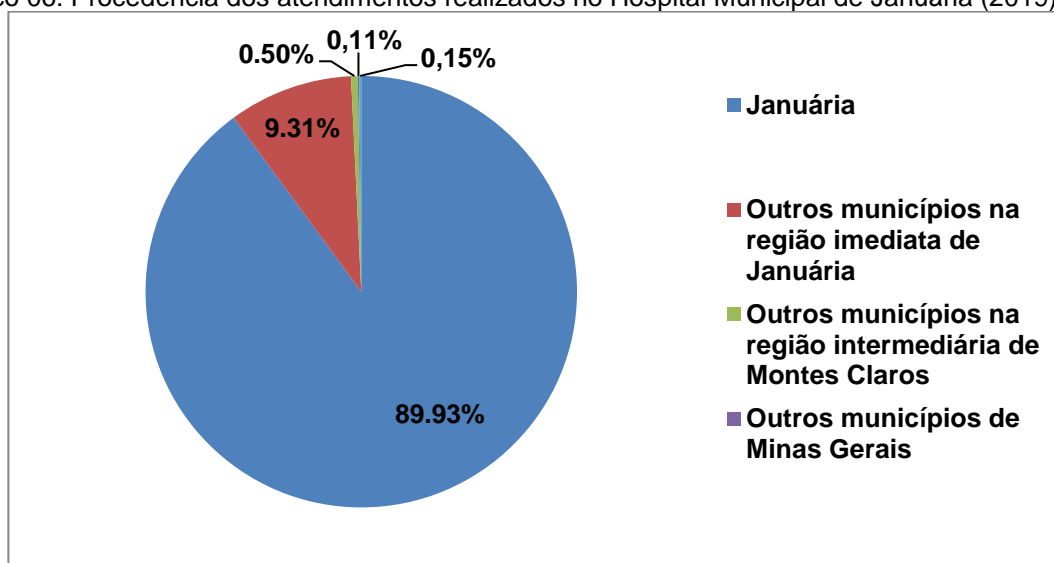
A consulta ao Sistema de Arquivo Médico e Estatística (SAME) do Hospital Municipal de Januária revela que em 2019 foram realizados 42.151 atendimentos, sendo que a maior parte dos pacientes, 89,93% (37.906), tinham como endereço de procedência o município de Januária. Os outros municípios que compõem a Região Geográfica Imediata de Januária tiveram em 2019 uma contribuição de 9,31% (3.924) no número de atendimentos nesse mesmo hospital, destacando-se os municípios de Pedras de Maria da Cruz, Cônego Marinho, Bonito de Minas e Itacarambi. Os demais municípios da Região Intermediária de Montes Claros e de Minas Gerais representaram 0,50% (211) e 0,11% (47), respectivamente e apenas 0,15% (63) dos atendimentos tinham como origem outros estados, como consta a Tabela 16 e o Gráfico 06.

Tabela 16: Procedência dos atendimentos realizados no Hospital Municipal de Januária (2019)

Procedência	Número de atendimentos	%
Januária	37906	89,93%
Outros municípios na Região Imediata de Januária	3924	9,31%
Outros municípios na Região Intermediária de Montes Claros	211	0,50%
Outros municípios de Minas Gerais	47	0,11%
Municípios de outros estados	63	0,15%
TOTAL	42151	100%

Fonte: Acervo do Sistema de Arquivo Médico e Estatística (SAME) do Hospital Municipal de Januária (fevereiro de 2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

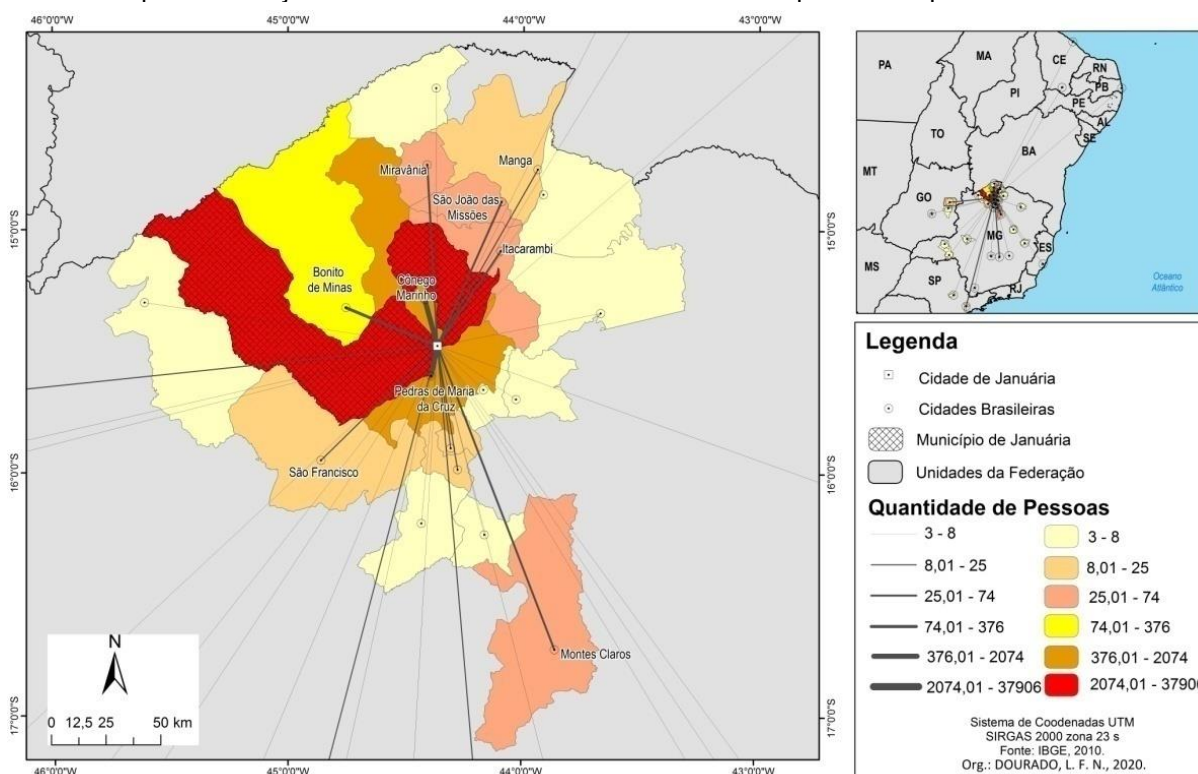
Gráfico 06: Procedência dos atendimentos realizados no Hospital Municipal de Januária (2019)



Fonte: Acervo do Sistema de Arquivo Médico e Estatística (SAME) do Hospital Municipal de Januária (fevereiro de 2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O Mapa 12 ilustra as intensidades das relações externas dos municípios com os atendimentos realizados pelo Hospital Municipal de Januária.

Mapa 12: Relações externas com os atendimentos do Hospital Municipal de Januária



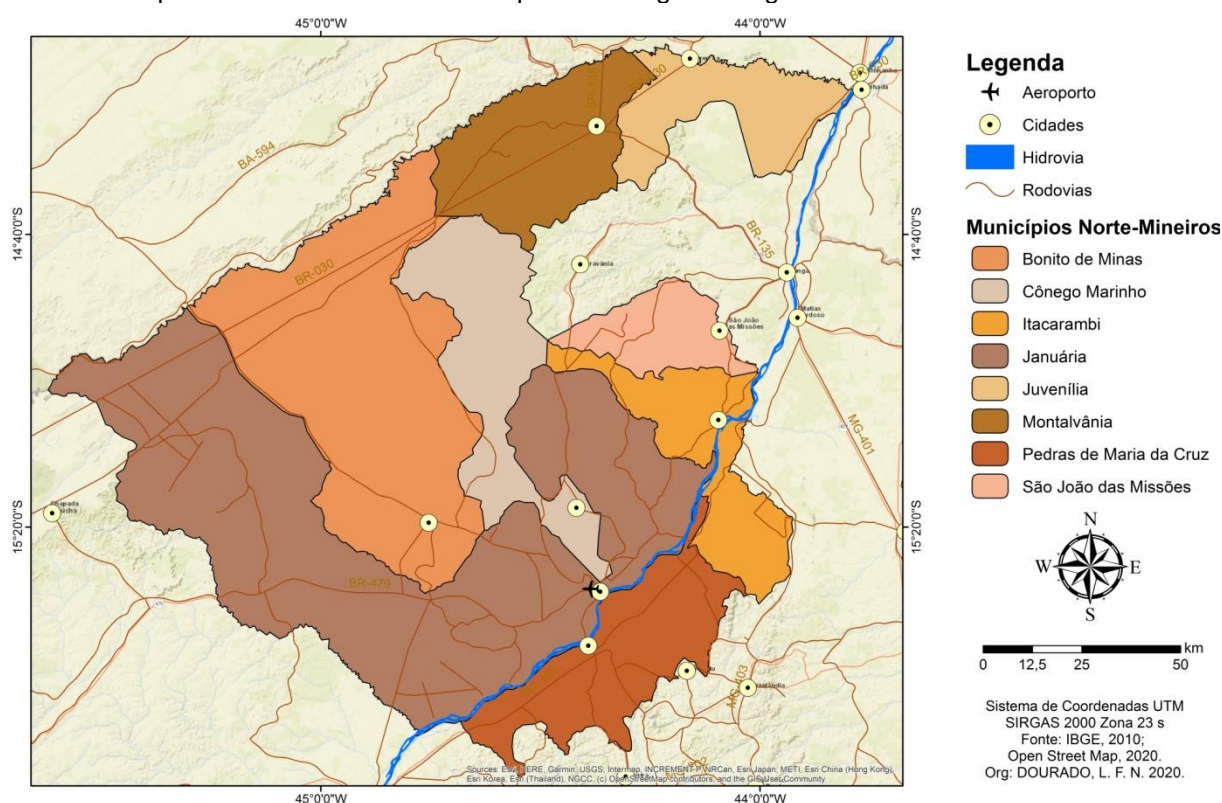
Fonte: Acervo do Sistema de Arquivo Médico e Estatística (SAME) do Hospital Municipal de Januária (fevereiro de 2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O elevado quantitativo de atendimentos realizado em 2019 aponta a relação de complementaridade de Januária com Montes Claros, já que a população

januarense busca atendimentos especializados naquela cidade média, quando estes não existem em sua cidade de origem. Todavia, essa pesquisa demonstrou que parte significativa de seus habitantes é assistida pelo Hospital Municipal de Januária, além da atratividade estabelecida para com os outros municípios, principalmente os da sua Região Geográfica Imediata, como pôde ser observado no ano de 2019 onde foram realizadas 3.924 consultas.

Os municípios que mais buscam os serviços de saúde no Hospital Municipal e de educação superior nas IES sediadas em Januária são aqueles que também possuem as sedes urbanas próximas à Januária e são servidas por rodovias que facilitam o acesso a esses serviços. O Mapa 13 ilustra a rede técnica existente da Região Geográfica Imediata de Januária.

Mapa 13: Rede Técnica de Transporte da Região Geográfica Imediata de Januária



Fonte: IBGE (2010); Open Street Map (2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Isso retrata que os consumos dos serviços de saúde e ensino superior em Januária se realiza, predominantemente, predominante, nos municípios da sua Região Geográfica Imediata, destacando-se Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi e Pedras de Maria da Cruz, que, como demonstrado, possuem rodovias bem estruturadas e que conectam a sede urbana à cidade primaz dessa região,

verificando-se, portanto, à associação direta entre a rede técnica de transportes e as relações de consumo diversas.

2.6. Januária e a rede urbana norte-mineira

As cidades possuem suas centralidades pautadas nos bens e serviços específicos que são capazes de ofertar, na distinção de suas funções, nas dinâmicas e até mesmo na sua região complementar. A relevância dessa região é resultado da influência exercida pela dependência dos equipamentos terciários presentes nos lugares centrais, o que propicia a formação de redes de combinações de cidades centrais e de influência (CHRISTALLER, 1966).

A significância dos centros urbanos na rede em que estão inseridos se dá a partir das suas funções desempenhadas, além da forma como eles promovem a atração do seu entorno. Sendo assim, é possível recuperar a análise de Santos (2008), na qual as redes urbanas são compreendidas pela dinâmica existente relativa às cidades. Os estudos acerca das redes urbanas devem, então, abranger o núcleo urbano observando seu posicionamento hierárquico, suas relações sociais, de dependência, complementaridade e consumo perante as cidades que se encontram no seu entorno.

A classificação hierárquica urbana de Januária, Quadro 08, é composta por estudos realizados desde 1970 que consideram não somente os critérios demográficos, mas também seu arranjo espacial, centralidades, oferta de bens e serviços e seu papel regional exercido.

Quadro 08: Classificação de Januária nos diversos estudos sobre hierarquia urbana mineira

Nome do estudo	Ano	Órgão / Instituição responsável	Classificação	Definição da Classificação
Les Villes du Minas Gerais	1970	Leloup	Centro local	Atuação efetiva no setor inferior, pertencente à zona de influência de Montes Claros.
Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais	1982	Amorim Filho, Bueno e Abreu	NÍVEL 4 (Centros Emergentes)	Transição entre pequena e média cidade. Economia em estruturação, com desequilíbrios intersetoriais apresentando vínculos com o meio rural.
	1997-1998	Amorim Filho e Bueno		
	2007	Amorim Filho, Rigotti e Campos		
Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas	1972	IBGE	Centro sub-regional – nível 3b	Possui relações dependentes do centro regional de Montes Claros, tendo municípios da Bahia e de Minas Gerais em sua área de influência.
Regiões de Influência das cidades – REGIC	1987		Centro de Zona	Local em que a área de influência se prolonga, pelo menos, a um município diferente da sede municipal.
Regiões de Influência das cidades – REGIC	1993	IBGE	Centro Regional – Nível médio para fraco	Pertencente à região de influência de Montes Claros. Centralidade dos municípios de Itacarambi, Manga, Matias Cardoso, Montalvânia e Pedras de Maria da Cruz.
	2007		Centro de Zona A da região intermediária de Montes Claros	Cidade de menor porte e atuação restrita à sua área imediata; exercem funções de gestão elementares.
Os Sistemas Urbanos de Minas Gerais	2002	Fundação João Pinheiro – Arruda e Amorim Filho	Centro sub regional	Condições urbanas precárias e com estagnação econômica.

Org.: Dourado, L. F. N., 2020.

As classificações hierárquicas urbanas de Januária nos estudos, e apresentadas no Quadro 08, se mostram semelhantes e apontam que esse centro urbano é caracterizado como pertencente à área de influência da cidade média de Montes Claros, exerce centralidade sobre pequenos municípios do entorno e possui economia em estruturação, com disparidades entre os seus setores econômicos.

A divisão social e territorial do trabalho e os diferentes papéis exercidos na escala interurbana são destacados por Sposito (2011) como fatores relevantes para o estabelecimento das redes urbanas, além dos interesses econômicos e políticos em comum que fomentam as interações regionais. Corrêa (1989) ainda complementa o entendimento de redes urbanas como sendo a reprodução social dos processos gerados pelo coletivo.

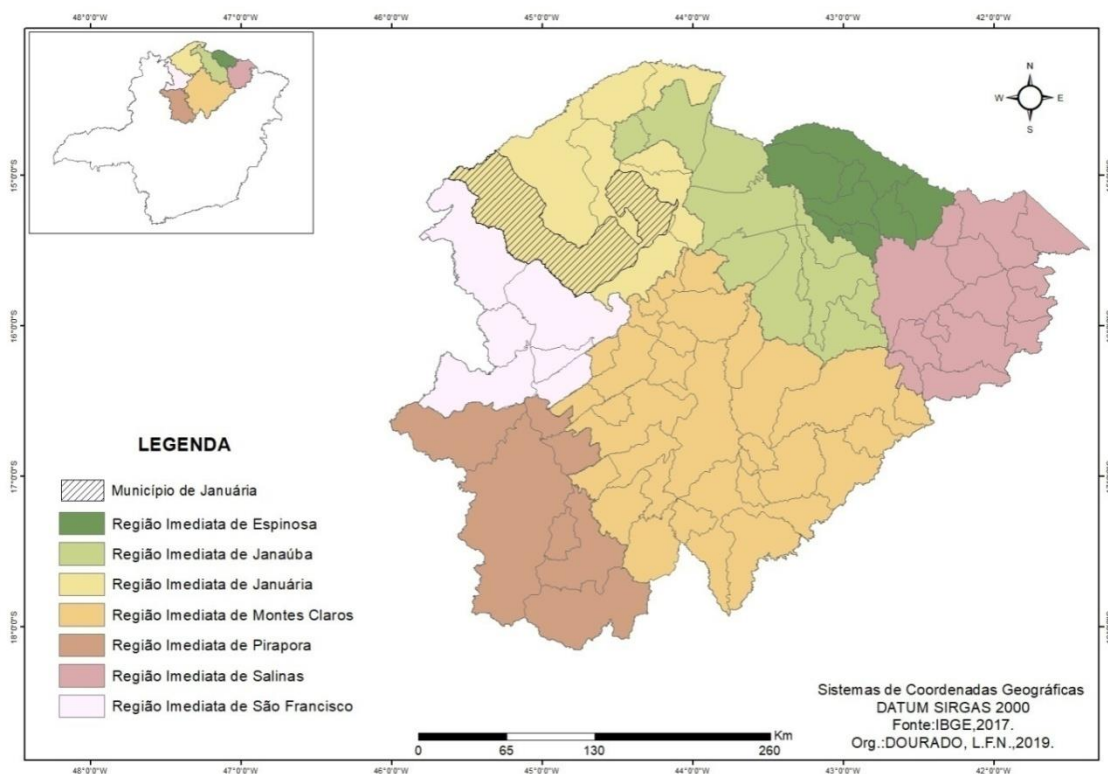
Compreender a dinâmica da rede urbana possibilita conhecer as conexões das relações intermunicipais, bem como reconhecer as interações baseadas na busca de comércios, bens e serviços especializados.

As interações espaciais são elementos cruciais para o estudo das redes urbanas e a região Norte de Minas se enquadra nessa dimensão. Assim, Queiroz et al. (2013, p.3), ao analisarem a rede urbana do Norte de Minas Gerais, constataram que ela:

(...) é formada por pequenos municípios, três centros emergentes, Pirapora, Janaúba e Januária, e pela cidade média de Montes Claros, nó da rede e principal eixo articulador de fluxos e fixos, exercendo uma influência econômica, política, estrutural e social que, inclusive, ultrapassa os limites administrativos do estado de Minas Gerais. As relações espaciais e econômicas entre essas localidades urbanas são intensas e complexas gerando complementaridade funcional entre elas.

Januária pertence, então, à rede urbana que atende a Região Geográfica Intermediária de Montes Claros, composta por 86 municípios, sete Regiões Geográficas Imediatas: Espinosa, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora, Salinas e São Francisco (IBGE, 2017), conforme mostra o Mapa 14.

Mapa 14: Regiões Geográficas Imediatas pertencentes à Região Geográfica Intermediária Montes Claros - MG



Fonte: IBGE (2017); Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

De acordo com França et al. (2009), para melhor compreender o papel funcional da cidade na rede urbana em que ela se insere é preciso explorar analiticamente não só os setores que impulsionam as interações entre as cidades, mas também os fluxos existentes que permitem acesso aos serviços especializados.

Montes Claros se constitui como centro regional do Norte de Minas Gerais, devido aos seus serviços especializados e desenvolvimento, apoiado por investimentos públicos federais e estaduais, como os da SUDENE, tendo papel importante nas relações econômicas, políticas e sociais estabelecidas com outros municípios, destacando Janaúba, Januária e Pirapora (FRANÇA; QUEIROZ; SOUZA, 2012).

Para apreender o papel de Januária na rede urbana norte-mineira, bem como as suas características e especificidades em relação aos principais centros urbanos da rede, a Tabela 17 realiza um comparativo da área de extensão, população, densidade demográfica, PIB a preços correntes e PIB per capita dos municípios de Montes Claros, Januária, Janaúba e Pirapora.

Tabela 17: Comparativo dos municípios da rede urbana norte-mineira¹³

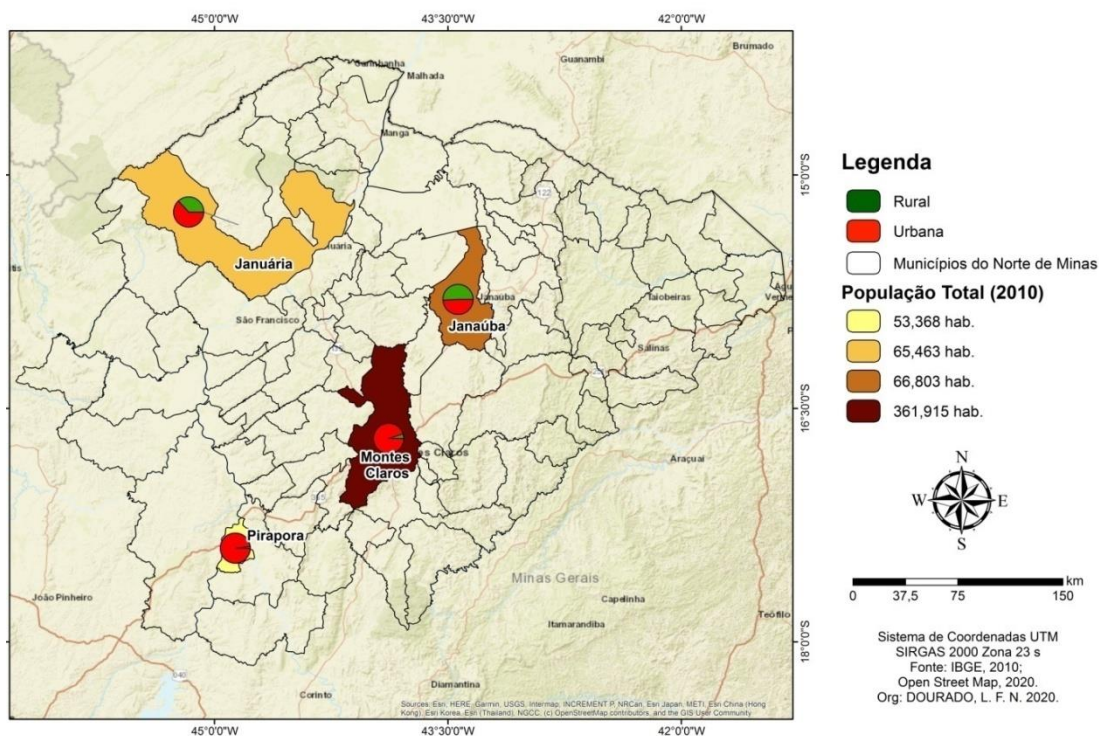
Municípios	Área (km ²)	População (hab) (2019)	Densidade Demográfica (hab/km ²)	PIB a preços correntes (Mil reais) (2016)	PIB per capita (2016)
Montes Claros	3.589,81	409.341	101,41	R\$ 8.739.987,00	R\$ 21.943,89
Januária	6.661,59	67.742	9,83	R\$ 635.194,00	R\$ 9.283,74
Janaúba	2.181,32	71.648	30,63	R\$ 1.025.551,00	R\$ 14.387,85
Pirapora	549,51	56.428	97,12	R\$ 1.685.606,00	R\$ 29.847,47
Total	12.982,23	605.159	238,99	R\$ 12.086.338,00	R\$ 75.462,95

Fonte: IBGE (2010; 2016; 2018; 2019); Org.: Dourado, L. F. N. (2019).

Através da Tabela 17 pode-se constatar que Januária possui extensão territorial mais elevada (6.661,59 km²), a terceira maior população (67.742 habitantes), densidade demográfica (9,83 hab/km²) bastante inferior que os demais municípios e o menor PIB (R\$635.194,00 a preços correntes e R\$9.283,74 per capita) entre os quatro municípios.

O Mapa 15 apresenta um comparativo da população total, rural e urbana dos municípios de Januária, Janaúba, Pirapora e Montes Claros.

Mapa 15: População total, rural e urbana – Januária, Janaúba, Pirapora e Montes Claros.



Fonte: IBGE (2010); Open Street Map (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

¹³Tabela composta com base nos dados fornecidos pelo IBGE, sendo a população estimada para 2019, área territorial analisada em 2019, densidade demográfica pautada no censo demográfico de 2010, PIB a preços correntes e per capita utilizando a nova referência das contas nacionais, metodologia adotada desde 2002, pautados no ano de 2016.

A dependência do centro urbano emergente de Januária, mas também de Pirapora e Janaúba do núcleo urbano de Montes Claros foi diagnosticada por França et al., (2016), que destacaram que a maioria dos fluxos intermunicipais no Norte de Minas ocorre pela busca do consumo nos setores de comércio, saúde e educação, mas também pelo lazer, entretenimento, atividades vinculadas a marketing e publicidade e até mesmo pelo crescimento do setor quaternário em Montes Claros.

O setor terciário é comumente um fator que influi nas centralidades dos núcleos urbanos na rede, já que potencializa o dinamismo da economia, a partir da capacidade de oferta de bens e serviços como a educação, a saúde, de vendas, turismo e entretenimento. Sendo assim, a maior quantidade e diversidade desses serviços se traduz em ascendência de atração de fixos e fluxos exercida sobre as cidades pertencentes à rede urbana.

A interação entre Januária e Montes Claros se pauta na busca pelos equipamentos funcionais que estão presentes no centro regional, gerando centralidade e dinamização na rede urbana norte-mineira. França e Soares (2012) buscaram em seu estudo reconhecer os principais motivos de deslocamento da população januarense para Montes Claros, através de questionários aplicados para a população. As principais justificativas para o fluxo foram a: proximidade geográfica, a infraestrutura ofertada pela cidade média e maiores oportunidades de consumo de bens e serviços, como: funções de maior complexidade de saúde, ensino, comércios atacadista, varejistas e especializados e entretenimento.

Nessa direção, o setor de saúde impulsiona a interação entre os centros urbanos na rede urbana norte-mineira. De acordo com França e Queiroz (2013) a centralidade de Montes Claros nessa rede se consolida pela oferta de serviços especializados de alta e média complexidades. Além de possuir seis hospitais, sendo quatro de grande porte, um de médio e um de pequeno porte, esses equipamentos prestam serviços de urgência e emergência não somente para a população montes-clarenses, mas também a diversos municípios da região. As autoras ainda destacam a prática comum de buscar em Montes Claros serviços de saúde de baixa complexidade, mesmo que estes sejam existentes em sua cidade de origem.

Januária possui um hospital geral e um de pronto atendimento, que possuem esfera administrativa municipal¹⁴, e um hospital de gerência privada, ambos com pouca oferta de assistência médica especializada, o que atesta a dependência de seus habitantes de serviços especializados de Montes Claros. França e Queiroz (2013) compararam a busca desse setor no referido núcleo urbano por Janaúba, Januária e Pirapora para os hospitais Dilson Godinho (entre 2000 e 2010), Santa Casa (entre 2002 e 2010) e Universitário Clemente Faria (entre 2006 e 2012) e constataram que Januária possui acentuada interação, sendo o segundo centro emergente norte-mineiro com maior fluxo.

Com intuito de analisar a atual interação entre Januária e Montes Claros com motivação pautada nos serviços de saúde especializados e diversos da cidade média, foram contabilizados os atendimentos médicos hospitalares em dois hospitais de grande porte.

Os dados do Hospital Universitário Clemente Faria se referem aos pacientes que residem em Januária e buscaram seus serviços médicos, sendo 815 atendimentos no ano de 2017, 693 em 2018 e 815 em 2019.

Já as informações cedidas pelo Hospital Aroldo Tourinho são relativas aos pacientes que habitam nos municípios de Januária, Janaúba, Pirapora e outros municípios e tiveram atendimento médico entre os anos de 2015 e 2019. Os pacientes de Januária, se comparados aos demais centros emergentes norte-mineiros Janaúba e Pirapora, são maioria entre os anos de 2015 e 2018; apenas em 2019 os atendimentos a população de Janaúba se releva pouco superior, como é percebido na Tabela 18. Ao observar o montante de serviços de saúde prestados aos núcleos urbanos nos cinco anos têm-se um quantitativo de 850 atendimentos (2,21%) para pessoas residentes em Januária, 687 atendimentos (1,79%) para a população de Janaúba, 369 atendimentos (0,96%) para moradores de Pirapora e 36.503 atendimentos (95,04%) foram realizados para pessoas de outros municípios, Gráfico 07.

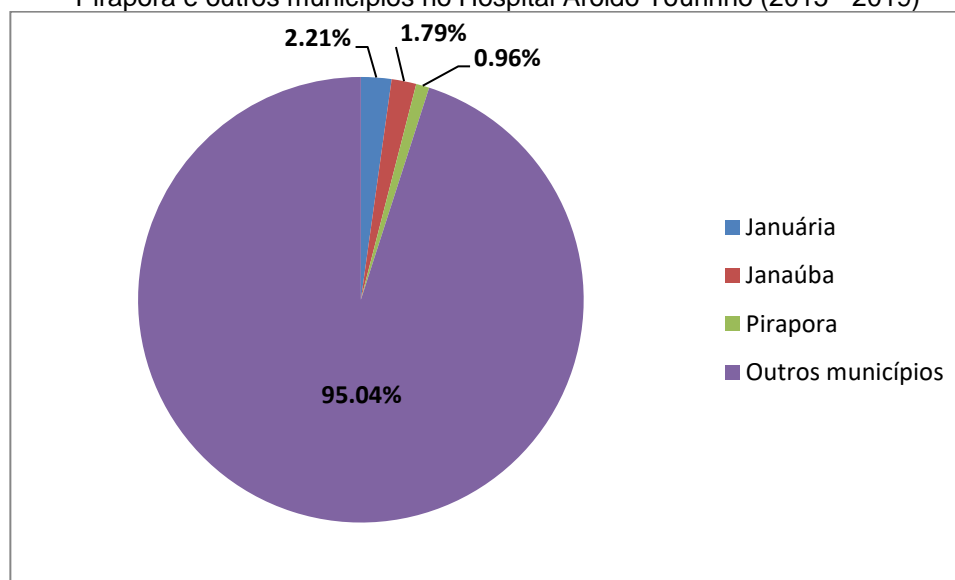
¹⁴ Dado extraído do Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde - CNES / DATASUS.

Tabela 18: Comparativo do atendimento hospitalar de pacientes procedentes de Januária, Janaúba, Pirapora e outros municípios no Hospital Aroldo Tourinho, entre 2015 e 2019

	Januária	Janaúba	Pirapora	Outros municípios
2015	215	152	67	8118
2016	150	128	80	7042
2017	163	107	64	7382
2018	169	143	68	7076
2019	153	157	90	6885
Total	850	687	369	36503

Fonte: IPS (Instituto de Inovação e Pesquisa em Saúde) do Hospital Aroldo Tourinho (2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Gráfico 07: Comparativo do atendimento hospitalar de pacientes procedentes de Januária, Janaúba, Pirapora e outros municípios no Hospital Aroldo Tourinho (2015 - 2019)



Fonte: IPS (Instituto de Inovação e Pesquisa em Saúde) do Hospital Aroldo Tourinho, 2020. Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Na análise do consumo de serviços de saúde em Montes Claros pela população de Januária, percebe-se atratividade da cidade média perante o centro emergente. O fluxo intenso entre os municípios mostra que a relação de complementaridade é pautada na dependência dos habitantes de Januária pelos atendimentos de saúde diversos, especializados e complexos que são oferecidos em Montes Claros. O mesmo ocorre com os demais centros emergentes, Janaúba e Pirapora, porém as interações ocorrem com diferentes intensidades, sendo Januária o município com maior dependência, seguido por Janaúba e Pirapora.

A esse respeito, na visão de Soares et al. (2010), o ensino superior é fator de transformação territorial, uma vez que ampliado, ele torna-se dinamizador para a

economia local, com a oferta e consumo de bens e serviços, aquecendo o comércio, gerando renda e empregos

Em se tratando do setor de educação, o município de Januária conta com a presença de três IES com oferta de cursos presenciais, sendo duas públicas (IFNMG e a UNIMONTES) e uma privada (FUNORTE). Nas modalidades semipresencial e ensino à distância (EAD) há um quantitativo bastante superior¹⁵, que ofertam cursos em nível superior e pós-graduação. Entretanto a maior diversidade de cursos e quantitativo de vagas ainda promovem a atração de estudantes até Montes Claros, revelando a interação do centro emergente na escala regional na forma de complementaridade, ainda que esta tenha sido reduzida nos últimos anos com a chegada de novas IES a cidade de Januária. (PESQUISA DIRETA, 2020).

A procura pelo serviço de educação superior em Montes Claros também foi analisada por França et al. (2009), que ratificaram a centralidade exercida pelo município no Norte de Minas através de uma análise que quantifica as instituições de ensino superior, a oferta de cursos de graduação e a origem dos alunos. A partir do estudo, identificou-se que 25% dos discentes matriculados têm procedência de outras cidades do Norte de Minas, tendo destaque para os universitários que realizam deslocamentos pendulares, prática comum dos estudantes de Januária.

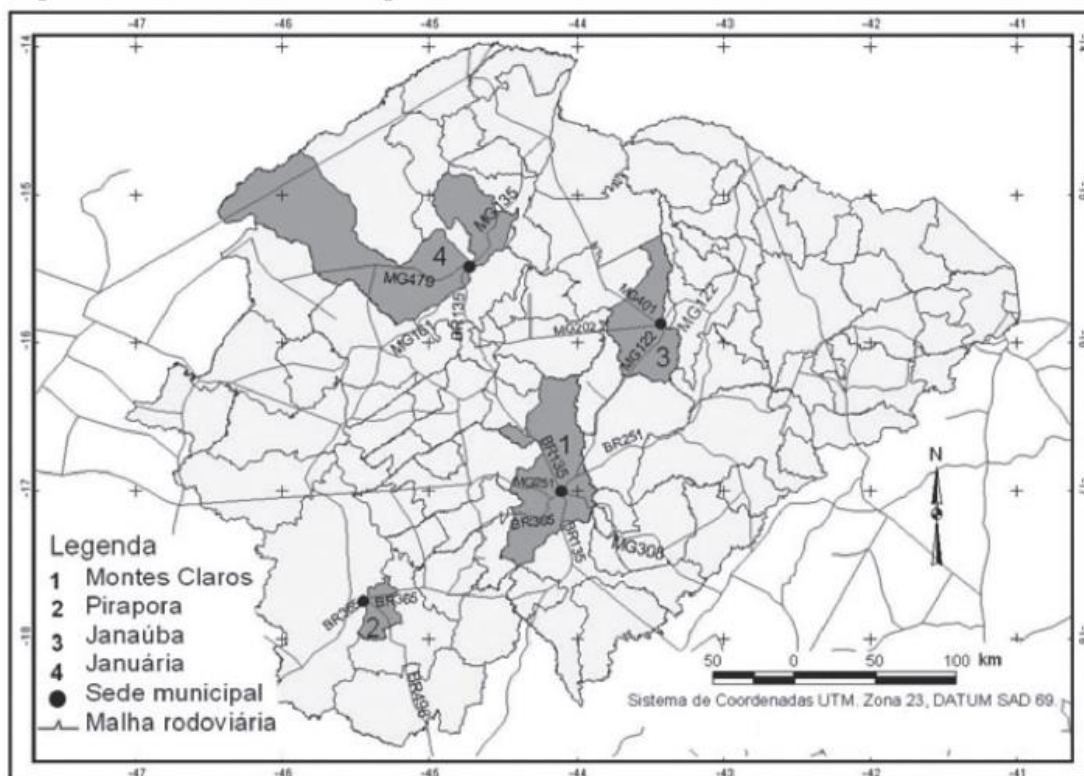
A Teoria de Christaller (1966) define o raio de ação como a distância que o consumidor está disposto a percorrer para acessar um produto ou serviço. Sendo assim, as distâncias e a infraestrutura de acesso dos centros emergentes até a cidade média na rede urbana norte-mineira são fatores que potencializam a interação entre eles. O Mapa 16 identifica a malha rodoviária do Norte de Minas, com destaque para Montes Claros, Januária, Janaúba e Pirapora.

Januária encontra-se em uma distância próxima de 170 km de Montes Claros e está ligada ao município pela BR-135, que possui boas condições de infraestrutura. O transporte rodoviário na rede urbana norte-mineira desempenha então, um importante papel para as interações que a compõe. França et al. (2016), apontam que o transporte coletivo é uma das principais locomoções, 14.331 pessoas

¹⁵Consulta ao Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC revela 20 IES cadastradas no município de Januária/MG.

em 2013 fizeram o fluxo entre Montes Claros e Janaúria pelo transporte coletivo, já em 2014 esse número passou para 20.986 pessoas (FRANÇA et al., 2016).

Mapa 16: Rodovias- Norte de Minas Gerais



Fonte: CBHSF (2012). Org.: Oliveira, R.S. (2011).

A narrativa do histórico, da expansão urbana, e dos arranjos políticos, sociais, demográficos e econômicos apresentada revela um diagnóstico do posicionamento de Janaúria para com os seus distritos, Região Geográfica Imediata e rede urbana do Norte de Minas. Os setores de educação superior e saúde se destacam como vetores de centralidades pela atração de fluxos promovida que ratificam seu papel regional.

Com intuito de alicerçar a análise de Janaúria, pelos seus aspectos intra e interurbanos, o terceiro capítulo procura reconhecer suas dinâmicas espaciais, através do estudo de seu sítio e mancha urbana e da aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional proposto por Amorim Filho (2007) para cidades médias mineiras.

CAPÍTULO III

ESTRUTURA MORFOLÓGICO-FUNCIONAL DE JANUÁRIA / MG

As formas e paisagens urbanas de uma cidade são resultados de seu contexto histórico, suas funcionalidades e dinâmicas exercidas regionalmente. Desta forma, a análise do arranjo morfológico-funcional de uma cidade núcleo urbano possibilita não somente o entendimento sobre o seu espaço interno, mas também das relações externas e funções estabelecidas com o seu entorno.

O presente capítulo tem por objetivo analisar a estrutura morfológico-funcional do núcleo urbano de Januária, buscando compreender o seu sítio e as zonas geográficas urbanas que configuram o seu espaço. Além disso, ele ainda aplica o modelo de Amorim Filho (2007) com intuito de reconhecer as complexas dinâmicas no seu espaço intraurbano e a posição de Januária como cidade média “no limiar”.

3.1. Panorama do sítio e do tecido urbano

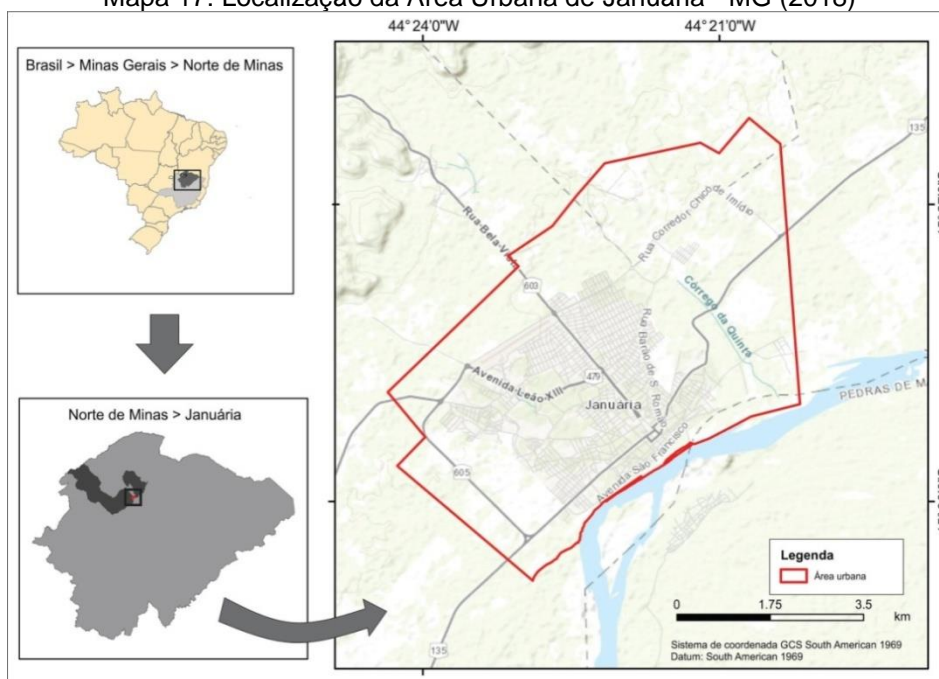
O contorno espacial das cidades se constrói pautado em suas características históricas e do sítio urbano, estas que a desenham pelos incentivos de ampliação ou restrição impostos (BERTINI, 2011). A mancha urbana tem o seu arranjo pautado ainda, em aspectos intra e interurbanos, podendo citar, respectivamente, a presença de vias (VILLAÇA, 2001) e as relações de dependência de funcionalidades com núcleos urbanos do entorno.

O sítio urbano de Januária se formou a partir de elementos que influem na ocupação e morfologia do espaço. Nesse sentido, buscou-se analisar os atributos relativos à sua topografia, hidrografia, vegetação e clima.

A configuração urbana de Januária foi constituída em função da presença do Rio São Francisco, como exposto no capítulo 2, e constituiu-se em um traçado limítrofe a ele, como pode ser visto no Mapa 17¹⁶.

¹⁶O mapeamento da área urbana de Januária - MG foi produzido a partir do croqui fornecido pela Prefeitura Municipal de Januária no Google Earth, sendo georreferenciado pela autora com utilização do *software* ArcGIS.

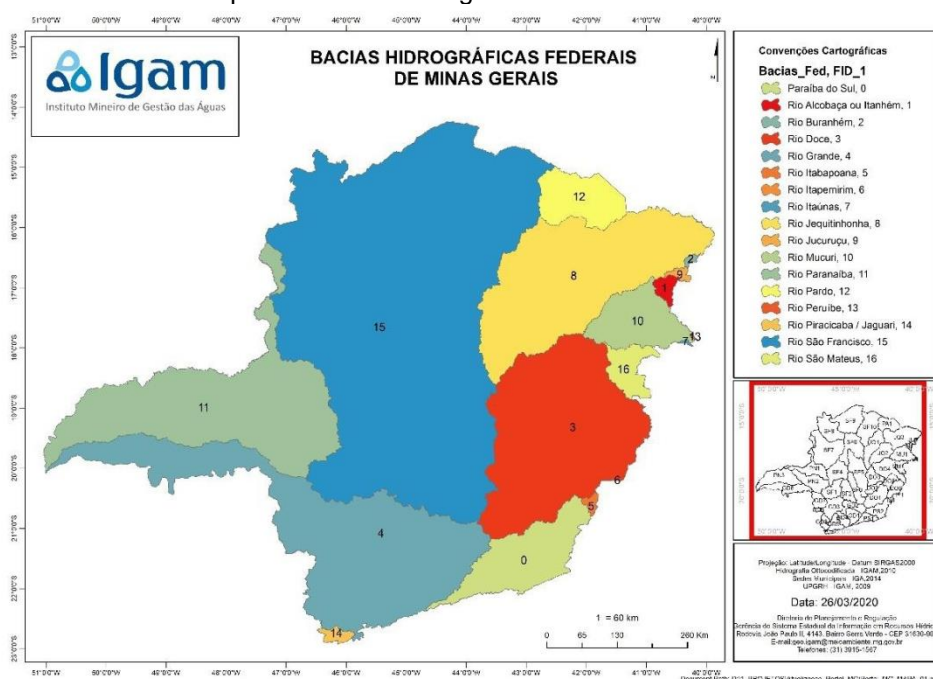
Mapa 17: Localização da Área Urbana de Januária - MG (2018)



Fonte: IBGE (2010); Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Januária (2018). Org.: DOURADO, L. F. N. (2018).

O município de Januária pertence à bacia do Rio São Francisco, Mapa 18, sendo que o núcleo urbano de Januária está localizado as suas margens. A presença desse rio fundamentou o posicionamento do tecido urbano, já que a população buscava, entre as décadas de 1870 e 1880, usufruir do transporte fluvial para as atividades comerciais (PEREIRA, 2004).

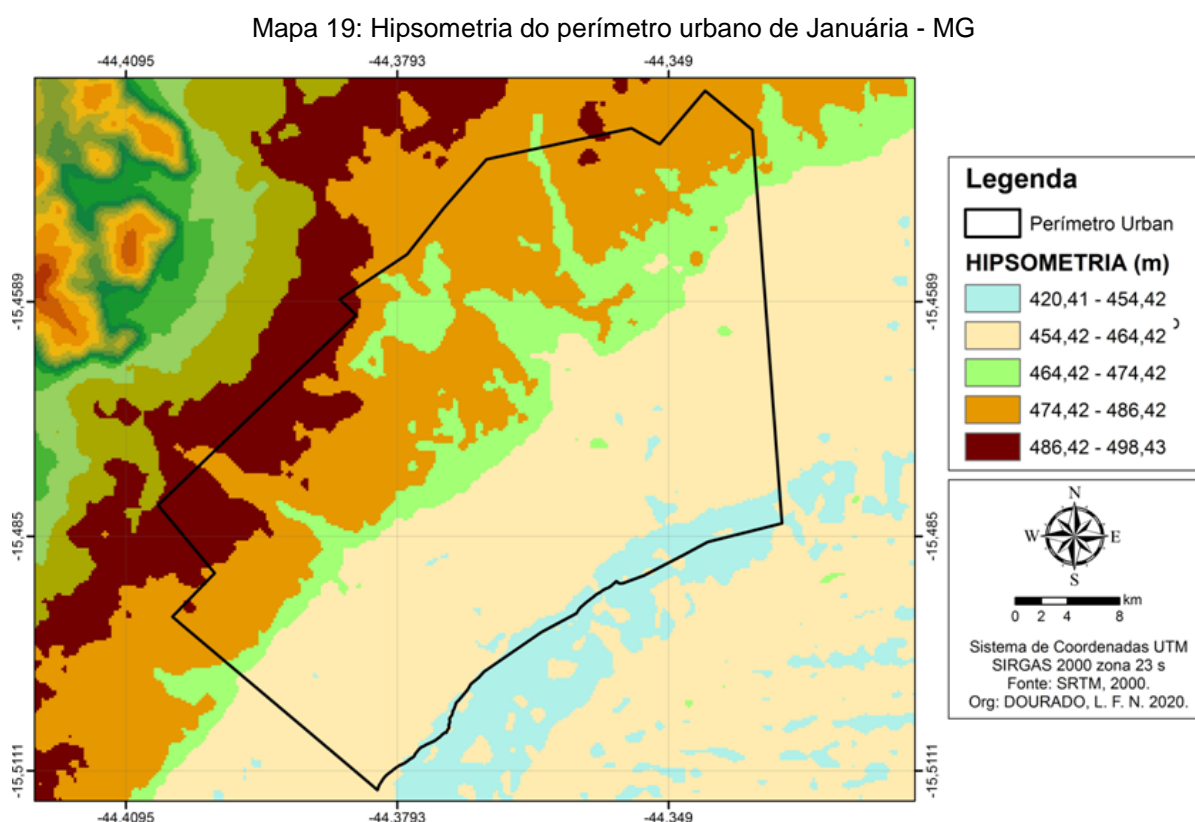
Mapa 18: Bacias hidrográficas de Minas Gerais



Fonte: IGAM (2020).

A topografia do município de Januária é classificada como plana e com leves ondulações, com altitude máxima na Serra de São Felipe (849 m) e mínima na Foz do Rio Peruaçu (444 m) (JANUÁRIA, 2014).

As características físicas de relevo na cidade não estabelecem grandes dificuldades para sua amplificação urbana, ratificado pelo Mapa 19 que representa graficamente as elevações topográficas do perímetro urbano de Januária, e indica que as diferenças altimétricas existentes são pequenas e moderadas.

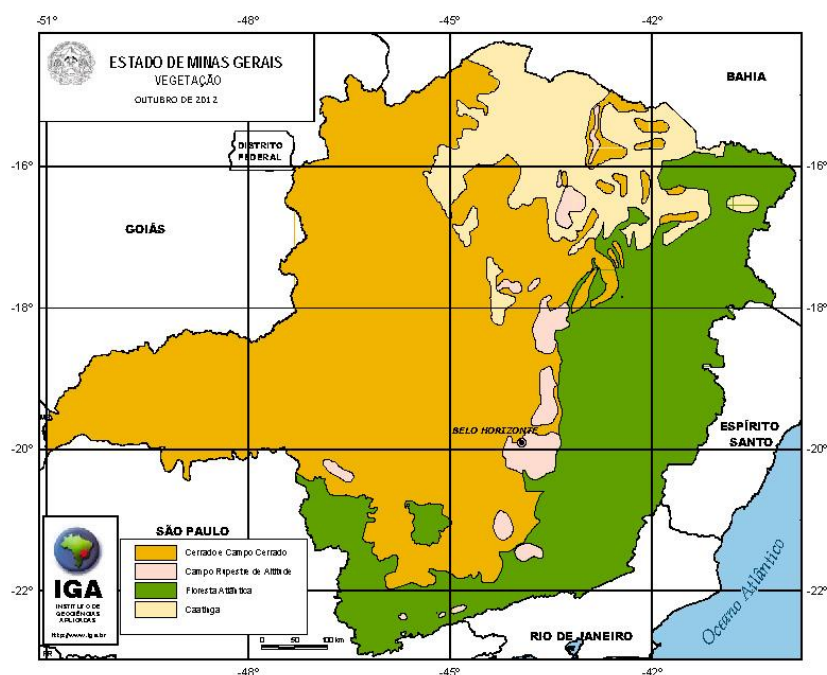


Fonte: SRTM (2000). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O sítio urbano tem maiores altitudes no sentido oeste do perímetro, próximo ao limite do perímetro urbano, que possui bairros tais como Morada do Alto, Aeroporto e Leão XIII, e menores no sentido sul, na região circunvizinha às margens do Rio São Francisco e ao centro da cidade.

Januária possui clima característico de tropical úmido em transição para semiárido (NIMER, 1989). Relativo à distribuição fitogeográfica, a cidade encontra-se na zona de transição entre os biomas do Cerrado e da Caatinga, apresentando por tanto, características mistas de vegetação (JANUÁRIA, 2014; JARDIM; MOURA, 2018). O Mapa 20 registra a diversificação de biomas em Minas Gerais.

Mapa 20: Vegetação de Minas Gerais



Fonte: IGA (2012).

É perceptível a influência dos fatores naturais de Januária para a composição do tecido urbano de Januária. A mancha urbana foi formada a partir da extremidade mais próxima ao porto do Rio São Francisco e foi se expandindo em forma paralela e perpendicular ao mesmo. Na sua expansão, decorrente desses elementos, Januária dispõe de 51 bairros, que estão distribuídos conforme o Quadro 09.

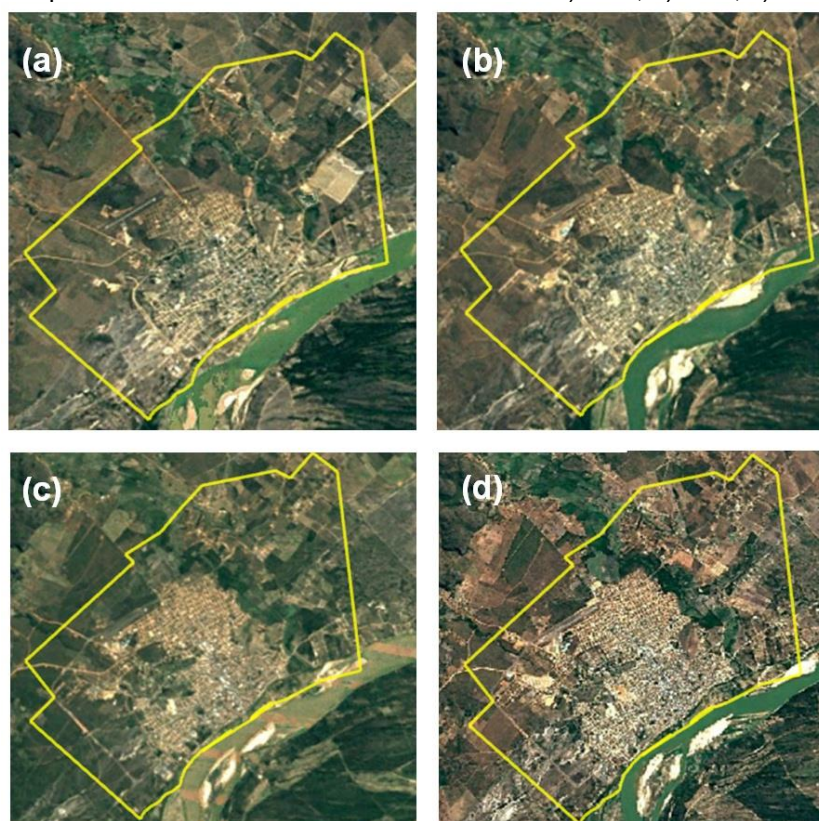
Quadro 09: Distribuição dos Bairros de Januária em Zonas (2018)

Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste
Eldorado	Vila Margarete	Vila Viana	Vila São Domingos
Vila Levianópolis	Alvorada I	Vila São João	Caic
Vila Jadete	Alvorada II	Umburana	Santa Izabel
Vila Brasileira	Vila Verde	Jatobá	Dom João Batista
Teixeira Barros	Vila São Miguel	Alto dos Poções parte baixa	Aeroporto
Jardim Daniel	Aurora	Joventina Mesquita de Barros	Califórnia
Novo Milênio	Cerâmica	Juscelino Kubitschek	Joaquim Carl
Terceiro Milênio	Bandeirantes	Franklim	Cidade Nova I
Alameda	Centro	Jardim Stela	Nova Consuelo
Boa Vista	Lagoa do Velho Chico	Quinta das Mangueiras	Jussara
Bom Jardim	-	Quinta das Palmeiras	Alto dos Poções parte alta
Jardim Liberdade	-	São Vicente	Boa Esperança
-	-	Vila Paula	Morada do Alto
-	-	Cidade Nova	Leão XIII
-	-	Vale do São Francisco	-

Fonte: Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Januária – 2018. Org.: Dourado, L. F. N. (2018)

A evolução da mancha urbana pode ser acompanhada pela Figura 20, que mostra prolongamento, com a constituição de bairros principalmente nas zonas norte e oeste, e ainda, a intensificação da ocupação, com destaque para as zonas norte e leste, entre os anos de 1989, 1999, 2009 e 2019.

Figura 20: Expansão da Área Urbana de Januária - MG a)1989; b)1999; c) 2009; d) 2019;



Fonte: Google Earth (1989; 1999; 2009; 2019). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O núcleo urbano de Januária foi inicialmente delimitado pela Lei Municipal nº 1000 de 1979. Sua extensão territorial concentrava-se na zona sul, em poucos bairros como Centro, Cerâmica e Bandeirantes, próximos à margem esquerda do Rio São Francisco, como mostra a Figura 21 no esboço intitulado de “1º perímetro urbano”. As infraestruturas urbanas e a prestação de serviços e comércios existentes eram concentrados na área central, no entorno das praças Getúlio Vargas, Dom Daniel e Artur Bernardes, sendo que a ocupação de residências urbanas se limitava nas proximidades do Mercado Municipal. O contorno da mancha urbana na referida década constituía-se de vazios urbanos e casas de campo.

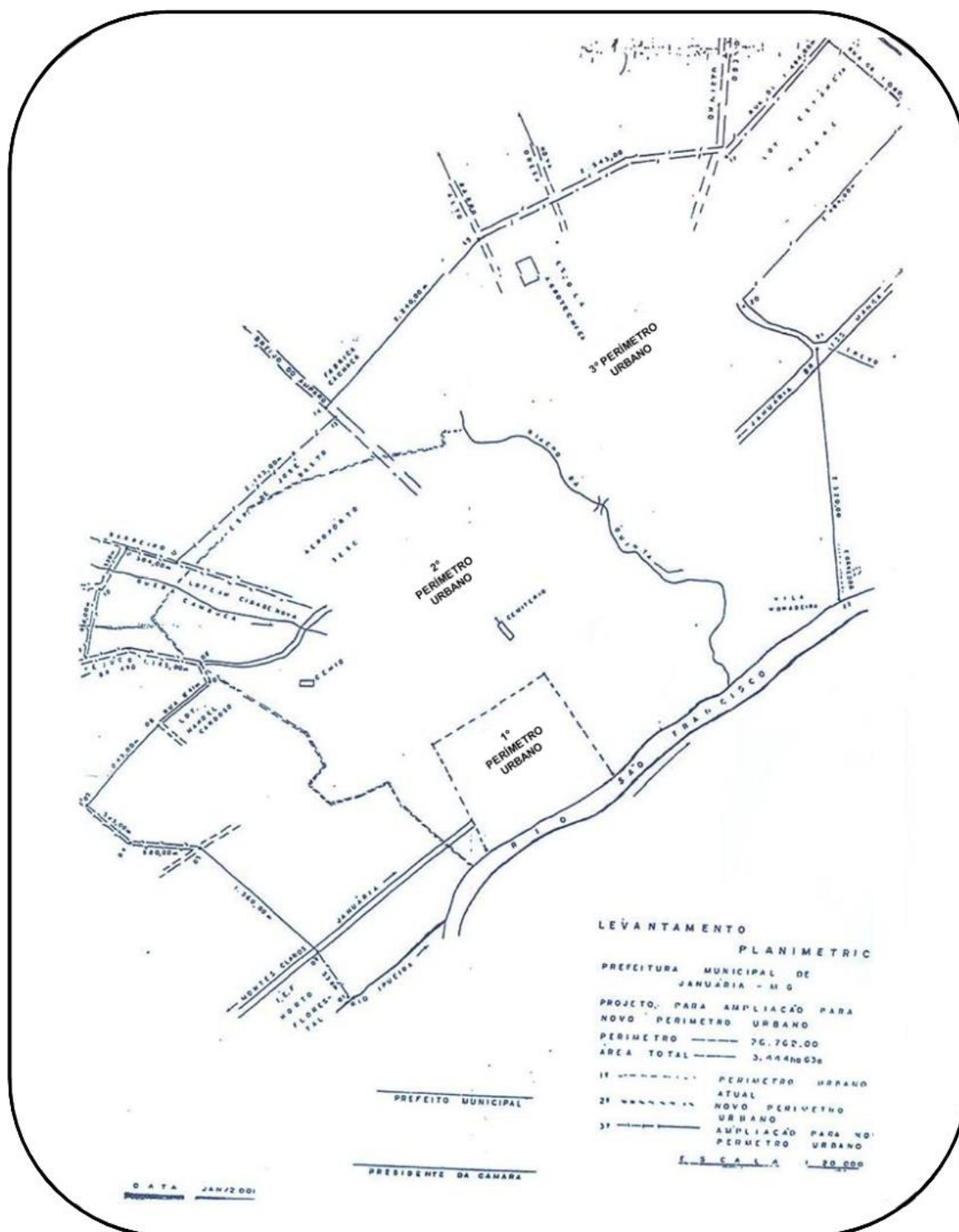
A expansão do tecido urbano foi significativa na década de 1980, impulsionado pelo crescimento populacional urbano (56,58%), como mostra a

Tabela 01 do Capítulo II. Ele foi acompanhado pelo investimento de políticas públicas municipais para desenvolvimento de estrutura urbana e de ampliação de equipamentos urbanos, tais como o Terminal Rodoviário de Januária em 1988¹⁷. O arranjo urbano da cidade foi modificado pela Lei Municipal nº 1333 de 1989, e como ilustra a Figura 21 no contorno denominado de “2º perímetro urbano”, sua expansão incorporou bairros principalmente das atuais zonas oeste, norte e leste, tais como Boa Vista, São Vicente, Vila Jadete, Novo Milênio, entre outros. As ocupações residenciais e comerciais não se distribuem de forma igualitária pelo sítio urbano, havendo maior concentração delas nas proximidades da zona central. Além disso, revelam-se poucos os assentamentos urbanos informais nas franjas do núcleo urbano, no sentido sul, oeste e leste.

Assim como na década de 1980, a população urbana teve relevante incremento na década de 1990 (47,48%), Tabela 01 do Capítulo II, além da expansão da mancha urbana, majoritariamente na zona norte, e da constituição de novos bairros, como por exemplo: Jardim Stela, Levianópolis e Franklim. A ocupação do sítio urbano foi intensificada nos bairros anteriormente criados, a partir do fornecimento de infraestrutura urbana e do incentivo para a implementação de estabelecimentos terciários pela gestão pública. Exemplo disso é o SESC Laces Januária, que está situado na zona oeste em terreno doado pela Prefeitura Municipal, em meados de 1995. A Lei Municipal nº 1930 de 2001 amplia os limites urbanos, como apresenta a Figura 21 no esboço intitulado de “3º perímetro urbano”, visando incluir os novos bairros, e equipamentos, tais como a Escola Agrotécnica, atualmente denominado de IFNMG, o loteamento Estância Nazaré e a Vila Moradeiras.

¹⁷ De acordo com consulta realizada no Acervo da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Januária – junho de 2020.

Figura 21: Tecido urbano de Januária estabelecido por legislação municipal em 1979, 1989 e 2001



Fonte: Januária (2001). Adaptação: Dourado, L. F. N. (2020).

A ocupação da área urbana de Januária nos anos 2000 se intensificou próximo a área central e também nos bairros que surgiram na década anterior, com destaque para aqueles situados nas zonas norte e oeste, com a ampliação de investimento público em infraestrutura urbana. As habitações construídas de forma

irregular nas margens da cidade se ampliam nos extremos da zona sul e norte, em áreas que não eram ocupadas e que, em sua maioria, não possuíam serviços básicos públicos.

De acordo com o acervo da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Januária (2020), a década de 2010 foi marcada pelo aumento de registro de novos bairros, em decorrência do Programa Federal Minha Casa Minha vida (PMCMV) em Januária, que constituiu os Bairros Joaquin Carl (zona oeste) em 2011, mais conhecido como bairro São Francisco, que teve 500 unidades habitacionais construídas por meio do contrato da faixa 01 do programa, e o Bairro Jardim Liberdade (zona norte) em 2015, que teve um quantitativo de 200 habitações beneficiadas pelo mesmo programa. Além disso, o acervo da Secretaria de Obras revelou novos loteamentos provenientes de heranças familiares, que compõem novos bairros tais como: Morada do Alto e Leão XIII, na zona oeste, e Vale do São Francisco, na zona leste.

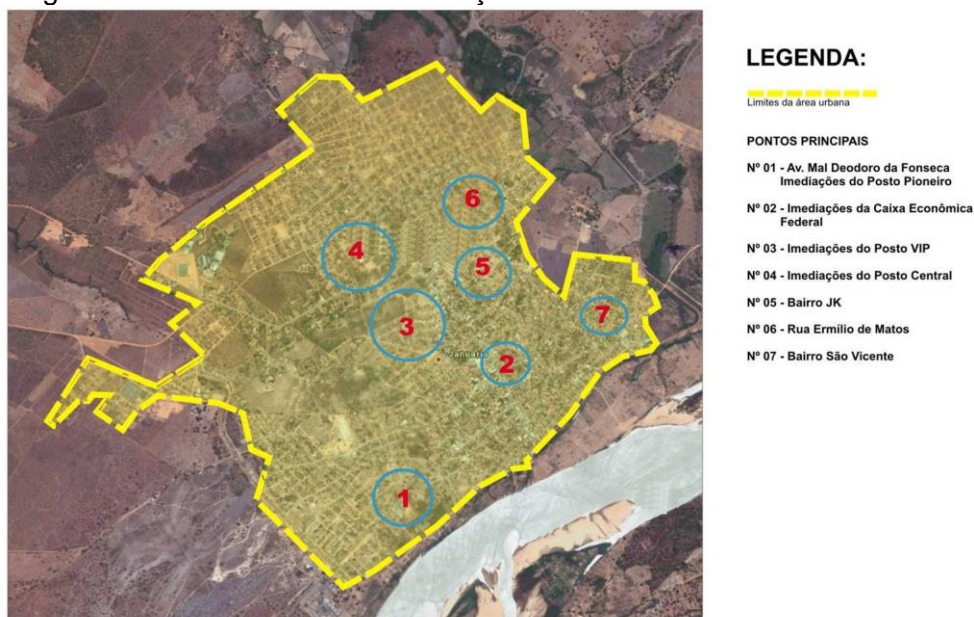
O contorno urbano de Januária passa ainda por mais duas modificações a partir das definições legislativas municipais. A primeira é estabelecida pela Lei nº 2227 de 2010 e indicava a Vila Moradeiras e o loteamento Estância Nazaré como zonas de expansão rural; já em 2012 a Lei nº 2326 volta a considerar o último como urbano, resultando no delineamento atual, fornecido pelo Mapa 17.

O arranjo da mancha urbana de Januária se respalda então, em sua história e em favor do aspecto hidrológico, tendo em vista a sua concepção junto ao cais e a sua expansão, constituída inicialmente, com intenção a conectá-la com o distrito de origem, Brejo do Amparo, e aos eixos de transporte existentes.

Há de se considerar também o histórico de enchentes vivido na cidade, registrado pelo memorialista Pereira (2004), que retrata o delineamento do crescimento urbano de Januária a partir da construção de infraestrutura e de edifícios que resistissem ao volume de água nas épocas de cheia.

As áreas do sítio urbano de Januária mais afetadas historicamente por inundações são demarcadas na Figura 22, retirada do Plano Diretor do município (2008) e apontam a necessidade de ampliação de infraestrutura urbana no tecido urbano.

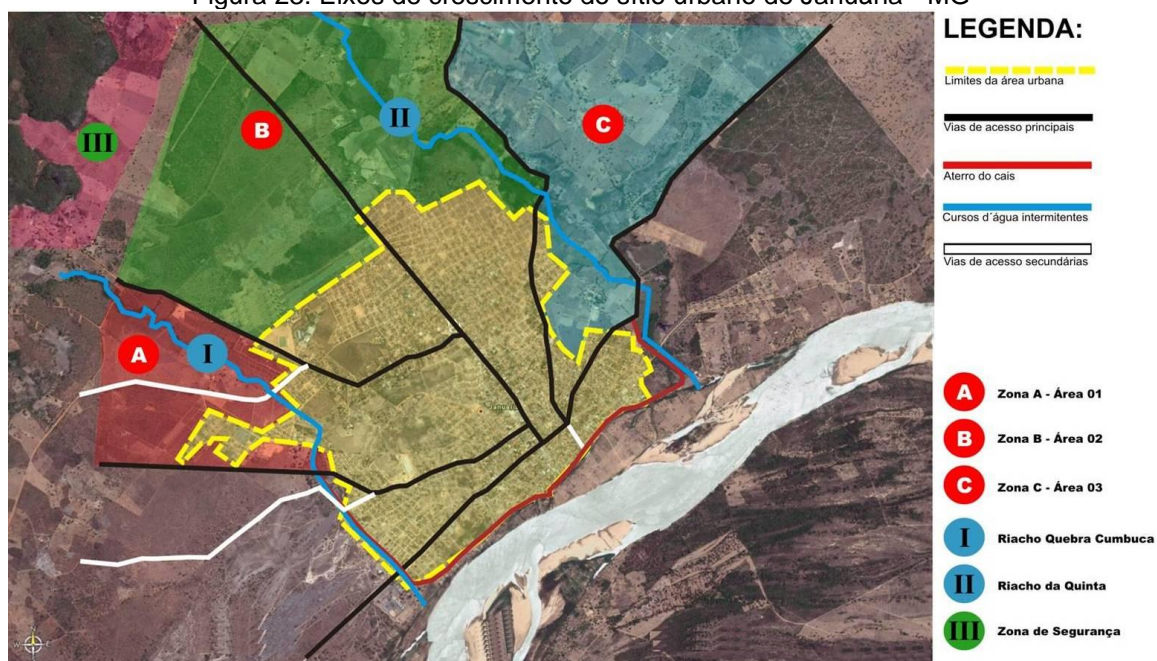
Figura 22: Áreas críticas de inundação no sítio urbano de Januária - MG



Fonte: Januária (2008).

O Plano Diretor do município de Januária (2008) define como eixo principal de crescimento aquele que se dá no prolongamento das Avenidas Itapiraçaba, Leão XIII e da Rua Barão do São Romão, descrito como Zona A – área 01 na Figura 23. O eixo secundário I se estrutura na extensão da Avenida Cônego Ramiro Leite, nomeado como Zona B – área 02, enquanto a continuidade da Avenida Barão do São Romão e da BR 135 constitui o eixo secundário II de expansão urbana do município, definida como Zona C – área 03.

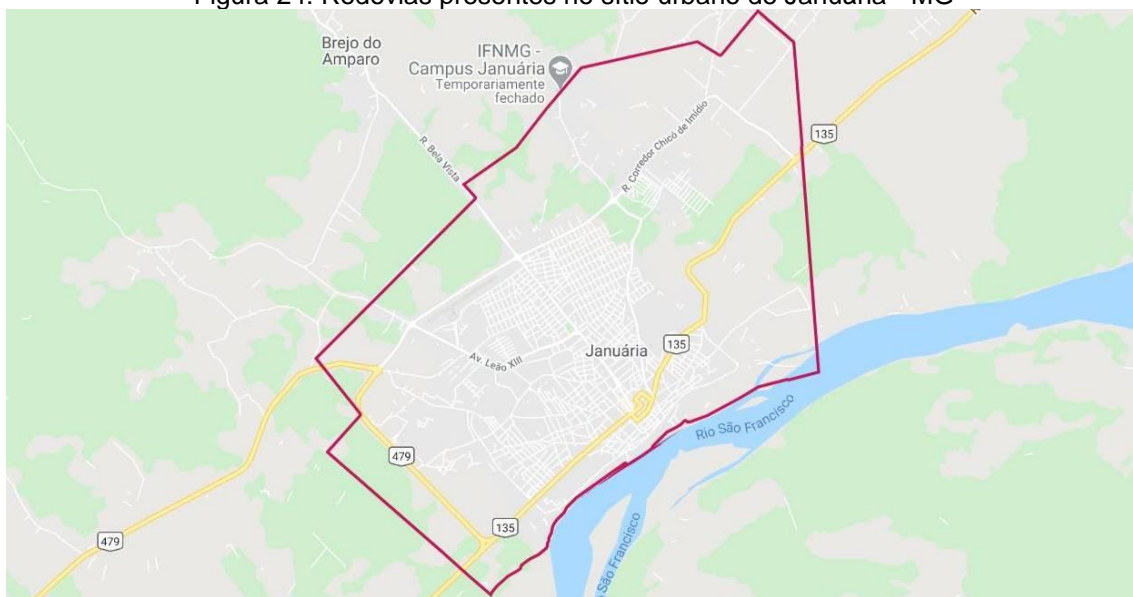
Figura 23: Eixos de crescimento do sítio urbano de Januária - MG



Fonte: Januária (2008).

O município de Januária é entroncamento rodoviário que está ligado a Montes Claros pela BR 135 e aos municípios do seu entorno, Itacarambi, Manga e Montalvânia, pelas rodovias estaduais MG 161, MG 135 e MG 479. Essa situação geográfica permite compreender o papel de interligação das pequenas cidades a cidade média. O sítio urbano de Januária não possui, entretanto, a passagem da MG 161 em seu território, ou seja, no núcleo urbano há a passagem apenas da BR 135 e das rodovias estaduais MG 135 e MG 479, Figura 24.

Figura 24: Rodovias presentes no sítio urbano de Januária - MG



Fonte: Google Maps (2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A infraestrutura urbana do sítio urbano januarenses é diversificada por bairros, sendo que apenas 3,7% do espaço urbano possuem urbanização adequada, contando com a presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio (IBGE CIDADES, 2020).

As Figuras 25, 26 e 27 explicitam atributos do tecido e do sítio urbano de Januária.

Figura 25: Sítio e tecido urbano de Januária - MG



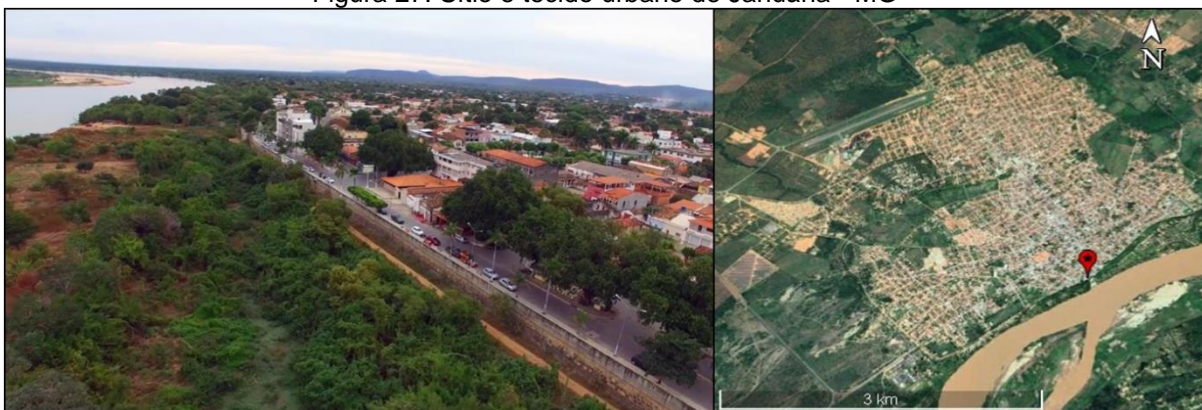
Fonte: Drone Januária (2020)¹⁸; Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 26: Sítio e tecido urbano de Januária - MG



Fonte: Drone Januária (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 27: Sítio e tecido urbano de Januária - MG



Fonte: Drone Januária (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Em suma o sítio urbano de Januária se constituiu, inicialmente, em função da presença do Rio São Francisco, tem os seus contornos e expansão da mancha incentivada pelas vias rodoviárias existentes e relações com os centros urbanos próximos. Sua paisagem é marcada pela intensa arborização, de acordo com o

¹⁸ Registros fotográficos gentilmente cedidos pela empresa “Drone Januária”, com produção de vídeo por Marcelo Júnior em maio de 2020.

IBGE Cidades (2020). As vias públicas urbanas januarenses possuem um percentual de 83,9% de arborização e a infraestrutura urbana existente é bastante variável de acordo com a localização dos bairros.

3.2. O modelo de zoneamento morfológico-funcional para Januária

A organização morfológico-funcional intraurbana de Januária é analisada nesta seção e se pauta na metodologia do modelo de zoneamento morfológico-funcional para cidades médias mineiras, produzido por Amorim Filho (2007), caracterizado no capítulo II. Os estudos das zonas central, pericentral, periférica e periurbana possibilitam a construção de um cartograma com a espacialização de tais unidades e suas complexidades, permitindo contrastar com as referências de arranjo do espaço urbano para as cidades médias.

Cabe registrar que o modelo proposto por Amorim Filho (2007) já foi desenvolvido em centros urbanos do Norte de Minas Gerais de mesma categoria hierárquica e rede urbana a que Januária pertence. Trata-se das cidades de Janaúba (Hermano, 2016) e Pirapora (Souza, 2008), como mostra o Quadro 06 do capítulo I, sendo averiguado que estas são cidades foram consideradas nessas pesquisas como médias no contexto regional.

A análise de compatibilidade das zonas morfológico-funcionais do modelo para o espaço urbano de Januária se constrói a partir da observação e do estudo dos espaços, bem como de suas dinâmicas, reforçada pela experiência pessoal da autora por residir na cidade que é o objeto de seu estudo.

O zoneamento morfológico-funcional do espaço urbano de Januária é examinado nas sequências das seções de acordo com o proposto pelo modelo de Amorim Filho (2007), nas zonas: central, pericentral, periférica e periurbana, permitindo a identificação de potenciais subcentros¹⁹ em formação e eixos viários.

¹⁹ Duarte (1974) caracteriza os subcentros pela existência de estabelecimentos terciários que promovem centralidades através dos serviços e comércios ofertados. A autora ainda enumera cinco atividades que devem ocorrer para se considerar como subcentro, sendo elas: comércio múltiplo e especializado, serviços profissionais superiores, funções culturais e recreativas, além de atividades de transporte e comunicação. Destaca-se, porém, que há diferenciação entre os centros funcionais, tanto pelo seu tamanho e importância de centralidades desempenhadas, quanto pelas suas formas, que podem ser alongadas ou nucleadas, variando em função de condicionantes locais. A partir da

3.2.1. Zona Central

A delimitação da zona central para a área urbana de Januária se constituiu com base nas propriedades atribuídas a ela por Amorim Filho (2007) em seu modelo, analisando a localização e a concentração dos principais equipamentos que atendem os moradores de Januária e sua Região Geográfica Imediata. Foram consideradas também a paisagem, a morfologia, a densidade da área construída, o padrão das edificações, bem como os fluxos de trânsito para sua identificação.

A zona central de Januária, Mapa 21, se localiza próxima ao sítio de origem da cidade, na área circunvizinha ao Rio São Francisco. Possui uma organização espacial em torno de praças e com design linear, em que grande parte de seus equipamentos funcionais estão situados no entorno das Praças Getúlio Vargas, Dom Daniel, Artur Bernardes e Raul Soares e também nas ruas que fazem seu prolongamento.

Relativo ao arranjo linear tem-se a Rua Coronel Serrão (que se prorroga na Rua Cônego Livinio) e a Avenida Cônego Ramiro Leite (que se estende na Rua Padre Henrique) (Figuras 28, 29 e 30) carreando o seu esboço alongado, que engloba ainda uma porção de vias e de frações dessas que estão alocadas principalmente em posição perpendicular, sendo elas: Rua Luis Tupiná, Avenida Marechal Eurico G. Dutra, Travessa Coronel Serrão, Travessa Luis Tupiná, Rua Quintino Bocaiúva, Rua Monsenhor José Camilo, Avenida Itapiraçaba, Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, Rua Francisco Sales, e Rua Manoel Caetano.

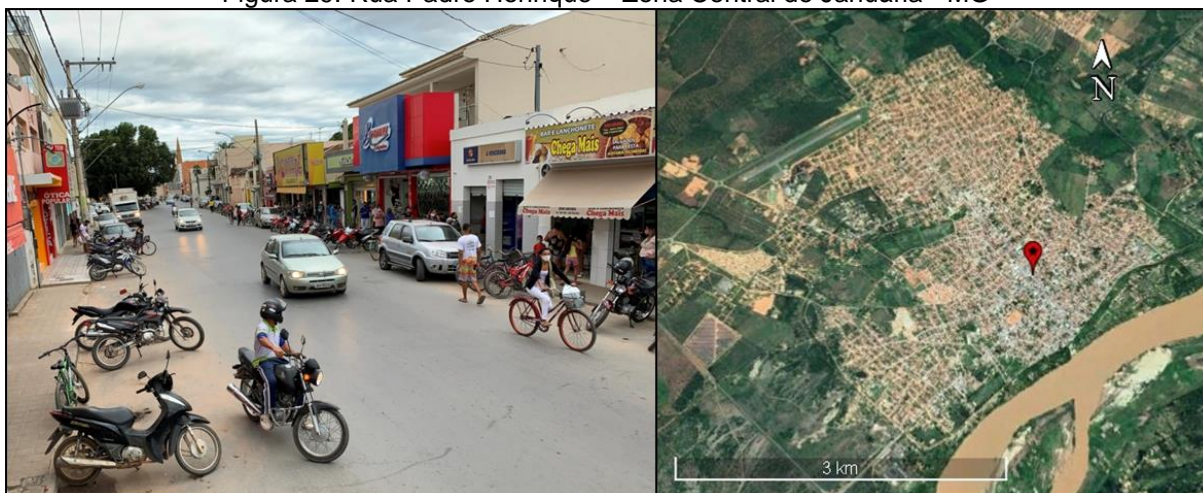
indicação de Villaça (2001, p. 294), de que “o conceito de subcentro é empírico” e da percepção de que a prevalência dos trabalhos acadêmicos que definem e pormenorizam os subcentros referem-se às cidades de hierarquia urbana superior a de Januária, este estudo identifica a sua ocorrência pautada na presença de equipamentos que atendam as demandas da população do seu entorno e na expansão do tecido urbano, resguardando as proporções de alcance e diversificação comercial de sua realidade urbana.

Figura 28: Rua Coronel Serrão – Zona Central de Januária - MG



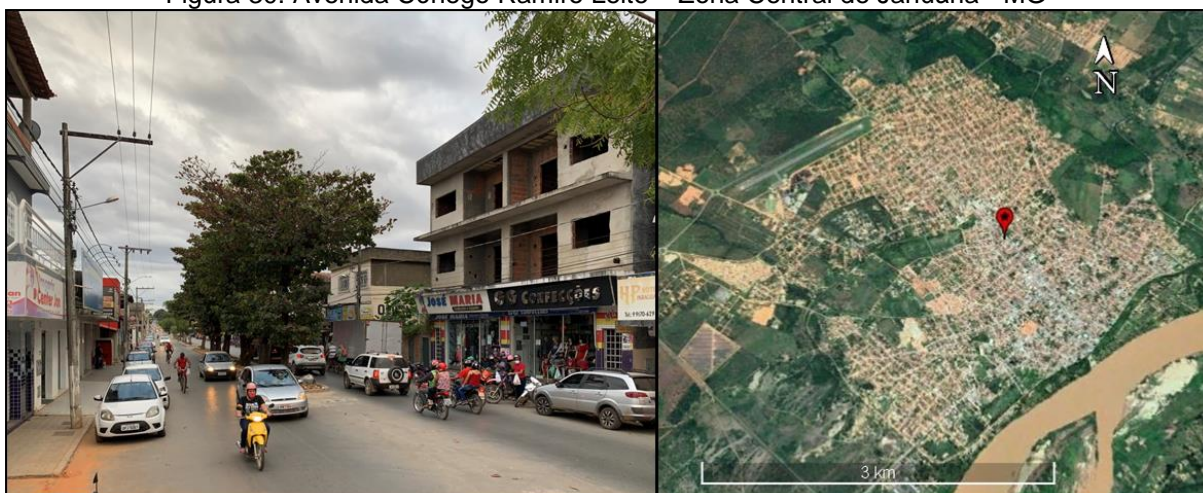
Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 29: Rua Padre Henrique – Zona Central de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 30: Avenida Cônego Ramiro Leite – Zona Central de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Os equipamentos urbanos presentes na zona central de Januária se destacam pela sua diversidade e especialidade, atraindo fluxos intramunicipais e de sua Região Geográfica Imediata. É possível citar comércios e serviços que se

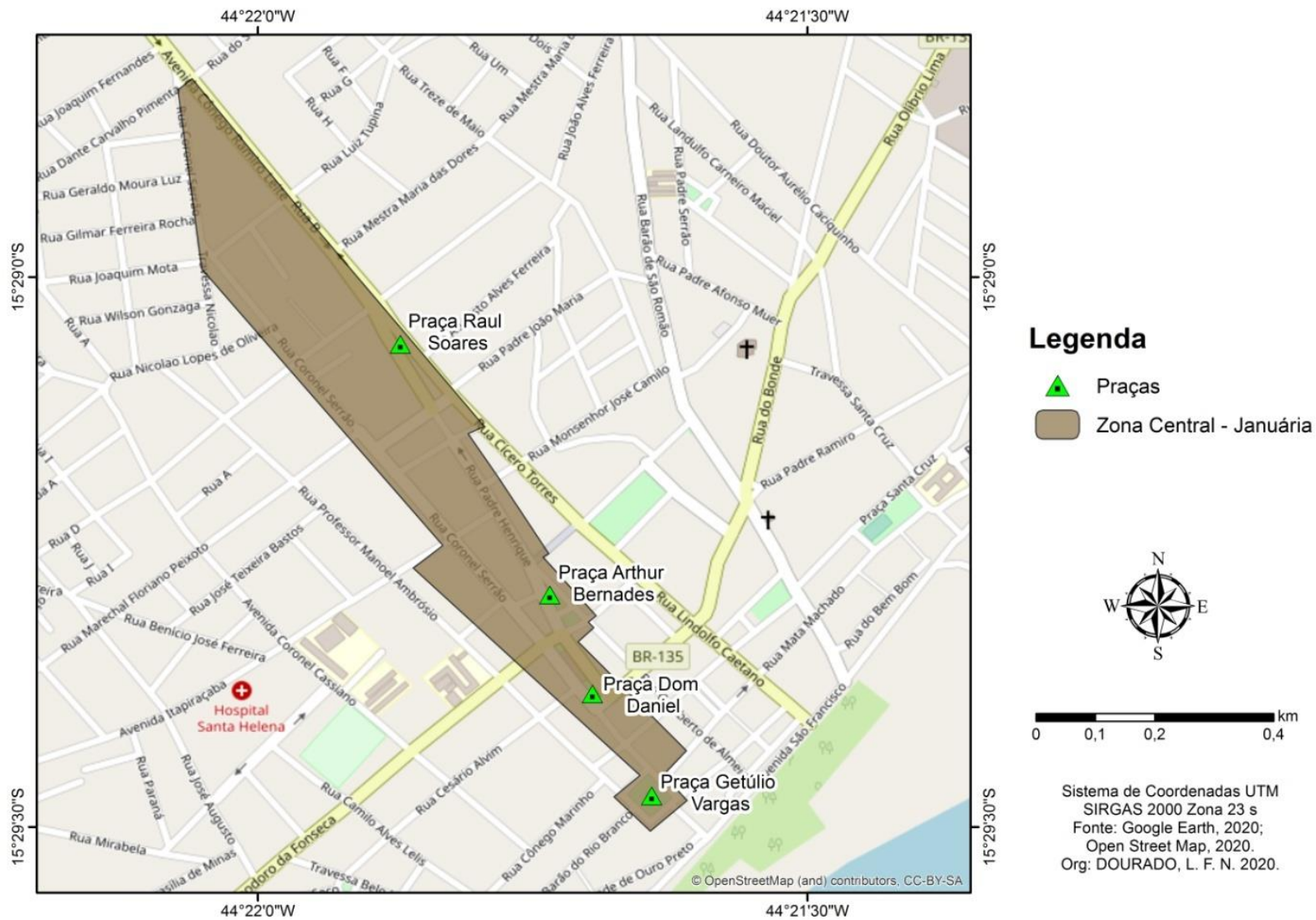
destacam, que promovem centralidade e que estão localizados na zona central de Januária: hospital municipal de Januária, agência de Correios, cartórios de registro civil, imóveis, títulos e documentos, notas e de protesto, agências bancárias (como por exemplo: Banco do Brasil, Banco Itaú, Banco Bradesco, Banco Sicoob e Banco Mercantil do Brasil), casas lotéricas, clínicas de saúde médica e odontológica de atendimento especializado, laboratórios de análises clínicas, sede de conselho profissional (Ordem dos Advogados do Brasil / OAB - seção Januária), agência da CEMIG, farmácias e drogarias, Fórum, sede da Gerência Regional de Saúde de Januária, instituições de ensino fundamental, supermercados, mercado municipal, hotéis, lojas de rede departamento de móveis e eletrodomésticos, estabelecimento de venda de material de construção, vestuários e papelaria, além de Igrejas, lanchonetes, restaurantes e outros.

A zona central de Januária apresenta quatro processos espaciais definidos na teoria de Corrêa (1989): centralização, coesão, segregação e inércia. O primeiro refere-se a sua configuração como núcleo central, com uso intensivo do solo, maior número de edificações com mais de um pavimento, limitada escala horizontal, com dificuldades de ampliação, concentração diurna, foco de transportes intraurbanos e área de decisões. A coesão, por sua vez se caracteriza pela proximidade das atividades de oferta de bens e serviços.

O processo de segregação relaciona-se à reprodução dos diferentes grupos sociais e considera que grande parte da população que residia na área central passou a habitar bairros do entorno, esse espaço passou a ser predominantemente ocupado por edifícios comerciais.

Essa zona ainda apresenta dinâmicas de inércia, já que historicamente sua organização espacial se pautava na proximidade às margens do Rio São Francisco que propiciava o transporte fluvial, atividade que teve acentuado declínio desde a década de 1950 devido à concorrência com o transporte rodoviário e também pelo assoreamento do rio (PEREIRA, 2004).

Mapa 21: Zona Central de Januária - MG



Fonte: Google Earth, 2020; Open Street Map; Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Os principais estabelecimentos de comércios e prestação de serviços presentes na zona central de Januária foram quantificados respectivamente em 230 e 107 ocorrências, por meio de catálogo telefônico – TOPLISTA Januária/ 2019/2020 e da Pesquisa Direta, apresentados nas Tabelas 19 e 20, que atende o consumo local e da Região Geográfica Imediata de Januária.

Tabela 19: Estabelecimentos comerciais da zona central de Januária - MG (2020)

Ramo Comercial	Ocorrência
Açougues	6
Armarinho e Aviamentos	3
Artigos Esportivos	1
Concessionária de Motos	4
Distribuidora de Água Mineral e Gás	2
Distribuidora de Alimentos	1
Distribuidora de Doces	1
Farmácias e Drogarias	15
Floricultura	2
Funerária	2
Gráficas	3
Livraria	1
Loja de Autopeças e Borracharias	8
Loja de Bicicletas	5
Loja de Confeções, Vestuários, Calçados e Acessórios	66
Loja de Cosméticos	7
Loja de Departamento, Móveis, Eletrodomésticos, Eletrônicos e Variedades	6
Loja de Instrumentos Musicais	1
Loja de Materiais e Equipamentos da Construção Civil	20
Loja de Decoração e Variedades	7
Loja de Embalagens	1
Loja de Equipamentos de Proteção Individual	1
Loja de Produtos Agropecuários e Veterinários	7
Lojas de Tecido	4
Lojas de Telefonia	2
Mercado Municipal de Januária	1
Óticas	4
Papelaria e Presentes	6
Posto de Combustível	1
Relojoaria e Joalheria	5
Restaurantes, bares, lanchonetes e padarias	23
Loja de selas	1
Supermercado, Mercearia e Hortifrúti	13
TOTAL	230

Fonte: TOPLISTA Januária (2019/2020). Pesquisa Direta (2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Tabela 20: Estabelecimentos de prestação de serviços da zona central de Januária - MG (2020)

Atividade de Prestação de Serviços	Ocorrência
Academia	4
Agência Januária do IBGE	1
Agência de concessionária de energia elétrica	1
Agência de serviços postais	1
Agência e correspondente bancária e loja de crédito	10
Assistência técnica para informática e celulares	7
Biblioteca Municipal	1
Cartório	4
Casa Lotérica	3
Clínica de imagens médicas	1
Conselho de classe profissional	1
Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil – COMPDEC	1
Escola de dança	2
Escola profissionalizante	1
Escritório de contabilidade	2
Escritório de advocacia	11
Escritório de engenharia	5
Espaço cultural de atração turística	1
Estúdio de fotografia e serviços de revelação	1
Fórum	1
Gerência Regional de Saúde de Januária	1
Hospitais, clínicas e consultórios médicos e odontológicos	12
Hotel e pousada	2
Igreja	3
Imobiliária	4
Instituição de ensino fundamental	1
Laboratório de Análises Clínicas	1
Locação de veículos	1
Moto táxi	7
PROCON Januária	1
Procuradoria Geral de Justiça de Minas Gerais	1
Salão de beleza	8
Secretaria de Estado da Fazenda Adm Fazendária Januária	1
Serviço de automatização e segurança residencial	2
Serviço de refrigeração residencial	1
Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais-Sub Sede de Januária	1
Tribunal da Justiça do Estado de Minas Gerais	1
TOTAL	107

Fonte: TOPLISTA Januária (2019/2020). Pesquisa Direta (2020). Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A análise da Tabela 19 identifica que a maior ocorrência de comércios na zona central pertence ao ramo comercial de lojas de confecções, vestuários, calçados e acessórios (66 estabelecimentos), do seguimento de restaurantes, bares, lanchonetes e padarias (23 estabelecimentos), e lojas de materiais e equipamentos

da construção civil (20 estabelecimentos). Já os ramos comerciais que se apresentam com apenas uma ocorrência são: artigo esportivos, distribuidora de água mineral e gás, distribuidora de alimentos, livraria, loja de instrumentos musicais, loja de embalagens, loja de equipamentos de proteção individual, mercado municipal, posto de combustível e loja de selas.

Em relação às atividades de prestação de serviços, a Tabela 20 apresenta a maior presença de estabelecimentos de setor de saúde, como hospitais, clínicas e consultórios médicos e odontológicos (12 ocorrências), seguido pelos escritórios de advocacia (11 ocorrências) e pelo setor financeiro, com as agências e correspondentes bancárias e lojas de crédito (11 ocorrências). Em contrapartida, há na zona central equipamentos de prestação de serviço com apenas uma ocorrência, entre eles: agência de concessionária de energia elétrica, de serviços postais, clínica de imagens médicas, conselhos de classe profissional, escola profissionalizante, estúdio de fotografia e serviços de revelação, instituição de ensino fundamental laboratório de análises clínicas e serviços de refrigeração residencial, além dos serviços públicos.

Os equipamentos urbanos públicos presentes na zona central januarense, tais como Fórum, PROCON, Hospital e Biblioteca Municipal, ressaltam a influência que eles tiveram para o delineamento da expansão urbana e consolidação da centralidade exercida no seu entorno.

As edificações localizadas nessa Zona possuem tipologias diversas, em parte possuem atributos históricos, Figura 31, que remetem ao processo inicial de ocupação, as demais se constituem em sua maioria de construções em altura²⁰ e com predominância comercial.

²⁰ A Lei Municipal de Januária, nº 1006 de 11 de julho de 1979, que institui o Código de Obras de Januária, limita a construção de edifícios em até cinco pavimentos, o que resulta em uma paisagem urbana central com verticalidade média.

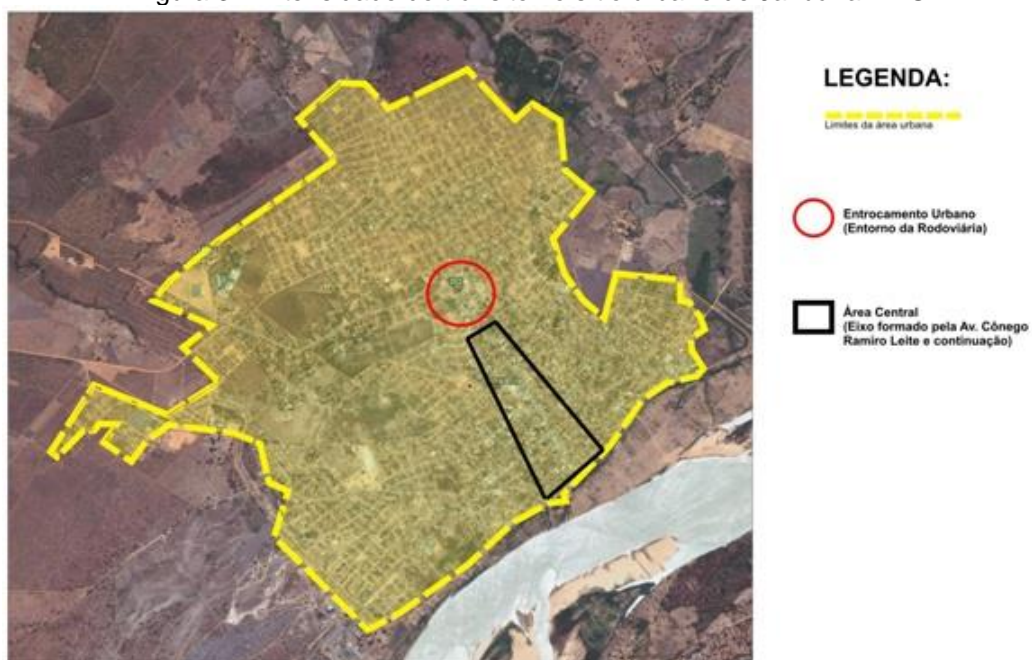
Figura 31: Antiga Prefeitura Municipal e Casa da Memória - Zona Central de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A maior intensidade de trânsito da área urbana de Januária, de acordo com o Plano Diretor Municipal de Januária (2008), ocorre nessa zona, Figura 32, a partir do eixo da Avenida Cônego Ramiro Leite.

Figura 32: Intensidade do trânsito no sítio urbano de Januária - MG



Fonte: Januária (2008);

As observações realizadas nas imersões de campo demonstram o acentuado trânsito pelo considerável número de automóveis, motos e bicicletas, além dos fluxos de pedestres na zona central que possui também semáforos, observados nas Figuras 28, 29 e 30.

O padrão linear apresentado pela zona central urbana de Januária considera a concentração de equipamentos urbanos de alcance regional, a densidade de

edificações em altura e com predomínio comercial, bem como a elevada movimentação de veículos e da população. As alterações desses aspectos são perceptíveis nas ruas vizinhas, constatando-se o aumento de residências e de redução dos edifícios em altura e funções comerciais, características da zona pericentral.

3.2.2. Zona Pericentral

A demarcação do contorno da zona pericentral de Januária requisitou um maior quantitativo de idas a campo, demandando maior tempo e empenho na observação e na análise do espaço. Isso se deu devido à sua ampla extensão e formato espacial, presença de vazios urbanos e atenção quanto a sua delimitação já que se diferencia da zona periférica que está nas adjacências.

Conforme o modelo de Amorim Filho (2007) observou-se nessa zona características de diferenciação morfológica e paisagísticas devido às diferenças sociais, além da preponderância da função residencial, presença de áreas com características de subcentros em formação e de equipamentos terciários.

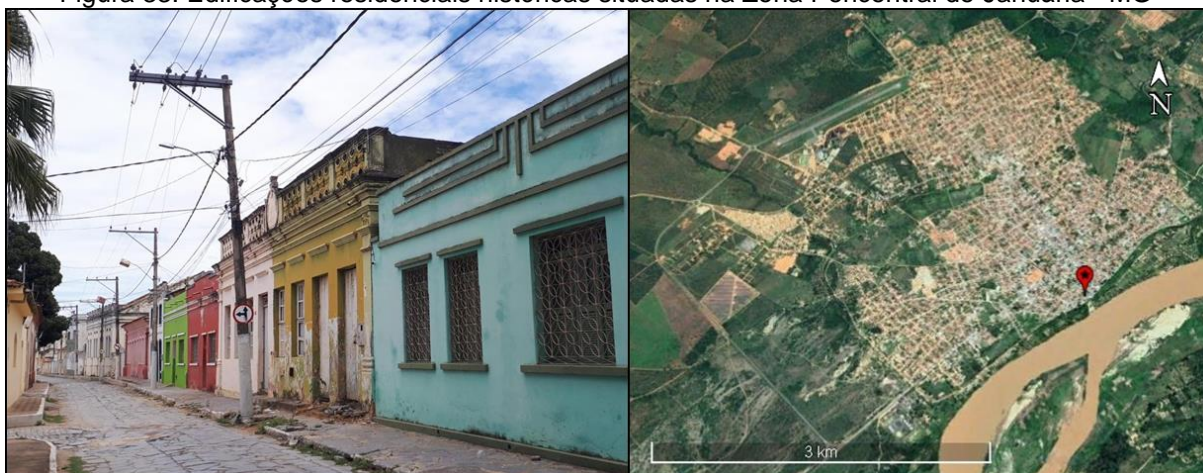
A configuração espacial da zona pericentral de Januária, Mapa 22, assemelha-se a estelar, sendo localizada no entorno da zona central prolongando-se até a periferia contínua, com maiores prolongamentos na direção noroeste e sudoeste. Ressalta-se a função de parte das vias em conduzir o seu formato e conectar as vias de alguns bairros, como: Avenida São Francisco, Rua Barão do São Romão, Rua Treze de Maio, Avenida Marechal Eurico Gaspar Dutra, Avenida Cônego Ramiro Leite, Avenida Itapiraçaba, Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, Avenida Leão XIII, Rua Cícero Torres, Avenida Coronel Cassiano e Rua Professor Manoel Ambrósio.

Nessa zona é possível perceber três processos espaciais definidos na teoria de Corrêa (1989) que contribuem no entendimento de sua organização espacial, sendo eles a centralização, na forma de zona periférica do centro, com uso semi-intensivo do solo, ampla escala horizontal, área residencial de status diversificado e foco de transportes inter-regionais, descentralização, com a concepção de atrativos e novas centralidades e coesão, como supermercados com venda no atacado e varejo, IES, agências bancárias, entre outras, nos quais os estabelecimentos

comerciais e de serviços se localizam em áreas próximas, com segregação residencial, pautada na divisão do trabalho e especialização funcional.

A área construída apresenta edificações comerciais e residenciais, conforme se afasta do centro principal aumenta-se o quantitativo de moradias, prevalecendo tal modalidade, como é característico da zona pericentral. Ainda nesse perímetro, as edificações possuem em sua maioria dois ou três pavimentos e assim como zona central, parte delas possui atributos históricos, Figura 33.

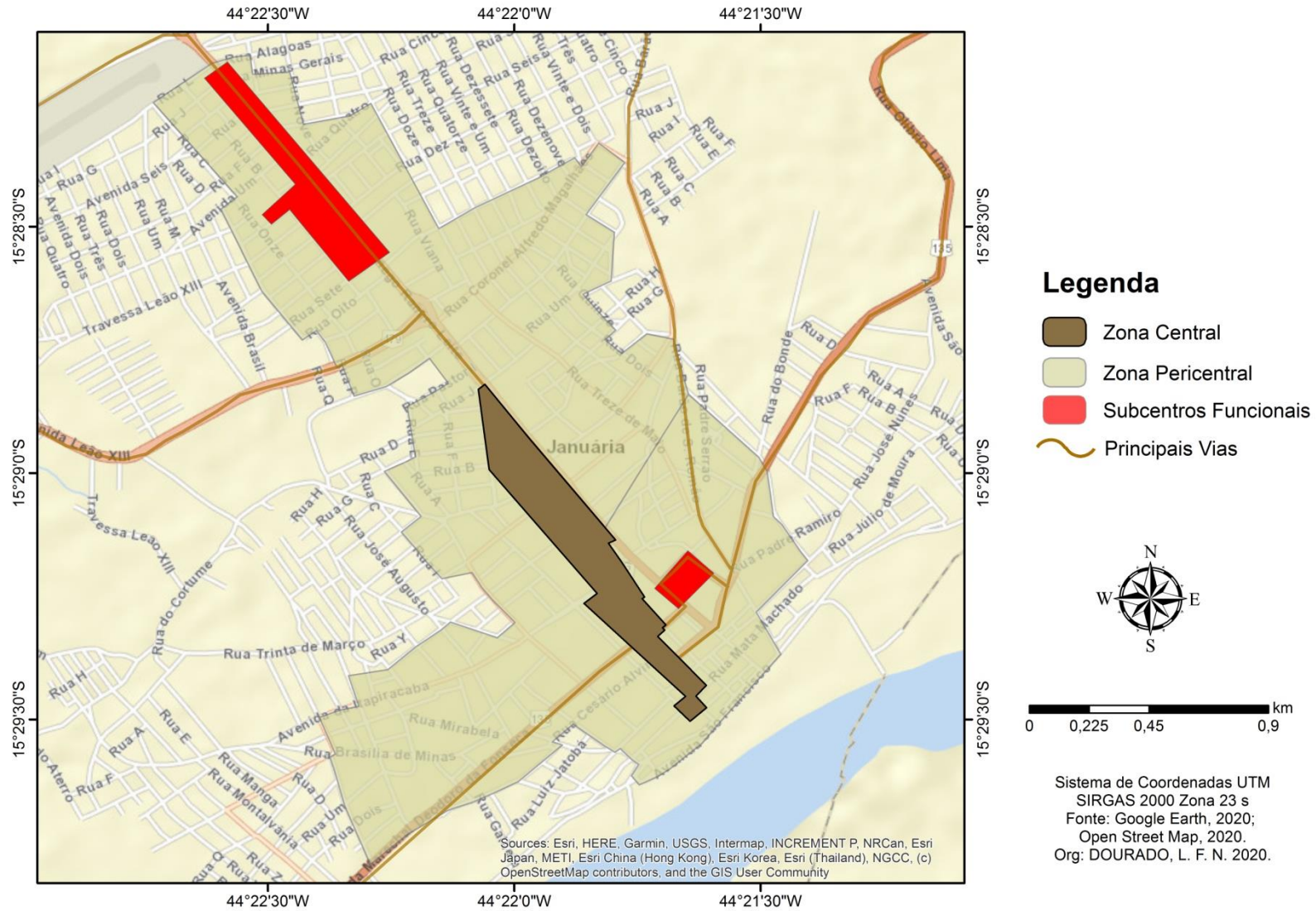
Figura 33: Edificações residenciais históricas situadas na Zona Pericentral de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Na zona pericentral de Januária existem equipamentos específicos e com funções diversas, destacando-se: o terminal rodoviário, agência de instituições públicas (como: Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, Instituto Estadual de Florestas – IEF e Polícia Civil), as entidades de classes (como ACI/CDL e Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – CREA-MG), as sedes de feiras (agroecológica e Ceasa), as escolas e as IES, as clínicas médicas e o hospital privado, as agências bancárias (como: Banco do Nordeste e Caixa Econômica Federal), os supermercados (destacando a venda no atacado), além de estabelecimentos comerciais diversificados, mas que possuem oferta de bens e serviços de menor complexidade se comparadas a da zona central (Figuras 34, 35 e 36).

Mapa 22: Zona Pericentral de Januária - MG



Fonte: Google Earth, 2020; Open Street Map; Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 34: Equipamentos situados na Zona Pericentral de Januária - MG (ACI/CDL)



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 35: Equipamentos situados na Zona Pericentral de Januária -MG (Feira CEASA)



Fonte: Cristiger, B. (2017); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 36: Equipamentos situados na Zona Pericentral de Januária - MG (Terminal Rodoviário)



Fonte: Drone Januária (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

As praças e as áreas verdes são também marcantes na zona pericentral januarense, podendo destacar a Praça Tiradentes (Figura 37) na qual se identifica um subcentro em formação de comércio e de prestação de serviços e que também sedia a feira agroecológica. Essa praça é ainda um local típico de realização de atividades físicas como caminhadas e exercícios ao ar livre em geral, bem como de eventos e atividades recreativas no seu entorno, há edifícios comerciais e residenciais.

Figura 37: Praça Tiradentes Zona Pericentral de Januária - MG



Fonte: Drone Januária (2020); Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

De acordo com Amorim Filho (2007) os bairros das zonas pericentrais das cidades médias mineiras são, em sua maioria, portadores dos habitantes com

melhores condições de vida, ainda que tenham populações mais pobres, trazendo por tanto, paisagens e funções urbanas heterogêneas. Esses aspectos abordados no modelo do autor foram identificados na mancha periurbana de Januária, em que os bairros não são providos igualmente de infraestrutura e de equipamentos urbanos, o que denota a diferenciação sócio-econômica dos habitats entre os bairros. As Figuras 38 e 39 registram parte das diferenças existentes na produção do espaço dos bairros que compõem a zona pericentral de Januária.

Figura 38: Bairro Jussara - Zona Pericentral de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 39: Centro - Zona Pericentral de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A zona pericentral januareense possui dois locais em potenciais para se caracterizar como subcentros em formação, sendo que um deles situa-se no entorno da Praça Tiradentes, seguindo o seu delineamento, já o subcentro em formação localizado na Avenida Cônego Ramiro Leite possui formato linear. A oferta de bens e serviços nesses locais é diversificada e atrai fluxos diversos, além disso, eles

concentram a maior parte dos principais equipamentos urbanos dessa Zona geográfica.

Os aspectos físicos da zona pericentral de Januária são, então, bastante diversos, como é conjecturado pelo modelo de Amorim Filho (2007), com disparidades socioeconômicas, contando com a presença intensa de residências, eixos viários e praças, subcentros em formação, fazendo fronteira com a zona periférica.

3.2.3. Zona Periférica

Amorim Filho (2007) distingue em seu modelo a diferenciação entre a zona periférica contínua (ou mancha de óleo) e a descontínua (também denominada de polinuclear). De acordo com o autor, as periferias podem ser extensas, dinâmicas e se assimilam com bairros e favelas.

A zona periférica de Januária, diferentemente do proposto pelo modelo, não se diferencia em contínua e descontínua, porém os atributos de suas paisagens urbanas são semelhantes. Sua espacialização é extensa e se dá de forma única, e em prolongamento da zona pericentral, com o avanço da mancha urbana em suas franjas e integração de núcleos formados por agrupamentos que anteriormente não se encontravam na área urbana.

Em Januária, essa categoria é caracterizada por bairros de diferentes classes sociais que possuem infraestruturas urbanas também distintas, com o predomínio do uso do solo residencial.

Citam-se os bairros Joaquin Carl (zona oeste), Jardim Liberdade (zona norte), Morada do Alto (zona oeste) e Leão XIII (zona oeste) de expansão recente e que possuem aspectos de paisagens bastante diferentes, tomando por exemplo as localizações apresentadas nas Imagens 40, 41, 42 e 43. Os bairros Bela Vista e São Vicente contam com a presença de equipamentos terciários, com poucos vazios urbanos e com intercalações de ruas sem e com pavimentação. Já o Bairro Morada do Alto foi planejado com atributos similares a de um condomínio fechado, possui infraestrutura completa e padronizada, nele todas as edificações são residenciais com um padrão construtivo de maior valor comercial, havendo ainda considerável número de obras em andamento e lotes não ocupados. O Bairro Franklin, por sua vez, possui aspectos diferenciados, as suas vias não são pavimentadas, as

residências possuem tipo construtivo bastante diverso com autoconstrução e também casas de médio padrão, inexistem comércios e serviços e, há um grande número de vazios urbanos.

Figura 40: Bairro Bela Vista - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 41: Bairro Morada do Alto - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 42: Bairro São Vicente- Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 43: Bairro Franklin - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A periferia do núcleo urbano de Januária é ainda composta por bairros contemplados por programas públicos de acesso à moradia, como o PMCMV do Governo Federal (Figuras 44 e 45). Estes possuem pouca infraestrutura urbana e equipamentos terciários, e a população neles residente se desloca para a área central para o emprego e consumo de bens e serviços gerais.

Figura 44: Bairro Jardim Liberdade - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 45: Bairro Boa Vista - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Na extremidade dessa periferia, próxima às rodovias BR 135, MG 135, MG 479 e Corredor Chicó de Imídio, a presença de equipamentos terciários se torna rara e as condições de infraestrutura urbana são precárias. Há ainda nesse espaço alguns atributos rurais como áreas verdes densas e criação de animais, apresentados nas Figuras 46, 47 e 48, o que notadamente se assemelha as propriedades da zona periférica do modelo de Amorim Filho (2007).

Figura 46: Bairro Vale do São Francisco - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 47: Bairro Vale do São Francisco - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 48: Vila São Domingos - Zona Periférica de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A diferenciação entre zona periférica e a zona periurbana torna-se, em muitos casos, uma tarefa de difícil realização. Isso porque, essa última zona geográfica envolve as unidades periféricas mal integradas e se manifestam de maneira bastante dispersa. Os processos espaciais verificados da zona periférica de Januária, baseados na teoria de Corrêa (1989), contribuem para a compreensão do seu espaço urbano, desctando-se a segregação residencial. Isto reflete o valor da terra, a acessibilidade e as amenidades do ambiente, além da dinâmica espacial da segregação com a formação de novos bairros com classes sociais e estruturas urbanas diversas.

3.2.4. Zona Periurbana

O aspecto singular periurbano reside na existência de equipamentos de lazer, de casas de campo e hotéis-fazenda, que servem principalmente para população urbana de alto poder aquisitivo. Ressalta-se a marcante e presente característica de transição do cenário e de atividades urbana para a rural (AMORIM FILHO, 2007).

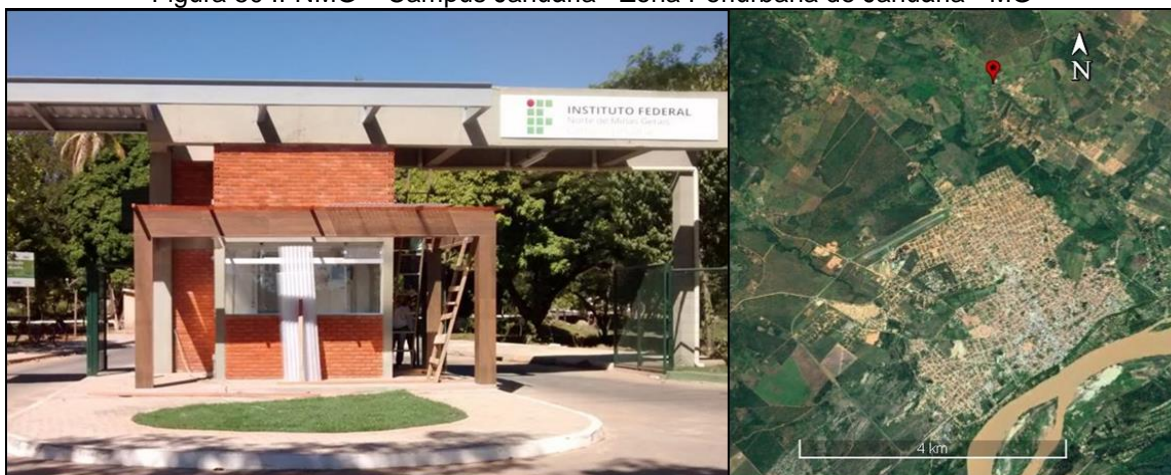
Na zona periurbana januarense (Figuras 49, 50, 51, 52 e 53), existem equipamentos terciários de relevância para o desenvolvimento de centralidades em sua Região Geográfica Imediata, tais como o IFNMG, o aeroporto e o parque de exposição municipal, bem como pequenas indústrias que atendem tal região, como por exemplo, a concreteira e a usina de energia solar. Há ainda nessa área a produção agrícola, que abastece a região e as edificações de lazer e de campo que atendem a classe urbana de maior poder aquisitivo.

Figura 49: Estrada do Bom Jardim - Zona Periurbana de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 50 IFNMG – Campus Januária - Zona Periurbana de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2019); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 51: IFNMG - Campus Januária - Zona Periurbana de Januária - MG



Fonte: Jornal Montes Claros (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 52: Corredor Chicó de Imídio - Zona Periurbana de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

Figura 53: Corredor Chicó de Imídio - Zona Periurbana de Januária - MG



Fonte: Dourado, L. F. N. (2020); Google Earth (2020); Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

A zona periurbana de Januária contorna a cidade, com exceção das localidades próximas ao Rio São Francisco, na zona sul da mancha urbana. Essa auréola periurbana tem, predominantemente, espaços vazios, evidenciada pela densa área verde. As características desse espaço, que conta com equipamentos terciários pontuais, infraestrutura rodoviária e atividades rurais, revelam a existência de transição entre o urbano e o rural.

Nessa zona, os processos espaciais fundamentados na teoria de Corrêa (1989) se manifestam de forma mais ponderada que nas demais, já que atributos rurais já se evidenciam e se caracterizam o espaço. No entanto, há o processo de segregação residencial, com a dicotomia das casas de campo e clubes campestres da sociedade de alto status junto às residências das populações menor status que praticam predominantemente atividades rurais.

Fundamentado na análise da área urbana de Januária e pautado no modelo de zoneamento morfológico-funcional de Amorim Filho (2007), constrói-se o cartograma do espaço urbano januairenses a partir das zonas central, pericentral, periférica, periurbana, bem como a partir das principais áreas com potencialidades de subcentros em formação, Mapa 23. A área atribuída como urbana ocupa uma extensão de 36,4km², e delimita a aplicação do modelo.

O contorno recortado das zonas geográficas revela não só uma forma estelar, mas também a presença de amplos espaços vazios, principalmente na zona periférica contínua, nas adjacências dos novos bairros e na zona periurbana, onde se tornam maioria.

Identifica-se ainda, a partir da análise do mapa de zoneamento morfológico-funcional, que há uma relação direta das vias no arranjo admitido pelo núcleo urbano, bem como a forma como se dá a sua evolução. A mancha urbana de Januária se dissemina carregada pelas principais vias Avenida cônego Ramiro Leite, Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, que é ligada a BR 135, Rua Barão do São Romão, Rua Corredor Chicó de Imídio, conectada a MG 479, Avenida Leão XIII, Rua Olíbrio Lima, vinculada a MG135, o que vai de acordo com o reconhecimento feito por Villaça (2001), de que as vias têm influência direta no direcionamento da expansão da malha urbana.

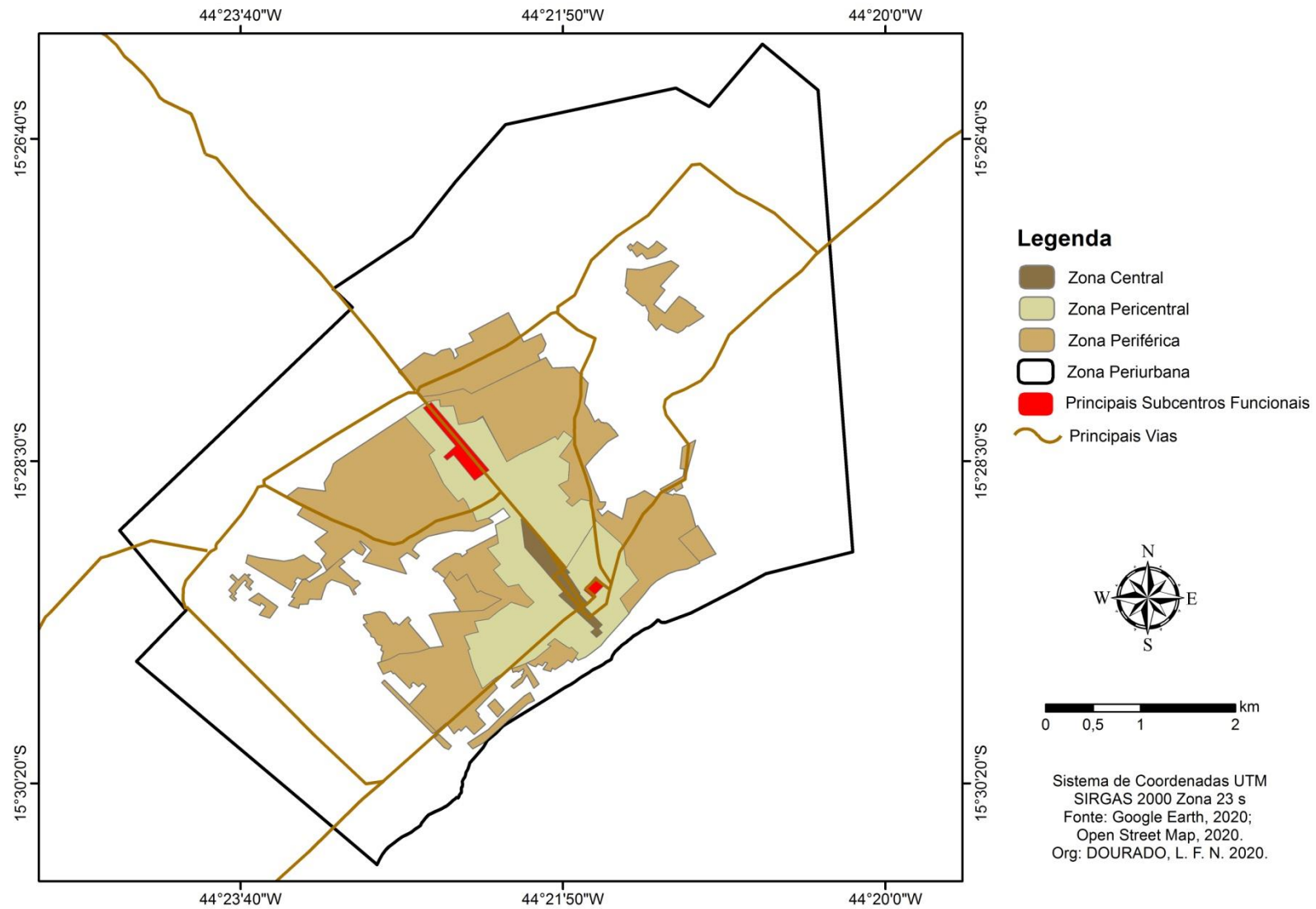
Os espaços urbanos de Januária aqui delimitados evidenciam ainda o processo de segregação social²¹ das áreas residenciais, em que a expansão do espaço urbano ocorre com diversas disparidades de infraestrutura e de acesso. Os novos bairros são retratos dessas diferenças, uma vez que são observadas paisagens com elementos urbanos mais completos, contando, por exemplo, com ruas com calçamento em boas condições, rede de esgoto, praças estruturadas, e acesso às principais vias e a equipamentos terciários essenciais, por outro lado há bairros com escassez de condições básicas de vivência.

A construção do cartograma morfológico-funcional de Januária permite a percepção de que seu espaço interno é complexo, tal como o de cidades médias, ainda que existam parâmetros de morfologia que se assemelhem as de cidades pequenas, como as mudanças bruscas entre zonas e menores complexidades e centralidades das áreas potenciais para subcentros em formação. Todavia, por meio dessa pesquisa, nota-se que todas as categorias de zonas urbanas presentes no modelo de AMORIM FILHO (2007) foram identificadas, salvo, as similaridades entre cidades médias.

A representação cartográfica aponta que o arranjo espacial contemporâneo de Januária se enquadra nas características remetidas à estrutura morfológico-funcional para cidades médias mineiras por Amorim Filho (2007), mas com singularidades, considerando alguns atributos das pequenas cidades.

²¹ A segregação social é compreendida neste trabalho a luz da teoria de Carlos (2007, p.47) que destaca “a existência de classe que diferencia os seus membros a partir do lugar que ocupam tanto na produção quanto na distribuição da riqueza gerada.” Sendo assim, a divisão do trabalho tem relevante atuação na diferenciação dos lugares.

Mapa 23: Cartograma do Zoneamento Morfológico Funcional de Januária - MG



Fonte: Google Earth, 2020; Open Street Map; Org.: Dourado, L. F. N. (2020).

O centro principal januarense tem como particularidade uma extensão alongada, com intensa movimentação de pessoas e de veículos, predominância de edifícios em altura média e com funções terciárias que promovem centralidade em sua Região Geográfica Imediata. A zona pericentral da cidade tem paisagem marcada pela prevalência da função residencial, com intensa diferenciação socioeconômica, e pela presença de locais potenciais de subcentros em formação com formato polifuncionais de alcance municipal e de equipamentos especiais. A periferia possui esboço espacial extenso e com diversidade na paisagem em conformidade aos aspectos sociais, além da marcante presença de vazios urbanos, assim como a zona periurbana de Januária, caracterizada pela presença de atividades rurais, de equipamentos específicos e de lazer.

Tais características apresentadas nas zonas geográficas de Januária são compatíveis, salvo suas especificidades, com o modelo morfológico de cidades médias, proposto por Amorim Filho (2007). Existem, porém, específicos aspectos de sua morfologia que são similares aos de cidades pequenas, como a transição abrupta entre as zonas morfológico-funcionais e o menor número de subcentros em formação que possuem abrangência e proporções limitadas.

Ao debater sobre a ciência urbana no âmbito das cidades médias, Batella (2013) se destaca ao propor que as análises dessa categoria sejam estruturadas sob a discussão de seus limiares²², já que eles são retratos da urbanização atual e reconhecem as realidades mistas das cidades médias.

Para Batella (2013, p.56), o limiar:

(...) supera a dimensão taxonômica e permite captar os híbridos, as mudanças e as mutações. Sua essência está nas tensões produzidas pelas articulações de escalas temporais e espaciais imprescindíveis para a compreensão das cidades médias contemporâneas

A utilização do modelo de Amorim Filho (2007) permite a co/mpreensão do espaço urbano, das centralidades, das relações e das funções desempenhadas, porém as análises mais dinâmicas e a percepção das particularidades, remetidas

²² De acordo com o Battela (2013), os limiares não se referem à ideia de limite territorial, mas como uma zona de transição, articulando as dimensões de tempo e espaço, de acordo com as singularidades das cidades.

pelas escalas de tempo e espaço, ficam restritas às descrições abrangentes das zonas morfológico-funcionais.

A utilização do modelo de zoneamento morfológico-funcional para cidades médias mineiras revelou-se potencial para as finalidades dessa pesquisa. Todavia, o referido modelo foi readequado para a cidade de Januária, tendo em vista suas singularidades, processos espaciais e contextos do Norte de Minas. Sendo assim, as propriedades de transições das zonas, sobretudo na periférica, e a abrangência limitada dos subcentros em formação presentes na zona pericentral de Januária são reconhecidas como especificidades assimiladas para o objeto de estudo.

Nesse sentido, é possível analisar Januária como uma cidade média, considerando sua estrutura morfológico-funcional, que se assemelha ao modelo proposto para cidades médias mineiras por Amorim Filho (2007), com contornos que se estabelecem como resultado de sua conjuntura regional, das centralidades e mediações exercidas na sua Região Geográfica Imediata e também na rede urbana norte-mineira. Januária apresenta ainda uma realidade mista de cidades médias, como define a teoria exposta por Batella (2013), de que a análise desses núcleos urbanos contemporâneos permite interpretar a transição, pautadas na articulação do tempo e do espaço, já que se transformam rapidamente, denotando-se a complexidade do processo de urbanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas urbanas apontam que a estrutura morfológica das cidades se vincula às funcionalidades e às dinâmicas regionais existentes. Sendo assim, os estudos empenhados na organização espacial revelam padrões de atributos morfológicos relacionados às interações espaciais, às centralidades e às complementaridades regionais.

No contexto do Norte de Minas Gerais, tem-se Montes Claros como cidade de maior categoria hierárquica urbana e, juntamente a ela, os centros urbanos de Januária, Janaúba e Pirapora, compondo a rede urbana norte-mineira em conjunto com as pequenas cidades.

Pautado no quantitativo demográfico, mas principalmente no papel desenvolvido nas relações externas regionais, a presente dissertação teve por recorte espacial a cidade de Januária. Apresentou-se seu contexto histórico, econômico, social, suas interações e centralidades com os seus distritos, sua Região Geográfica Imediata e a rede urbana a qual está inserida. Ademais, analisou-se o espaço intraurbano, identificando seu arranjo morfológico-funcional, com base no modelo proposto por Amorim Filho (2007) para cidades médias mineiras.

O primeiro capítulo dessa pesquisa explanou as abordagens teóricas para as cidades e o processo de urbanização, o que propiciou o entendimento dos sistemas urbanos a partir da recuperação conceitual acerca das redes e das hierarquias urbanas, com ênfase para as pequenas e médias cidades e os modelos morfológico-funcionais. Fundamentado no arcabouço teórico que compõe esse capítulo, estruturaram-se conexões entre o arranjo morfológico e as dinâmicas intra e interurbanas.

O segundo capítulo analisou o posicionamento regional de Januária, através da compreensão do seu processo histórico, da sua expansão urbana, das interações espaciais, das relações de centralidade e de complementaridade com seus distritos, com sua Região Geográfica Imediata e com a rede urbana norte-mineira a qual pertence. Com esse intuito, foram diagnosticados seus equipamentos e sua oferta de bens e serviços.

O terceiro capítulo estudou o sítio e o tecido urbano de Januária e aplicou o modelo de zoneamento morfológico-funcional, o que possibilitou reconhecer as complexas dinâmicas urbanas existentes em seu espaço e tecer análises sobre sua condição como cidade média “no limiar”, como explorado por Batella (2013).

As análises teóricas e conceituais explanadas nessa pesquisa fundamentaram a leitura do processo histórico de urbanização, do contexto político, demográfico, econômico e social, das relações de centralidade e de complementaridade entre Januária e seus distritos. Possibilitaram, ainda, a compreensão de suas interações com os municípios da sua Região Geográfica Imediata e Intermediária, seu posicionamento na rede urbana, seus aspectos do sítio e da mancha urbana e suas dinâmicas intra e interurbanas, permitindo assim avaliar a organização espacial e as funções urbanas desempenhadas por Januária.

A pesquisa demonstrou que o processo histórico de urbanização de Januária ocorreu inicialmente em função da proximidade ao Rio São Francisco, com intuito de usufruir do transporte fluvial. O espaço urbano januarense se expandiu consideravelmente nas décadas de 1980 e 1990, com o impulso do crescimento populacional, incentivo de políticas públicas urbanas e com a ampliação de equipamentos urbanos. O contorno urbano dessa cidade ainda sofreu alterações nas décadas de 2000 e 2010, com a intensificação das áreas ocupadas e com o surgimento de novos bairros, além da inclusão de localidades anteriormente consideradas rurais.

Os estudos de classificação hierárquica urbana apresentados retrataram o núcleo urbano de Januária, de forma geral, como pertencente à área de influência da cidade primaz da rede urbana norte-mineira, Montes Claros, e que exerce centralidade sobre pequenos municípios do entorno, reiterando seu papel de intermediadora, como elo entre os centros urbanos de níveis de hierarquia inferior e superior pertencentes à Região Geográfica Imediata de Montes Claros.

A respeito da centralidade exercida por Januária, verificou-se que em seu espaço urbano há equipamentos que atraem fluxos dos municípios do seu entorno. As demandas atendidas pelas IES e pelo Hospital Municipal em 2019 são exemplos que ratificam a importância da prestação de serviços presentes em Januária para a

região. Essa importância ganha relevância quando se observa a análise da procedência dos alunos matriculados nas IES (2019) situadas na cidade, que demonstrou um montante de 32,13% (836) dos discentes são provenientes de outras cidades, sendo 12,72% (331) com origem da Região Geográfica Imediata e 14,60% (380) da Região Geográfica Imediata de Montes Claros. Além disso, a consulta ao acervo do SAME do Hospital Municipal de Januária (2019) revelou que 10,07% (4.245) dos atendimentos foram realizados em pacientes de outros municípios, sendo 9,31% (3.924) com procedência de sua Região Geográfica Imediata.

As relações externas realizadas por Januária denotam atributos de centralidades e de complementaridades. Para os pequenos municípios das Regiões Geográficas Imediata e Intermediária, as interações são materializadas na sua mancha urbana, já com a cidade de Montes Claros as relações são de complementaridade, sendo procurados serviços ausentes em Januária.

A análise do arranjo morfológico do núcleo urbano januareense realizada nessa pesquisa se estruturou com base no modelo de Amorim Filho (2007), observando seu contexto histórico, econômico e social. Foram discriminadas as zonas geográficas central, pericentral, periférica e periurbana, com a observação do espaço construído, da infraestrutura urbana, da presença de equipamentos terciários e das suas respectivas atratividades, da localização das principais vias, da paisagem urbana e da intensidade de trânsito.

As zonas morfológico-funcionais de Januária, identificadas se adequam ao proposto pelo modelo de Amorim Filho (2007) para cidades médias mineiras, coexistindo atributos de pequenas cidades como: transição abrupta entre as zonas morfológicas funcionais e a presença de subcentros em formação que possuem alcance limitado.

Verificou-se que a **zona central** de Januária se caracteriza pelo aspecto alongado, pela intensa movimentação de veículos e pessoas pela preponderância de edificações com altura média e com funções comerciais que atraem fluxos regionais.

A **zona pericentral** envolve a mancha da zona central e possui seu espaço marcado pela acentuada presença de residências, com distinção socioeconômica, pela existência de possíveis subcentros em formação com funções diversas de alcance municipal e de equipamentos especiais, como a rodoviária, IES e feira CEASA.

A **zona periférica** está no entorno da zona pericentral, é extensa territorialmente e possui paisagem diversificada quanto aos aspectos sociais. É formada por agrupamentos que anteriormente não se encontravam na área urbana e possui intensos vazios urbanos nas proximidades de seu limite.

A **zona periurbana** contorna as demais zonas, exceto as localidades próximas ao Rio São Francisco, possui densa área verde e espaços vazios; se destaca pela presença de atividades rurais, equipamentos específicos e de lazer.

Tendo como base que o modelo utilizado define os aspectos que as zonas geográficas devem apresentar de forma abrangente e que as cidades médias manifestam características híbridas devido às rápidas transformações do espaço no tempo, as dessemelhanças denotadas são compreendidas como singularidades presentes no zoneamento morfológico-funcional da cidade de Januária. Dessa maneira, verificou-se que o seu esboço é compatível às estruturas funcionais de cidades médias.

Em síntese, essa pesquisa demonstrou que o modelo proposto por Amorim Filho (2007) propicia a análise das funções e a organização morfológica do núcleo urbano de Januária sob a condição de cidade média em sua conjuntura regional, considerando as suas particularidades, as quais são reconhecidas as dinâmicas intraurbanas referentes aos processos espaciais, à oferta de bens e serviços, às centralidades, aos fluxos, às funções desempenhadas, à composição do espaço urbano e ao seu posicionamento na rede urbana.

Nessa perspectiva, retoma-se à teoria de Batella (2013) para a análise de Januária na condição de cidade média “no limiar”, em que seu espaço intra e interurbano se apresentam em resposta aos processos singulares e gerais, articulados em escalas de tempo e espaço e em reprodução das aceleradas e complexas dinâmicas urbanas atuais.

Esta pesquisa desenvolvida pode contribuir para os estudos a respeito das cidades pequenas e médias ao contemplar e ampliar as análises de seus níveis hierárquicos nas escalas intra e interurbanas. Há ainda a expectativa de colaborar com a geografia do Norte de Minas, no desafio de expandir os trabalhos científicos a respeito de sua produção, do espaço e de sua rede urbana.

As pesquisas científicas desenvolvidas a respeito da urbanização e das dinâmicas intra e interurbanas, como nesse caso, são importantes para subsidiar a gestão pública no processo de planejamento e de gestão urbana e, a partir disso, buscar-se o desenvolvimento de políticas públicas que se apliquem adequadamente à região, atendendo as suas necessidades. Isto pode se materializar através dos embasamentos teóricos, das análises e dos diagnósticos decorrentes desses tipos de pesquisas, que evidenciam as propriedades do espaço urbano, da organização morfológica, das interações e das dinâmicas existentes. Nesse contexto, o presente estudo pode colaborar para o ordenamento, o planejamento e a gestão urbana dos municípios do Norte de Minas, enfaticamente para Januária.

Com o desenvolvimento desta pesquisa emerge questionamentos analíticos diversos que nos movimenta a ampliar a nossa compreensão sobre Januária. Sendo assim, propõe-se que análises futuras sejam desenvolvidas com a leitura dessa cidade como em sua totalidade, avançando, notadamente, na sua compreensão a partir das relações com espaço rural, pouco tratado nessa escala.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, R. L.; ORTIGOZA; S. A. G. Análise morfológico-funcional da área urbana de um pequeno município paulista: estudo de caso sobre Cananeia (Sp). **Revista OKARA: Geografia em debate**, v. 10, n. 1, p. 110-132. João Pessoa, 2016.
- ALVES, H. V. S. **Urbanização contemporânea: uma contribuição para o estudo das cidades**. 2013. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- AMARAL, A. A. História e memória de Januária. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 09, n. 097.01, Vitruvius, ago. 2008
- AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: AMORIM FILHO, O. B.; SENNA FILHO, N. de. **A Morfologia das cidades médias**. Goiânia: Vieira, 2007b. p. 21-34.
- AMORIM FILHO, O. B.; BUENO, M. E. T.; ABREU, J. F. Cidades de porte médio e o programa de ações sócioeducativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 12 n. 23-24, 33-46, 1982
- AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J.I.R.; J. CAMPOS. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Revista RA´E GA**, Curitiba, n. 13, p. 7-18, 2007. Editora UFPR.
- ANDRADA, H. **Caminho do Brejo – uma rua como aquela... nunca mais**. Editora Kelps. Goiânia, 2013.
- ANDRADA, H. **Januária que você não viu**. Editora Kelps. Goiânia, 2015.
- ARRUDA, M. A.; AMORIM FILHO, O. B. Os Sistemas Urbanos de Minas Gerais. GUIMARÃES; CUNHA; CHAVES. (Org.). Minas Gerais do Século XXI. Belo Horizonte: **Caderno BDMG**, 2002, v. 2, p. 187-248.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL/CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS – ACI/CDL Januária. **Apresentação município de Januária - MG**. Januária, 2015.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA ÁREA MINEIRA DA SUDENE - AMAMS. **Histórico**. Disponível em: <http://www.amams.org.br/6/textos/Historico_18/>. Acesso em fevereiro de 2020.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **IDHM**. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2010. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>>. Acesso em fevereiro de 2020.

BATELLA, W. B.; **Os limiares das cidades médias: reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni**. 2013. 228 páginas. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), campus de Presidente Prudente-SP, 2013.

Beaujeu-Garnier, J. **Geografia Urbana**. 2ª Ed. Lisboa: 1995.

BERTINI, G. C. **PITANGUI: rede urbana e zoneamento morfológico-funcional de um centro urbano emergente de Minas Gerais**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (Dissertação Mestrado em Geografia – Tratamento da Informação Espacial), 2011.

BESSA, K. **A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia**. 1. ed. Uberlândia: Composer/SN, 2007. 348p

BORDE, J; BARRÈRE, P; CASSOU-MOUNAT, M. **Les Villes françaises**. Paris: Masson, 1980.

CARLOS, A. F. A.. Diferenciação sócioespacial. **Revista Cidades (PRESIDENTE PRUDENTE)**, v. 4, p. 45-60, 2007.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1975], 2006.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. p. 230, 1966.

CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. v. 1. 310p .

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DEUS, J. B. (2008). As Cidades médias na nova configuração territorial brasileira - DOI 10.5216/bgg.v24i1.4135. **Boletim Goiano De Geografia**, 24(1), 81-91.

DUARTE, H. S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 36 (1), p.53-98, jan./mar, 1974.

FERREIRA. E. D.; SILVA, J. L. N. **Destino dos resíduos sólidos na cidade Januária - MG**. CEIVA Centro Educacional Integrado do Vale do São Francisco. Januária, 2010.

FLEURY, S.; OUVENEY, A.S.M.; KRONENBERGER, T.S.; ZANI, F.B. Governança local no sistema descentralizado de saúde no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v. 28, n. 6, p. 446–55, 2010.

FRANÇA, I. S. **A cidade média e suas centralidades: O exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais**. Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, (Dissertação Mestrado em Geografia), 2007.

FRANÇA, I. S.; ALMEIDA, M. I. A.; RIBEIRO, F. G.; MELO, T. M. Rede urbana norte-mineira: uma análise de fluxos rodoviários. **V Congresso em Desenvolvimento Social – Estado, Meio Ambiente e Desenvolvimento** – Unimontes – Montes Claros, 2016.

FRANÇA, I. S.; ALMEIDA, M. I. S.; SANTOS, B. S. M. Planejamento urbano na região Norte mineira: desafios e perspectivas dos gestores públicos. **GEOFRONTER**, v. 1, p. 29-44, 2018.

FRANÇA, I. S.; PEREIRA, A. M.; SOARES, B. R.; MEDEIROS, D. L. Cidade média, polarização regional e setor de educação superior: Estudo de Montes Claros, no Norte de Minas Gerais. ISSN: 1517-543X. **Revista Formação** (Presidente Prudente),n 16 v. 02, p. 52-70, 2009.

FRANÇA, I. S.; QUEIROZ, C. G. T. Rede urbana regional e os fluxos no setor de saúde no Norte de Minas Gerais. ISSN: 1980-1726. Hygeia: **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde** (Uberlândia), v. 9, p. 204-222, 2013.

FRANÇA, I. S.; QUEIROZ, C. G. T.; SOUZA, F. S. A rede urbana norte-mineira: reflexões sobre os fluxos espaciais entre Januária, Pirapora e Janaúba e a cidade média de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. **II Colóquio Cidade e Região: urbanidades e ruralidades contemporâneas, 2012**, Montes Claros / MG, 2012.

FRANÇA, I. S.; SOARES, B. R. Rede urbana regional, cidades médias e centralidades - estudo de Montes Claros e dos centros emergentes de Pirapora, Janaúba e Januária no Norte de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Vol. 14, núm 2, p. 169-185, Nov. 2012.

FREITAS, B. R. A morfologia urbana de uma cidade média: considerações sobre Montes Claros. **Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e esperanças**. Porto Alegre, de 25 a 31 de julho de 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HARVEY, D. **Social Justice and the City**, 1973.

HERMANO, V. M. **Janaúba/MG: uma cidade média no Norte de Minas Gerais**. 2016. 242.f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em novembro de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões geográficas imediatas e regiões intermediárias**. Edição: 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **IBGE Cidades**. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em fevereiro de 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Januária (MG)**. In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 25. p.

341-345.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Região de Influência das Cidades - REGIC: Edições: 1972-1987-1993-2007-2018**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em julho de 2020.

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG. **Breve histórico Campus Januária**. Disponível em: <<https://www.ifnmg.edu.br/menu-januaria/historico>>. Acesso em outubro de 2019.

JANUÁRIA. Arquivo Câmara Municipal. **Ampliação do Perímetro Urbano de Januária. Lei nº 1333**, de 15 de dezembro de 1989.

JANUÁRIA. Arquivo Câmara Municipal. **Ampliação do Perímetro Urbano de Januária. Lei nº 1930**, de 21 de dezembro de 2001.

JANUÁRIA. Arquivo Câmara Municipal. **Ampliação do Perímetro Urbano de Januária. Lei nº 2.326** de 28 de agosto de 2012.

JANUÁRIA. Arquivo Câmara Municipal. **Delimitação do Perímetro Urbano de Januária. Lei nº 1.000**, de 16 de maio de 1979.

JANUÁRIA. Arquivo Câmara Municipal. **Delimitação do Perímetro Urbano de Januária. Lei nº 2.227** de 08 de junho de 2010.

JANUÁRIA. Arquivo Prefeitura. **Código de Obras e Posturas do Município de Januária - MG. Lei nº 1006** de 11 de junho de 1979.

JANUÁRIA. Arquivo Prefeitura. **Lei complementar – Plano de Saneamento Básico do Município de Januária - MG nº 002**, de julho de 2014.

JANUÁRIA. Arquivo Prefeitura. **Lei complementar do Município de Januária - MG – Plano Diretor nº 068**, de 18 de abril de 2008.

JQUES, J. C. **Januária Ribeirinha**. Januária/MG. KG Gráfica, 2011.

JARDIM, C. H.; MOURA, F. P. Variações dos totais de chuvas e temperatura do ar na bacia do Rio Pandeiros, Norte do estado de Minas Gerais - Brasil: articulação com fatores de diferentes níveis escalares em área de transição climática de cerrado

para semiárido. **Revista Brasileira de Climatologia**- Ano 14 – Edição Especial Dossiê Climatologia de Minas Gerais – NOV, 2018.

LAJUGIE, J. **Les villes moyennes**. Paris; Éditions Cujas, 1974.

LEFEBVRE, H. **Le droit à la ville**, 1968.

LELOUP, Y. **Les Villes Du Minas Gerais**. Institut de Haytes Études de l'Amérique Latine. Paris, 1970

MOREIRA JUNIOR, O. Cidade partida: segregação induzida e auto-segregação urbana. **Caminhos de geografia** - revista on-line. Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia. v. 13, n. 33. Uberlândia, 2010.

NIMER, E. **Climatologia do Brasil**. 2.ed., Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

OLIVEIRA, H. C. M.; SOARES, B. S. Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia – MG, vv. 15, n. 52 Dez/2014 p. 119–133.

OLIVEIRA, R. A. Estudo do aproveitamento turístico da praia fluvial na cidade de Januária (MG). **Revista Multidisciplinar – Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros**. Nº 14, p. 101-114, Agosto, 2012.

PEREIRA, A. E. **Memorial Januária: Terras, Rios e Gente**. Mazza Edições Ltda. Belo Horizonte, 2004.

PEREIRA, F. M.; LEMOS, M. B. **Política de Desenvolvimento para cidades médias mineiras**. Outubro, 2004. P. 1-28. Disponível em <http://www.bdmg.mg.gov.br>.

QUEIROZ, C. G. T.; SOUZA, F. S.; SILVA, R. S.; OLIVEIRA, R. S.; FRANÇA, I. S. Cidades Médias e Rede Urbana Regional: estudo dos deslocamentos pendulares entre a cidade média de Montes Claros e Janaúba, Januária e Pirapora, no Norte de Minas Gerais, Brasil, 2000 e 2010. **14º Encuentro de Geógrafos de América Latina: Reencuentro de saberes territoriales latinoamericanos**, 2013, Lima.

ROCHA, M. A.; SALVI, R. F. Repensando a Tipologia de Modelos em Geografia. **GEOGRAFIA ENSINO & PESQUISA**, v. 21, p. 146-154-154, 2017.

RUIZ, R. M. (2005). Estruturas urbanas comparadas: Estados Unidos e Brasil. **Revista Estudos Econômicos**, julho, 2005.

SANTOS, G. R.; SILVA, R. S. Desenvolvimento Regional no Norte de Minas Gerais. **35º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu-MG, 2011.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2006.

SANTOS, M. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **Manual da Geografia Urbana**. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Livro Vira-Vira 1**. Edições BestBolso. Rio de Janeiro, 2011.

SENA FILHO, N. de. A rede urbana e o zoneamento morfológico – funcional de Caratinga, Manhuaçu e Viçosa – MG. In AMORIM FILHO, O.B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007.

SIMÕES, R.; AMARAL, P.; PEREIRA, M. A.; LAZARINI, V.; MAGESTE, S. Centralidades e hierarquia urbana em Minas Gerais: uma visão prospectiva. **XIV Seminário de Economia Mineira, 2010, Diamantina**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2010.

SINDEAUX, R. V; FERREIRA, C. G. Industrialização e trabalho na indústria no Norte de Minas: origens, Sudene e Reflexões sobre o perfil recente dos trabalhadores formais ocupados. **XV Seminário sobre a Economia Mineira, 2012, Diamantina-MG**. Seminário sobre a economia Mineira: Anais, 2012.

SOARES, B. R.; RAMIRES, J. C. L.; OLIVEIRA, H. C. M.; MELO, N. A.; RIBEIRO FILHO, V. Uberlândia (MG): Leituras Geográficas de uma cidade média em transição. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Org). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**. 1. Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2010.

SOUTO, K. G. S; SANTOS, G. R; O Desenvolvimento no Norte de Minas na Perspectiva da SUDENE. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 12/01, p. 69-78,

2014.

SOUZA, A. C. S. **Pirapora, uma cidade média no Norte de Minas Gerais**. 2008. 120.f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2008.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 123-145.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988, 88p

SPOSITO, M. E. B. Espaços urbanos: territorialidades e representações. In: **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: UNESP/FCT: GAsPER, 1999.

VIEIRA, A. B. Cidades médias: uma abordagem a partir da dimensão política da leitura econômica. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia – MG, v. 12, n. 40 dez/2011 p. 181 – 188.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: FAPESP, 2001.

Sites Consultados

<http://www.amams.org.br/>

<http://www.amigosdejanuaria.wordpress.com/2014/04/07/conheca-a-feira-de-januaria-mg>

<http://www.atlasbrasil.org.br/>

<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>

<http://www.camarajanuaria.mg.gov.br/site/index.php/cidade/turismo/praias-e-balnearios>

<http://www.camarajanuaria.mg.gov.br/site/index.php/legislacao>

<http://www.cnes.datasus.gov.br/>

<http://www.emec.mec.gov.br/>

<http://www.jornalmontesclaros.com.br/2020/03/02/norte-de-minas-ifnmg-campus-januaria-inaugura-laboratorio-e-predio-da-assistencia-estudantil-nesta-terca-dia-03-03/>

<http://www.recime.org/equipes>

[https:// www.sidra.ibge.gov.br/home/pimpfrg/nordeste](https://www.sidra.ibge.gov.br/home/pimpfrg/nordeste)

<https://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/januaria/historico>

<https://www.mg.gov.br/conheca-minas/geografia>

<https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/geografia/bacias-hidrograficas>

<https://www.pedrasdemariadacruz.mg.gov.br/pedras-de-maria-da-cruz-mg/galeriadefotos/>

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/09.097/1882>

ANEXO 01 – Matriz de procedência dos discentes matriculados nas IES localizadas em Januária - MG (2019)

Município de Origem	IFNMG	UNIMONTES	FUNORTE	UFVJM	UNIASSELVI	UNICA	UNINTER	UNIMES	TOTAL
Arinos	2								2
Belo Horizonte	9	2							11
Betim	2			1					3
Bocaiúva	2								2
Bonito de Minas	23	1	10		14	1	1	2	52
Brasília	8	1							9
Brasília de Minas	5	1		1					7
Buenópolis	1								1
Buritzeiro	5								5
Cachoeiras de Macacu	1								1
Campinas	0	1							1
Capelinha	2								2
Caratinga	3								3
Carbonita	1								1
Carinhanha	1	1							2
Chapada Gaúcha	4						1		5
Cocos	1								1
Colônia do Gurguéia	2								2
Cônego Marinho	56	1	1	6			1		65
Coração de Jesus	2	1							3
Cotia	1								1
Cuiabá				2					2
Curvelo	1								1
Diamantina	1								1
Dianópolis	1								1
Divinópolis	1								1
Duque de Caxias	1								1
Embu das Artes	1								1
Espinosa	3								3
Formoso	1								1
Francisco Morato	0	1							1
Guaraciama	1								1
Guanambi	2	1							3
Guarulhos	1								1
Ibiracatu	21			3					24
Indaiatuba	1								1
Ibirité	1								1
Itabira	1								1
Itacarambi	82	3	15	6	39	1		2	148

(Continua)

(Continuação)

Município de Origem	IFNMG	UNIMONTES	FUNORTE	UFVJM	UNIASSELVI	UNICA	UNINTER	UNIMES	TOTAL
Itaguara	1								1
Itamarandiba	5								5
Itapevi	1								1
Itatiba	1								1
Jaboticatubas	2								2
Jaíba	13			1					14
Janaúba	4								4
Januária	1017	83	213	117	254	29	30	23	1766
Japonvar	4		2	2					8
Juvenília	2								2
Juramento	1								1
João pinheiro	1								1
Linhares	1								1
Lontra	48		4	2	12			3	69
Luislândia	4		1						5
Luziânia	1								1
Macaé	1								1
Mairiporã	1								1
Malhada	2								2
Mamonas	1								1
Manga	10	10	3	2	22	2			49
Mauá	0	1							1
Medina	3								3
Mirabela	0	3							3
Miravânia	7								7
Montalvânia	3	1		1					5
Monte Azul	2								2
Montes Claros	44	10		7					61
Novo Gama	1								1
Pai Pedro	1			2					3
Paramirim	1								1
Paracatu	1								1
Paraopeba	2								2
Pedra Azul	1								1
Pedras de Maria da Cruz	35		6	3		1			45
Pirapora	6								6
Poá	1								1
Pompeu	1								1
Porteirinha	4								4
Pouso Alegre	1								1
Riacho de Santana	1								1

(Continua)

(Continuação)

Município de Origem	IFNMG	UNIMONTES	FUNORTE	UFVJM	UNIASSELVI	UNICA	UNINTER	UNIMES	TOTAL
Riacho dos Machados	4								4
Ribeirão das Neves	1								1
Ribeirão Preto	2								2
Rio de Janeiro	2								2
Rio Pardo de Minas	1								1
Santo André	1								1
Salinas	6								6
Salvador	1								1
São Francisco	28	2		3			2		35
São Gonçalo	1								1
São João da Lagoa	1								1
São João da Ponte	16			2				2	20
São João das Missões	8	1	4	1					14
São João do Pacuí	2								2
São João do Paraíso	1								1
São João Evangelista	1								1
São José da Lapa	1								1
São Paulo	5	8		1					14
São Romão	1								1
São Sebastião	1								1
São Sebastião do Paraíso	1								1
Taiobeiras	1								1
Sete Lagoas	1								1
Urutaí	1								1
Teófilo Otoni	1								1
Uberlândia	1								1
Várzea Paulista	1								1
Várzea da Palma	2								2
Varzelândia	8			10					18
Verdelândia	1								1
Vespasiano	1								1
Viçosa	2								2
Vitória da Conquista	1								1

Org.: Dourado, L.F. N. (2020).